



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
MESTRADO EM DIREITOS HUMANOS

MATEUS DE MELO ALBUQUERQUE

MASCULINIDADES BICHA:
quando os homens se colocam contra a hegemonia

RECIFE
2023

MATEUS DE MELO ALBUQUERQUE

MASCULINIDADES BICHA:
quando os homens se colocam contra a hegemonia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Direitos Humanos. Área de concentração: Direitos Humanos e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Soraya Maria Bernardino Barreto Januário

Coorientadora: Profa. Dra. Carolina Cavalcanti Falcão.

RECIFE

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lílian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

A345m Albuquerque, Mateus de Melo

Masculinidades bicha: quando os homens se colocam contra a hegemonia / Mateus de Melo Albuquerque. – Recife, 2023.
148f.: il.

Sob orientação de Soraya Maria Bernardino Barreto Januário.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, 2023.

Inclui referências e anexos.

1. Direitos Humanos e Sociedade. 2. Masculinidades. 3. Estudos de gênero. I. Januário, Soraya Maria Bernardino Barreto (Orientação). II. Título.

400 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2023-72)

MATEUS DE MELO ALBUQUERQUE

MASCULINIDADES BICHA:
quando os homens se colocam contra a hegemonia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Direitos Humanos. Área de concentração: Direitos Humanos e Sociedade.

Aprovado em: 17/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Soraya Maria Bernardino Barreto Januário (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Leonardo Pinheiro Mozdzenski (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Fernanda Capibaribe Leite (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Izadora Xavier do Monte (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Às minhas avós, Jacira e Elina

AGRADECIMENTOS

Lembro de uma tarde de domingo que gastei toda dormindo. Não conseguia me concentrar na escrita da dissertação porque todas as ideias em que eu estava trabalhando pareciam ter virado nuvens esparsas pelas quais minhas mãos podiam passar, mas nunca verdadeiramente agarrar. Nesse dia, fui tirar um cochilo logo depois do almoço e acordei quando o sol já estava se pondo. Existe uma poética particular no sonhar que eu acredito que, enquanto humanidade, ainda não conseguimos desvendar completamente

Nesta tarde, em todos os sonhos que tive durante as poucas horas que dormi, podia me assistir deitado no sofá em que estava na vida real, com diferentes situações se sucedendo, quase como em um looping multiversal. Me via conversando com amigos, depois assistindo TV com a pessoa que eu amava, almoçando com meus pais na mesa da sala, enfim... Talvez eu tenha visto todas as possibilidades de vida que eu poderia estar vivendo naquele momento em outros universos.

Essa tarde de domingo eu vivi em Recife, cidade que me deu à luz e me criou. Escrevi esses agradecimentos numa manhã de sábado em São Paulo, cidade que me acolheu e que nos últimos meses me ensinou mais coisas do que seria possível colocar numa dissertação. Agora, reviso todo o texto no Rio de Janeiro. Sou inquieto e um pouco mutante. Sempre fui. Essa pesquisa se moveu tanto quanto eu nos últimos 2 anos.

A sensação que pulsa no meu coração enquanto me ponho a escrever esses agradecimentos é parecida àquela de acordar de um sonho. Agradecer, afinal, é uma forma de enviar cartas de amor para todas as pessoas que fazem de mim um pouco mais *eu* e a todos os Mateus que já fui, sou e ainda vou ser. Escrevo meio que absorto em meus próprios pensamentos e possuído de gratidão por tudo que vivi durante o tempo de mestrado. Me sinto acordando transformado, certamente numa vida completamente àquela que tinha quando comecei essa jornada. O que eu quero dizer com este longo preâmbulo é que acredito que todas as histórias que falam sobre o caminho que leva alguém que está procurando sua casa de volta ao lar, começam com a saída dessa pessoa para explorar novos mundos.

Esse mestrado começou e acaba como um sonho. Terminei a graduação um pouco decepcionado comigo mesmo, porque sempre acreditei (e sonhei) que sairia da UFPE com uma graduação que me garantisse uma formação de pesquisa completa. Acho que algumas coisas atrapalharam isso, inclusive minha imaturidade de não entender que em 4, 6 ou até mesmo 10 anos, é impossível formar um pesquisador. 1 ano depois de entregar meu TCC, entre as longas noites de isolamento, solidão e medo dos primeiros meses da pandemia do Covid-19, comecei a escrever o projeto que me levaria a, alguns meses depois, ser aprovado no mestrado.

Então eu cheguei na pós, uma terra encantadora de fato. Mas com seus perigos, assombros e terrores próprios. Ainda bem que tive amigos ao longo de todo caminho. Sem gente, a gente não é gente e eu agradeço muito ao universo (todos quanto existirem) por todos aqueles que foram agentes de mudança na minha vida durante os dois últimos anos. O mestrado é, de fato, muito mais desafiador do que eu imaginava. Por vezes pensei em desistir. Mas a insistência de acreditar nos meus sonhos e o apoio de quem me cercava (em especial Soraya e Leonardo Gomes, aos quais dirigirei palavras mais diretas em breve) me fez permanecer.

Eu poderia facilmente dizer que essa dissertação é um fruto do meu trabalho sozinho e, embora minhas duas mãos tenham sido as únicas que tocaram o teclado do computador que produziu esse trabalho, várias outras seguraram o meu braço durante a jornada. E que jornada. Durante a graduação eu sempre ouvia pessoas que estavam na pós desabafando sobre como as suas caminhadas no mestrado ou no doutorado eram solitárias e isso me fazia gelar de medo. Mas a verdade é que eu nunca me senti só e isso me faz sentir eternamente grato. As pessoas ao meu lado sempre me acolheram e me incentivaram e é por causa desse apoio que eu cheguei até aqui.

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao meu pai e à minha mãe porque sem eles não seria possível para mim de forma alguma estar aqui vivo e, finalmente, defendendo minha dissertação de mestrado. André e Suzana foram as duas pessoas que mais investiram em mim durante toda a minha vida. Minha mãe me ensinou a não ter medo de sonhar alto e o meu pai a não ter medo de fazer tudo o que for preciso para realizar o que estiver no meu coração. Os dois me incentivaram e garantiram o acesso a uma educação básica de qualidade, o que me fez

conseguir entrar em uma universidade pública, gratuita e altamente conceituada. Durante o período da minha graduação continuaram investindo em mim de formas que eu nunca conseguirei retribuir. Vocês nunca se pouparam quando o assunto é se entregar, nem mediram esforços pra que eu tivesse tudo o que já tive. Eu nunca chegaria aqui se não fosse por vocês dois, e tenho orgulho disso porque vocês sempre me ensinaram que nenhuma jornada se faz sozinho. Precisamos sempre de pessoas.

Leonardo Gomes, tudo mudou tanto que a Terra já deu quase 200 voltas em torno de si, mas muita coisa permanece igual em mim. É como se as constelações do universo estivessem congeladas no tempo-espaço para que eu aprecie o quanto a vida se transforma e sempre acaba voltando ao mesmo lugar. Eu sou eternamente orgulhoso de dizer que esse trabalho é tão meu quanto seu. Durante quase todo o percurso de mestrado, você foi meu namorado, meu conselheiro, meu melhor amigo, meu revisor, meu especialista em Preciado e teoria antropológica. A minha maior inspiração e o meu tesouro mais precioso. Eu não chegaria aqui se não fosse por você. Obrigado por me incentivar tanto até nos momentos em que tudo que eu queria era desistir. Obrigado por pegar os meus textos e fazer sugestões elementares que proporcionaram a maturidade do trabalho final. Obrigado pelos 41 meses em que a segurança das minhas mãos foram as suas. Obrigado por tudo. Em todos os universos que eu exista, tenho certeza que sou a pessoa mais feliz do mundo só pela oportunidade de ter vivido cada viagem, sessão de cinema e domingo tedioso que vivi ao seu lado.

Agradeço também aos meus irmãos, Guilherme e Bruno. Eu odeio morar só porque não escuto diariamente o barulho de vocês brigando ou rindo. Agradeço às minhas avós Jacira e Elina, que foram as primeiras pessoas a me dizerem que não tem nada de mal em buscar o que me faz bem. Elas são algumas das minhas maiores inspirações de vida. Dedicadas, amorosas, afiadas. Tudo que eu quero ser, está nessas duas mulheres. Agradeço também ao meu avô, Valdene, por tudo que investiu em mim desde que eu nasci. Essa dissertação foi escrita durante a pandemia do coronavírus e eu gostaria de agradecer à minha tia Priscila por tudo que já fez por mim, mas em especial por dedicar meses da sua vida, privando-se muitas vezes de estar em família, para trabalhar na linha de frente da vacinação. Agradeço também aos meus tios Teco,

Bau e Alexandre por tudo que já fizeram por mim. Muito obrigado também Edna, Alberto, Ana Carla e Laura. E, tio Binho, que já se foi há tanto tempo, mas que parece ainda estar aqui juntinho, você me disse para *amar* com coragem. Espero estar cumprindo a missão.

Agradeço a Nico e Nina, meus dois irmãozinhos pet que aguentaram longas noites do meu lado enquanto eu escrevia essa dissertação e ficaram junto de mim enquanto eu lia incontáveis livros e artigos para produzir esse trabalho. Vocês são meu tudo.

Agradeço à minha orientadora Soraya. Essa palavra, “orientadora”, talvez signifique algo completamente diferente pra mim porque eu tive, antes de tudo, uma amiga. Uma amiga que se importou em me manter bem quando as coisas estavam desabando e que há tantos anos vem investindo em mim de maneiras inexplicáveis. Esse trabalho não é meu, Sol, ele é nosso. Ele não existiria se não fosse o seu incentivo e insistência em formar o pesquisador que eu sou hoje e eu não teria chegado até aqui se não fosse por você. E, obviamente, esse trabalho não existiria se você não fosse uma das minhas maiores referências para os estudos de gênero e das masculinidades. Obrigado por cuidar tanto de mim há tantos anos. Você sempre soube que hoje eu estaria aqui, mesmo quando eu duvidei. Lembro que na defesa do meu TCC você reclamou que eu não convidei minha família, mas no mestrado não poderia repetir o mesmo erro e hoje estamos aqui todos juntos, uma vida, uma pandemia e uma dissertação depois. Tudo mudou, mas tudo ainda parece igual. Muito obrigado por ainda estar por perto.

Agradeço a Carol por ser uma inspiração pessoal para mim quando se trata de pesquisa. Você é uma das pessoas mais inteligentes que conheço e tenho muitíssimo orgulho de ter sido seu *primeiro orientando de mestrado*. Leo Moz, você também sempre foi orientador dessa pesquisa, mesmo que não de maneira oficial. Sua percepção crítica ímpar me ajudou a conceber o projeto que eu imaginava, mas não conseguia colocar no papel. Muito obrigado por isso. Izadora, muito obrigado pelas trocas, debates e conversas, você também foi um pouco orientadora desse projeto. Agradeço também à professora Fernanda pelas trocas durante a disciplina que cursei no PPGCOM e pela disponibilidade de mais uma vez participar desse trabalho, agora como avaliadora.

Gostaria de agradecer a Isabela, a irmã que a vida colocou no meu caminho. Às vezes parece que a gente divide o mesmo cérebro, mas a verdade é que a gente já costurou os nossos corações juntos um do outro há muito tempo. *I've never seen someone lit from within*. Você continua sendo minha pessoa, mesmo que a gente não divida mais todas as tardes juntos, comendo coxinha no posto de gasolina ou cantando Taylor Swift pela Ilha do Leite. Se eu nascesse mais 100 vezes, escolheria ser seu amigo em todas essas vidas.

Camila, minha aventureira. Eu sempre soube que amar você seria te admirar crescendo e desbravando o mundo. E sou tão feliz por isso. Nossas conquistas nunca são *minhas*, ou *suas*, sempre são *nossas*. Pra mim você sempre vai ter som de mar e agora que você vai iniciar o seu nomadismo pelo mundo, tudo que eu posso perguntar é se você aceita me encontrar em alguma praia do Caribe no verão. Te amo por 10 mil corações.

Valeska, você é uma das melhores amigas que alguém pode desejar ter, e que eu (ainda bem) tenho. Ter você por perto é igual a se colocar na intensidade do olho de um tsunami, e ainda bem que eu me deixei molhar pela nossa amizade. Seja em Recife, São Paulo, Rio ou Nova York, te amo em todas as cidades do mundo e em todas as estações das nossas vidas. Um brinde de cachaça de jambu a tudo que a gente ainda vai viver, rir e chorar juntos.

Bárbara e Silvia, nunca soubemos ser sozinhos. Sempre fomos (e sempre seremos) nós três. Independente de tudo e *para* tudo. Hoje, estamos cada um em um ponto diferente do globo, mas as promessas continuam as mesmas: se reencontrar em Madrid e fazer mais um pub crawl como aquele de 2018. Obrigado por terem ficado por perto. Por terem aberto o coração e os ouvidos pra mim. *Sempre* seremos nós três.

Letícia, deixando todas as piadinhas (que só nós entendemos) de lado, viver ao seu lado é bom demais. Você torna a vida mais doce, divertida e gostosa. Eu já lhe disse isso e repito quantas vezes eu conseguir: você é uma das minhas maiores saudades em Recife. Te daria o mundo se eu pudesse, mas não posso, então serei o homem mais feliz do mundo assistindo (ao seu lado) você conquistá-lo. Todas as vezes que faltou força em mim, eu encontrei amor em você. Muito obrigado por tudo.

Gabriel e Bella. Honestamente, queria escrever uma dissertação só de amor por vocês, mas não tenho as palavras, elas sempre me faltam quando penso em vocês dois. Talvez ainda não tenham inventado as palavras certas para um amor assim. Se esse for o caso, cabe a nós mesmos descobrir formas de expressar o carinho que sentimos uns pelos outros, e isso nós sabemos fazer muito bem.

Aryel, temos um oceano de distância entre nós e o amor permanece igual. Eu atravessaria o Atlântico a nado só pra te abraçar. Nos vemos uma vez a cada dois ou três anos e o abraço ainda tem sensação de *casa*. Isso é louco. Mas o amor é, com certeza, um sintoma gravíssimo de loucura. Te amo desde que a gente se encontrou pela primeira vez.

Carol Souto e Marcela, com vocês eu tive a conversa que foi, provavelmente, uma das mais importantes da minha vida, quase 6 anos atrás. Tendo passado mais da metade de uma década, com vocês eu ainda teria as conversas mais profundas, íntimas e amorosas do mundo. Eu confio em vocês de olho fechado para qualquer medo. Eu amo vocês até os ossos.

Arthur e Rodrigo, nós parecemos um trio de irmãos. Cada um com uma personalidade diferente, mas se apoiando incondicionalmente. Rodrigo, você é uma das pessoas mais engraçadas que eu conheço. E você pode até não saber, mas muitas vezes os risos que você arrancou de mim curaram muita coisa no meu coração. Arthur, você é uma das pessoas mais cuidadosas que eu conheço. Você se importa genuinamente com as pessoas. Isso é lindo.

Bruna Katy, nos conhecemos há quase 20 anos. Você esteve aqui na minha vida por mais tempo do que eu posso me lembrar e ainda te considero minha alma gêmea, assim como, quando nós éramos crianças, eu brincava dizendo que um dia acabaríamos casando. Te amo há tanto tempo quanto sei o que é amor.

Bruna Marques, você me disse que nossa amizade estava escrita nas estrelas e eu acredito piamente nisso. Todas as forças do universo devem ter se reunido para nos tornar amigos e eu amo isso porque amo você.

Raphael, eu acho que você acredita mais em mim do que eu mesmo. Você me empurra pra frente, me faz acreditar nos meus sonhos e sua amizade me faz um bem danado. Ainda bem que a gente se esbarrou naquele bar há tantos anos atrás.

Da mesma forma, Miguel, Brenda Araújo, Herbertt e Mariah são materializações de amor, cuidado e companheirismo na minha vida. Me encho de orgulho de ver o crescimento de cada um de nós. Pedro Correia, André Duarte, Keylon, Noah, Laís, Diego, Luiza, Ighor, Gabriel Herdy, Brenda Coelho, Matheus Barbosa, Maycon, Artur Ferreira, Bia Sousa, Maíra, Malu, Thaís Rodrigues, Debre, Tati, Lopes, Raísa, Sabrina e Arthur Clark, nossa amizade é ouro. Dany, Flavinha, Hugo, Fernanda, Manu, meus colegas de grupo de estudo, obrigado pelas trocas ímpares! Amanda, Almir, Wallace, Pedro Alves, André Brondi, Walmir, Karol, Lulu, Pietra, amizades mais recentes que floresceram em meio à selva de pedras que é São Paulo, obrigado pelo acolhimento.

Em qualquer universo que eu estiver, ou aonde quer que os sonhos daquela tarde de domingo me levassem, eu tenho certeza que escolheria cada um de vocês de novo e de novo pra encarar a vida de peito aberto. Meu muito obrigado a todas essas pessoas. Não ousou ter esquecido ninguém. Esse trabalho é, afinal de contas, a soma de todo amor que já recebi.

= sentido =
felizmente, as palavras
se foram formando
Quem lhes deu
a “*verdade*” *absoluta*?
nada é *absoluto*
Tudo se transforma,
tudo se move, tudo
gira — tudo voa e vai.

(KAHLO, 2015, p. 220, grifos da autora)

RESUMO

Durante o curso desta dissertação, apresento, conceituo e analiso a ocorrência do que chamo de masculinidades bicha. A partir disso, são discutidas as posições discursivas que permitem a determinados homens exercer suas masculinidades de maneira não hegemônica. Sabendo que “bicha” é uma expressão utilizada de maneira injuriosa, o seguinte problema de pesquisa passou a se constituir: de que maneira os estudos de gênero podem contribuir para entender como alguns homens assumem para si, de maneira positiva, uma identidade marginalizada? A partir dessa inquietação, constituí como objetivo principal do trabalho o de, por meio de uma pesquisa engajada com a perspectiva dos direitos humanos, inserir as masculinidades bicha nos estudos de gênero e sexualidade que tratam do contexto brasileiro. Em outras palavras, com o trabalho tenho a finalidade de expandir os estudos das masculinidades brasileiras tendo como ponto de partida e de chegada a perspectiva das bichas. Para o desenvolvimento da investigação foram mobilizadas de maneira transdisciplinar, interdisciplinar e indisciplinar contribuições variadas, como as teorias *queer* e teorias feministas de diferentes perspectivas, estudos de gênero, estudos das masculinidades, estudos decoloniais, estudos culturais, entre outros. O corpus trabalhado na pesquisa trata-se, em um primeiro momento de uma análise temática sobre o grande tema das masculinidades brasileiras, e posteriormente da análise de três entrevistas narrativas realizadas com homens que se reconhecem no espectro da bicha a fim de compreender como esses sujeitos constituem uma imagem de si e das suas masculinidades no mundo generificado. Como resultado, foi possível constatar que a identidade bicha é articulada a partir do pertencimento a um grupo de apoio, sendo este composto de outras bichas e pessoas LGBTQIA+, além de estabelecer relações que também são diferenciadas a partir de marcadores como raça e classe.

Palavras-chave: masculinidades; estudos de gênero; masculinidades bicha; direitos humanos.

ABSTRACT

Throughout the course of this essay, I present, conceptualize and analyze the occurrence of what I call masculinidades bicha [faggot masculinities]. From this, I debate on the discursive positions that allow certain men to exercise their masculinities in a non-hegemonic way. Knowing that “bicha” is an expression used in an insulting way, the following research problem began to be constituted: how can gender studies contribute to understanding how some men take for themselves, in a positive way, a marginalized identity? Based on this concern, I constituted the main objective of the work to insert the masculinidades bicha in gender and sexuality studies that deal with the Brazilian context by doing a research engaged with the perspective of human rights. In other words, with the work I intend to expand the studies of Brazilian masculinities having as a starting and ending point the bichas perspective. For the development of the investigation, various contributions were mobilized in an transdisciplinary, interdisciplinary and interdisciplinary way, such as queer theories and feminist theories from different perspectives, gender studies, masculinity studies, decolonial studies, cultural studies, among others. The corpus worked on in the research is, at first, a thematic analysis on the great theme of Brazilian masculinities, and later the analysis of three narrative interviews carried out with men who recognize themselves in the spectrum of the bicha in order to understand how these subjects constitute an image of themselves and their masculinities in the gendered world. As a result, it was possible to verify that the bicha identity is articulated from belonging to a support group, which is composed of other bichas and LGBTQIA+ people, in addition to establishing relationships that are also differentiated from markers such as race and class.

Key-words: masculinities; gender studies; bicha masculinities; human rights.

RESUMEN

Durante el curso de esta disertación, presento, conceptualizo y analizo la ocurrencia de lo que llamo masculinidades bicha [masculinidades marica]. A partir de ello, se discuten las posiciones discursivas que permiten a ciertos hombres ejercer sus masculinidades de forma no hegemónica. Sabiendo que “bicha” es una expresión utilizada de manera insultante, se empezó a constituir el siguiente problema de investigación: ¿cómo pueden los estudios de género contribuir a comprender cómo algunos hombres asumen para sí, de forma positiva, una identidad marginada? Partiendo de esta preocupación, constituí el objetivo principal de este trabajo, a través de investigaciones comprometidas con la perspectiva de los derechos humanos, insertar las masculinidades bicha en los estudios de género y sexualidad que se ocupan del contexto brasileño. En otras palabras, con el trabajo pretendo ampliar los estudios de las masculinidades brasileñas teniendo como punto de partida y de llegada la perspectiva de las bichas. Para el desarrollo de la investigación se movilizaron diversos aportes de manera transdisciplinaria, interdisciplinaria y indisciplinaria, tales como teorías queer y teorías feministas desde diferentes perspectivas, estudios de género, estudios de masculinidad, estudios decoloniales, estudios culturales, entre otros. El corpus trabajado en la investigación es, primero, un análisis temático sobre el gran tema de las masculinidades brasileñas, y luego el análisis de tres entrevistas narrativas realizadas con hombres que se reconocen en el espectro de la bicha para comprender cómo estas los sujetos constituyen una imagen de sí mismos y de sus masculinidades en el mundo generizado. Como resultado, se pudo verificar que la identidad bicha se articula a partir de la pertenencia a un grupo de apoyo, el cual está integrado por otras personas bicha y LGBTQIA+, además de establecer relaciones que también se diferencian de marcadores como la raza y la clase.

Palabras-clave: masculinidades; estudios de género; masculinidades bicha; derechos humanos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Comparativo das identidades bicha no Brasil.....	40
Figura 2 -	Menções à bicha no audiovisual brasileiro (Lilica e Pixote, do filme Pixote; Bicha Bichérrima, personagem de Paulo Gustavo; Porteiro Severino, do programa Zorra Total).....	41
Figura 3 -	Esquema relacional das masculinidades homossexuais brasileiras.....	43
Figura 4 -	Comparativo de inteligibilidade das masculinidades.....	44
Figura 5 -	Linha do tempo das expressões pejorativas.....	55
Figura 6 -	Mapa histórico da bicha.....	60
Figura 7 -	Stencil produzido durante a disciplina Comunicação e Gênero.....	66
Figura 8 -	Pabllo Vittar na capa da Revista POP-SE.....	73
Figura 9 -	Esquematização da heterossexualidade compulsória.....	76
Figura 10 -	Expressões de gênero e a masculinidade bicha.....	77
Figura 11 -	Comparativo norma x normalidade.....	83
Figura 12 -	Aspectos relacionais das masculinidades.....	84
Figura 13 -	Peça da campanha “É Pra Falar De Gênero SIM”.....	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Glossário introdutório da pesquisa.....	20
Quadro 2 - Fases da entrevista narrativa.....	30
Quadro 3 - Etapas da Análise Temática.....	32
Quadro 4 - Utilização de etapas da Análise Temática.....	33
Quadro 5 - Divisão temática dos capítulos.....	33
Quadro 6 - Descritivo das expressões pejorativas.....	55
Quadro 7 - Tipos de masculinidades.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GGB	Grupo Gay da Bahia
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis, <i>queers</i> , interssexos, assexuais e outras dissidências de gênero e sexualidade
LGBTQIA+fobia	Aversão e preconceito contra lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis, <i>queers</i> , interssexos, assexuais e outras dissidências de gênero e sexualidade
PT	Partido dos Trabalhadores
ONU	Organização das Nações Unidas
TERF	Trans excludent radical feminist

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: Criando problemas, localizando saberes.....	20
2	MASCULINIDADES BICHA.....	38
2.1	CONTRA-HEGEMONIA.....	49
2.2	BICHA, SUBSTANTIVO FEMININO.....	54
2.3	APRENDIZADOS.....	63
3	MASCULINIDADES COMO TEORIA.....	68
3.1	NÃO SE NASCE HOMEM.....	73
3.2	AS MASCULINIDADES CONSTITUINDO UM CAMPO TEÓRICO.....	79
3.3	APRENDIZADOS.....	86
4	MASCULINIDADES COMO HISTÓRIA.....	89
4.1	HOMOFOBIA E MASCULINIDADES.....	89
4.2	RECONTANDO A HISTÓRIA DAS MASCULINIDADES.....	100
4.3	APRENDIZADOS.....	114
5	CONCLUSÃO: Sobre pensamentos monstruosos.....	116
	REFERÊNCIAS.....	125
	ANEXO A - ENTREVISTA BETO.....	130
	ANEXO B - ENTREVISTA ARIEL.....	136
	ANEXO C - ENTREVISTA GABRIEL.....	144

1 INTRODUÇÃO: Criando problemas, localizando saberes

Como uma forma de resposta à tarefa que me propus a cumprir de escrever uma dissertação ética, responsável e acessível; e na tentativa de corresponder ao desafio de realizar uma pesquisa de mestrado em um país que, durante o período que cursei essa etapa acadêmica, não incentivou a produção de conhecimento para as ciências de forma geral, em especial no que toca às humanidades e, em um nível mais profundo, os estudos de gênero, sexualidade e Direitos Humanos, início essa investigação compondo uma espécie de glossário para o texto que segue.

Faço isso por acreditar que os termos-chave do trabalho podem ter significados difusos, e por isso gostaria de deixar as pessoas leitoras a par da abordagem que dou para cada uma dessas questões ao longo da dissertação. Esse esforço também é feito porque acredito que as ciências (humanas, da natureza, exatas, etc) só existem porque se comprometem em alguma esperança de futuro, assim como apontou Haraway (1995). Após essa apresentação, discuto algumas das teorias e metodologias utilizadas para a realização da pesquisa.

Quadro 1: Glossário introdutório da pesquisa

Bicha: é um termo usado para se referir, e muitas vezes ofender, pessoas designadas como homens no ato do nascimento que performam algum tipo de feminilidade;
Homem: palavra que se refere à identidade e ao auto reconhecimento de determinados sujeitos no esquema das relações de gênero;
Masculinidades: ideia que trata da possibilidade de estabelecer relações com o que significa ser masculino(a/e) em suas mais diversas potencialidades, fragilidades, forças e fraquezas;
Homossexualidade: termo que se refere à atração sexual e afetiva que indivíduos (no caso da pesquisa, homens) têm por outros indivíduos do mesmo gênero;
Gênero: é um conceito que descreve como os sujeitos se relacionam discursiva e materialmente com o próprio corpo e com outros indivíduos;
Masculinidades bicha: característica que determinados homens têm de expressar, performar e materializar feminilidades sem deixar pertencer a uma certa ideia de masculinidade.

Fonte: Produção minha

Assim como toda aventura na qual o caminho se revela mais precioso do que a chegada, essa pesquisa foi sendo transformada ao longo do curso do mestrado, enquanto eu me formava como pessoa e pesquisador. A proposta inicial era a de pesquisar menções homofóbicas que ainda atuam na esfera pública hoje, mas o trabalho se transformou numa espécie de continuação de um tema que venho trabalhando desde a conclusão da graduação em Comunicação (MELO ALBUQUERQUE, 2019): as relações entre masculinidades e diversidade sexogendérica. Dessa forma, articulei a ideia de masculinidades bicha, conceito que será desenvolvido ao longo da investigação, um tema promissor para a pesquisa, não apenas pela escassez de pesquisas acadêmicas sobre a temática do masculino, se comparada a outros temas dos estudos de gênero, mas também pelo interesse de possibilitar a abertura de novos campos de estudo para as masculinidades brasileiras. A curiosidade é, afinal, o primeiro passo para se aprender algo e o início do caminho para qualquer jornada de pesquisa.

Além de esmiuçar o termo, a pesquisa também apresenta as alternativas dissidentes que as masculinidades bicha representam em relação ao cis-tema¹ hegemônico e normalizador de sexo, gênero, desejo e identidade. A ideia de inversão, reapropriação e até mesmo ressignificação do discurso tem sido amplamente utilizada pelas teorias e pelos movimentos *queer* pelo menos desde os anos 1990 como uma maneira de reivindicar a visibilidade de existências que não se conformam às normas da cis-heterossexualidade. Uma das estratégias usadas pelo movimento é a de utilizar palavras anteriormente usadas como xingamento, desta vez possibilitando que pessoas marginalizadas retomem esses termos como uma estratégia política de reapropriação do discurso e, portanto, das suas políticas performativas.

O interesse da análise das masculinidades bicha começou com a observação da reapropriação da injúria bicha, ou seja, da identificação da possibilidade do seu uso como uma identidade positiva. Isso significa que indivíduos historicamente localizados podem utilizar de uma palavra outrora utilizada para ferir de maneira produtiva, de maneira semelhante à que a palavra *faggot* é utilizada nos Estados Unidos e no Reino Unido, ou *maricon* na Espanha. Apesar de essa investigação não ser do campo da linguística ou da comunicação, cabe destacar que a possibilidade de uma palavra se inscrever como xingamento ou posição afirmativa está intimamente entrelaçada com o evento comunicativo em que é lançada.

Nesse sentido, a possibilidade de uso está atrelada ao contexto, aos atores e ao conteúdo da mensagem em si. Em outras palavras: o que importa não é simplesmente a intenção com que

¹ Ou (cis)tema/cistema, trocadilho da palavra *sistema* com *cis*, identidade normalizadora das identidades sexogendéricas, ver Simakawa (2020). O termo vem sendo bastante utilizado no Brasil, sobretudo nos estudos transfeministas e das travestilidades.

se fala, visto que esta pode ter uma carga moral que não é material, mas é o emissor, o lugar do qual ele fala, quando fala e como fala que produzem uma inscrição específica dos sujeitos bicha na mensagem. Esses chamados atos de fala (BUTLER, 2019b) dão base aos estudos da performance. Tais fatores apontam não apenas para a carga histórica, social e cultural que antecede a palavra, mas a sua possibilidade de sofrer alterações na medida em que o evento comunicativo seja alterado ao longo do espaço-tempo ou do seu contexto de lançamento.

Na presente dissertação proponho que as masculinidades bicha representam uma rota de fuga à ordem hegemônica do masculino. Para o trabalho, meu principal objetivo foi o de, por meio de uma pesquisa engajada com a perspectiva dos direitos humanos, inserir as masculinidades bicha nos estudos de gênero e sexualidade que tratam do contexto brasileiro. Em outras palavras, com a investigação tenho a finalidade de expandir os estudos das masculinidades brasileiras tendo como ponto de partida e de chegada a perspectiva das bichas. Aliado a esse objetivo, estão os de identificar como a figura das bichas podem contribuir para entender as relações internas das masculinidades no Brasil; analisar como os sujeitos bicha constituem uma imagem de si e das suas masculinidades no mundo generificado; e discutir as principais abordagens teóricas sobre gênero e masculinidades na atualidade.

Sabendo que “bicha” é uma expressão comumente utilizada de maneira injuriosa, pejorativa e preconceituosa, equacionei o seguinte problema de pesquisa: de que maneira os estudos de gênero podem contribuir para entender como alguns homens assumem para si, de maneira positiva, uma identidade marginalizada? A principal hipótese que orientou a realização da investigação consiste na suposição de que as bichas assim se intitulam por reinventar aquilo que lhes foi apresentado como um xingamento, e isso só foi possível 1) porque elas não têm interesse de participar da hegemonia do masculino; 2) por uma reapropriação coletiva da palavra, ou seja pelos acolhimentos comunitários, questão que, ao longo da pesquisa também chamo de “autorizações mútuas”.

A proposta teórica que me orientou ao longo do trabalho foi eminentemente diversa e multidisciplinar, visto que pude utilizar a contribuição de diversas áreas do conhecimento, como as teorias queer, teorias feministas de diferentes perspectivas, estudos de gênero, estudos das masculinidades, estudos decoloniais/pós-coloniais/descoloniais, estudos culturais. Além de estudar disciplinas como antropologia, sociologia, filosofia, linguística, comunicação, educação, entre tantas outras. Além disso, foi importante pensar com corpos diversos. Dessa maneira, assumi como compromisso ético e político priorizar o pensamento de pessoas do Sul, pessoas trans e travestis, pessoas não-binárias, pessoas negras, etc, justamente por estar trabalhando com um objeto de estudo localizado no contexto brasileiro. Não acho que isso seja

um troféu, afinal esse compromisso é o mínimo que um trabalho realizado em um PPG de Direitos Humanos deve fazer.

Já tendo entrado nessa esteira, destaco que a perspectiva dos Direitos Humanos é fundamental para pensar a ocorrência das masculinidades bicha no Brasil. Não apenas por seu engajamento na produção e defesa da dignidade humana, mas também porque estes compõem uma gramática que propõe pensar as posições marginalizadas através de outras abordagens, outras formas de refletir sobre as maneiras como entender o mundo na expectativa de criar um futuro mais justo para todas as pessoas. Ao longo do trabalho, a perspectiva epistemológica utilizada para abordar temas relacionados aos Direitos Humanos trata de um núcleo de convergência entre ideias de moralidade e política (ALVAREZ, 2022) em busca da emancipação e autonomia humanas. Lembremos, inclusive, que essa pesquisa se iniciou no momento político em que o Brasil tinha uma ministra de Direitos Humanos que sugeria que meninos devem vestir azul em negação do rosa, cor de menina.

É inegável que essa pesquisa começa a partir da contribuição que as teorias críticas feministas e *queer* trazem às ciências sociais. Em poucas palavras, o exercício realizado por um pensamento feminista *queer* é o da insistência em levar em consideração as pessoas que foram deixadas de lado quando, em momentos anteriores, os feminismos se focaram excessivamente em um sujeito mulher que, como afirmado pelo movimento *queer*, se tornou excludente, universalista e hegemônico (BUTLER, 2019b). Mas o feminismo *queer* sozinho não dá conta de algumas das especificidades tratadas ao longo da pesquisa por ser um pensamento majoritariamente do Norte Global.

Assim, questões como gênero e colonialismo ou gênero na América Latina são melhor exploradas por teorias de feministas decoloniais e entram ao longo da pesquisa para tratar do contexto específico em que os corpos dos homens bicha existem. Dessa forma, realizo o exercício de mobilizar categorias levantadas tanto por teorias feministas *queer*, como pelas feministas decoloniais durante o trajeto da pesquisa.

Durante a investigação, o trabalho de Judith Butler, teórica estadunidense, foi importantíssimo para pensar grande parte dos problemas de gênero com que estou trabalhando. Foi, também, a partir da sua teoria que surgiu a curiosidade de entender como os performativos se invertem, e enunciados que uma hora eram usados para ofender são recuperados como resistência. Butler (2019b) ao mesmo tempo que tece uma investigação a partir do presente histórico para construir sua crítica às categorias do sujeito “mulheres” como objeto político do feminismo, insiste pensar uma história de corpo na intenção de entender que o próprio “sexo” não é completamente natural, mas é designado a partir, também, de uma produção cultural.

A obra de Paul Preciado foi uma importante contribuição para pensar não apenas as políticas *queer*, como também suas estratégias hiper e pós-identitárias. Preciado (2011; 2017) propõe que a sexopolítica, correlata da contrassexualidade, pode criar um projeto de representação política ao mesmo tempo hiper e pós-identitária. Embora a temática vá ser melhor explorada ao longo do corpo do trabalho, pontuo que as duas propostas argumentam sobre multidões diversas dos excluídos do cis-tema de sexo/gênero. Tal proposta de feminismo *queer* luta por aqueles que foram mais excluídos e marginalizados, até mesmo pelos movimentos de libertação sexual e de gênero, na intenção de dar voz a essas pessoas. Dessa forma, o autor argumenta também em favor de uma política de contrabando da cis-heterossexualidade na qual a ideia de *multidão* é fundamental para pensar a representação dos *anormais*, sendo a bicha, nesse sentido, uma possibilidade de *anormalidade* ou *monstruosidade*.

Em seguida, a socióloga australiana Raewyn Connell contribuiu com o trabalho por ser autora de uma das obras mais influentes no campo de estudos das masculinidades. Connell (2005; 2013) argumenta que existe uma ordem dada às masculinidades para que sigam um modelo hegemônico praticamente impossível de ser alcançado. Apesar das críticas feitas ao conceito (que serão exploradas ao longo da dissertação) e sabendo que a própria autora revisa-o em um dado momento, essa teoria foi fundamental para as ciências sociais alargarem os saberes críticos em torno das relações de gênero que os homens desenvolvem entre si e com o resto do mundo social, principalmente porque permitiu a criação de outros pensamentos em torno do *ser homem*.

Uma das principais contribuições que a obra de Connell faz ao presente trabalho é a de ajudar a pensar as masculinidades por uma perspectiva histórica como, anteriormente à publicação de *Masculinities* (CONNELL, [1995] 2005) as teorias feministas já faziam em torno do significante *mulher*. Na esteira de pensar as masculinidades como construções socioculturais, a autora apresenta uma abordagem na qual masculinidades não normativas mantêm um caráter relacional fundamental para a manutenção da ordem hegemônica.

Uma das autoras que se propõe a pensar novas teorias das masculinidades a partir da obra de Connell é Mara Viveros Vigoya (2018). A antropóloga pensa as masculinidades latino-americanas como fundamentalmente diferentes das que se desenvolvem no Norte Global, inclusive levando em consideração uma perspectiva racial para cruzar os estudos das masculinidades (gênero) com outros marcadores sociais da diferença, como a própria raça e a classe social. Dessa forma, pensa as políticas das masculinidades, suas representações culturais e sua relação com representações nacionais e étnico-raciais.

Numa proposta semelhante, a contribuição de Rita Segato (2021) também é importante para refletir sobre como o processo da invasão interferiu nas relações de gênero da América Latina e como, até hoje, é possível ver o ordenamento de sexo/gênero aberto pela ferida colonial. Assim, a antropóloga argentina desenvolve o conceito de “patriarcado de alta/baixa intensidade”, relação de transformação do patriarcado que é resultado do impacto da colonização, visto que a chegada dos invasores europeus transformou os sistemas de relação de gênero locais trazendo a alta intensidade para um patriarcado que anteriormente era caracterizado por uma baixa intensidade, o que consequentemente aumenta a violência, dentre outras questões que serão exploradas.

As críticas que farei ao longo pesquisa às noções de universalidade de temas como direitos, liberdade, progresso e modernidade se baseiam naquilo que Rita Segato propõe como sendo uma “projeção eurocêntrica da estrutura das instituições na modernidade sobre as instituições do mundo-aldeia”. Tal projeção se baseia em pautas de “interesse parcial, particular, considerando-se como um acréscimo aos temas centrais e de interesse universal”, já que “o mundo moderno é o mundo do Um, e todas as formas de alteridade com relação ao padrão universal representado por este Um constituem um problema” (SEGATO, 2012, p. 125). Em suma, para a autora a transformação que o processo colonizatório causou nos arranjos de gênero dos povos originários é irreversível e destrutiva, mas tenta ser, de alguma forma remediada, pela ação dos movimentos feministas e dos tratados internacionais e falaciosamente universais de Direitos Humanos².

Com a contribuição do antropólogo James Green (2019) e do jornalista João Silvério Trevisan (2018; 2021) analisarei as relações e negociações que a masculinidade hegemônica brasileira estabelece com as masculinidades dissidentes, entre elas, a bicha. Os autores são fundamentais para pensar as histórias dos discursos sobre homossexualidade e masculinidades homossexuais no Brasil e, portanto, são duas das principais referências em pesquisas do tema. Em suas obras, encontrei um material histórico de profundo valor para análise das relações de gênero e sexualidade que envolvem as masculinidades dissidentes, bem como a história e os usos históricos do termo bicha.

No que diz respeito às perspectivas metodológicas, o estudo trata-se, majoritariamente, de uma pesquisa de cunho bibliográfico que envolveu aprofundamento, crítica e criatividade

² Sobre isso, Segato (2012, p. 128) aponta que “quando, em um gesto que pretende a universalização da cidadania, pensamos que se trata de substituir a hierarquia que ordenava a relação de homens e mulheres por uma relação igualitária, o que estamos realmente fazendo é remediando os males que a modernidade já introduziu com soluções também modernas: o Estado entrega com uma mão o que já retirou com outra”.

para desdobrar livros, artigos, ensaios, materiais audiovisuais, entre outros, na perspectiva teórica que foi adotada para o trabalho. O trajeto metodológico que guiou a realização da presente investigação se iniciou com um levantamento bibliográfico de obras clássicas e contemporâneas sobre os grandes temas dos estudos de gênero, estudos das masculinidades, estudos da sexualidade, estudos das homossexualidades brasileiras, teorias *queer*, teorias feministas, direitos humanos entre outros. Devo destacar as contribuições de *Problemas de gênero*, *Corpos que importam* e *Discurso de ódio*, de Judith Butler, *Manifesto contrassexual* e *Testo Junkie*, de Paul B. Preciado, *Masculinities*, de Raewyn Connell, *Além do Carnaval*, de James Green e *Devassos no Paraíso*, de João S. Trevisan.

Durante o processo de leitura, foi “fácil” encontrar referenciais que abordam temas como feminismo, sexualidade e gênero, apesar de esse último por vezes se confundir, em muitos dos textos que li, com estudos das mulheres. Isso permitiu perceber que essas duas áreas do conhecimento, estudos das mulheres e estudos de gênero, soam quase como sinônimos, como se a categoria mulher fosse a definição de gênero e a categoria homem, entre outras categorias ainda pouco trabalhadas, passassem despercebidas nos estudos de gênero.

A maioria dos textos usados para os estudos das masculinidades são antigos (escritos originalmente entre os anos 1980 ou 1990) ou não possuem tradução para o português, duas questões que podem dificultar o acesso aos materiais. Isso foi um desafio, inclusive, que eu e a prof. dra. Soraya Barreto Januário enfrentamos ao lecionar para a graduação de Publicidade e Propaganda a disciplina “Comunicação e gênero” focando nos estudos das masculinidades. O próprio *Masculinities*, da socióloga Raewyn Connell, um livro importantíssimo para os estudos das masculinidades, que foi escrito e lançado originalmente em 1995, ainda não tem tradução para o português. A obra é, indiscutivelmente, um divisor de águas para os estudos das masculinidades, mas carece de uma revisão e aprofundamento dos temas tratados, questão que Connell tentou solucionar em um artigo escrito em 2005 em parceria com James Messerschmidt.

Foi uma felicidade encontrar, a partir da recomendação da professora Izadora Xavier, com quem pude participar de um curso sobre os estudos das masculinidades no final de 2021, a referência de *As cores das masculinidades*, escrito por Mara Viveros Vigoya. Em conjunto com a obra da antropóloga, a recomendação de leitura feita pelo professor Leonardo Mozdzenski de *Seis balas num buraco só*, de João Silvério Trevisan, vieram a ser dois materiais importantíssimos para entender as relações do masculino na América Latina.

A grosso modo, os textos que foram fundamentais e basilares para criação da ideia de masculinidades bicha, possuem um caráter mais historiográfico das homossexualidades

brasileiras do que de análise das relações das masculinidades. *Devassos no paraíso*, também de Trevisan, e *Além do carnaval*, de James Green, foram títulos importantíssimos nesse contexto. Após o levantamento bibliográfico, li e me aprofundei nas obras que seriam mais promissoras para o agrupamento teórico que me permitiu traçar o percurso sócio cultural e histórico da masculinidade bicha.

Nessa jornada, as teorias feministas apareceram em um primeiro momento, e devo apontar que, mesmo que como uma coincidência, foi importantíssimo começar o trabalho construindo um arcabouço político e teórico a partir das contribuições feitas por feministas *queer*, decoloniais, negras, do Sul... Durante o percurso, foi necessário forjar a minha própria percepção sobre os temas com que estava lidando, e dessa maneira, pude, ao longo da pesquisa, evidenciar discordâncias e concordâncias com as(os) autoras(es) com que estava trabalhando.

Posso apontar também que as referências audiovisuais foram de grande importância para a realização da pesquisa. Em especial, destaco o documentário *BICHAS*, disponível gratuitamente no YouTube³ e o filme *Pixote: A lei do mais fraco* (1980), dirigido por Héctor Babenco (agradeço a Leonardo Gomes pela indicação dessa obra-prima). Outros materiais que contribuíram para a pesquisa foram o canal da *youtuber* Rick Negreiros, em especial o seu vídeo sobre o tema das bichas⁴, e o filme *Bixa Travesty* (2018), dirigido por Kiko Goifman e Claudia Priscilla, e estrelado por Linn da Quebrada⁵.

Além da etapa bibliográfica, durante o curso de desenvolvimento da pesquisa, optei por combinar diferentes métodos investigativos, abordagem conhecida como análise multimétodo. Juntamente com a revisão da bibliografia, estão presentes narrativas que foram coletadas junto a voluntários, a fim de identificar como os sujeitos bicha constituem uma imagem de si e das suas masculinidades no mundo generificado. As histórias coletadas foram analisadas de acordo com o tema de cada capítulo da pesquisa.

Partindo para essa questão, em primeiro lugar... O que é uma narrativa? Embora a resposta para essa pergunta não esteja, e talvez nem precise estar, completamente resolvida, é possível seguir algumas pistas que indicam caminhos produtivos para pensar os conjuntos narrativos. Uma narrativa pode ser um relato, ficcional ou não, de uma série de eventos acontecidos a algo ou a alguém. Para a narrativa, portanto, existe sempre um narrador. Muitas vezes o próprio narrador se encarrega de contar a história, de forma oral ou escrita, e outras, acontece de alguém transcrever ou sistematizar a narrativa trazida à tona por quem narra num

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TCToapMOOkQ&t=81s>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

⁵ Disponível na plataforma de streaming Globoplay.

texto (falado, escrito, desenhado, filmado...) que possa agrupar as informações a fim de transmiti-las para outra(s) pessoa(s).

Filmes, séries, livros, HQs, músicas, artigos científicos, teses, lendas, receitas, documentários, reportagens, cartas, pinturas, desenhos, e poemas são alguns dos meios pelos quais as narrativas têm sido recorrentemente sintetizadas e sistematizadas, seja pelo narrador que participa ativamente da história, ou pelo narrador que a ouve e a transmite. É importante também considerar que o narrador que transmite a história não é isento de participação nela, visto que sua participação enquanto “contador de histórias” também o torna participante da estrutura narrativa, já que, à medida em que estrutura a história que conta, também a atualiza e interpreta, entregando aos seus interlocutores um produto ao qual não é isento de participação.

Em suma, o trabalho de sistematizar um conjunto de textos narrativos também é narrativo. O narrador se torna participante da atividade narrativa de uma história, mesmo que não seja um dos seus personagens. Numa interlocução, ou paráfrase com o trabalho que Roy Wagner (2020) realiza sobre o papel da escrita etnográfica, seria possível dizer que o pesquisador-narrador usa seus próprios recursos narrativos para narrar e para estudar narrativas em geral. E nessa perspectiva, cabe destacar que não existe objetividade “absoluta”, nem isenção no trabalho narrativo. A pesquisa narrativa é feita de igual para igual, e a consciência disso possibilita entender que existe uma objetividade relativa, no sentido de que o pesquisador traz suas próprias questões para pesquisa. Essa é uma das principais certezas que desvincula a presente pesquisa das correntes “tradicionais” ou “clássicas” do estudo narrativo, intituladas “estruturais”, que quase imaginam a narrativa como uma disciplina na qual não existe subjetividade, apenas objetividade.

Não existe um substrato natural ou universal nas estruturas narrativas. Portanto, a forma de contar uma narrativa cria uma nova narrativa, já que inevitavelmente interfere na história. Da mesma forma, a própria coleta da narrativa pode mudar a história: um texto que se recebe escrito talvez tenha sofrido alterações que uma coleta em formato de entrevista oral não tenha, já que o interlocutor pode ter mais tempo para escrever, podendo inclusive reescrever, além de não haver a contribuição de linguagens como expressões, gestos, casualidade, oralidade, entre outros. As narrativas são caracterizadas como um sistema aberto, no qual o espaço da coleta, a relação entrevistador-entrevistado, o processo de transcrição e as escolhas feitas na sistematização do produto final são alguns dos fatores que reorganizam o processo narrativo.

No caso desta investigação, todas as narrativas foram coletadas via gravação de plataforma online de videoconferência e posteriormente transcritas. Acredito que isso pode ter afetado os relatos narrativos em pelo menos duas formas: 1) a apreensão dos voluntários de

serem ouvidos por pessoas circulando pelo espaço onde eles estavam, visto que dois deles ainda moram com os pais; 2) a falta de casualidade que muitas vezes o tom que uma reunião online possui. Destaco que as entrevistas foram realizadas online devido à orientação do Conselho de Ética em Pesquisa da UFPE como maneira de combater o avanço do novo coronavírus.

Entendendo que as narrativas também possuem subjetividade(s), na presente dissertação, buscarei sistematizar as narrativas bicha de modo que possa posteriormente analisar as histórias que elas contam e como essas histórias envolvem um modo de perceber e estar no mundo. Barbara Czarniawska (2004, p. 17) argumenta que tudo possui um caráter narrativo, ou pelo menos pode ser tratado assim, mas comumente, “uma narrativa é entendida como um texto escrito ou falado que relate um evento/ação ou uma série de eventos/ações cronologicamente conectados”⁶. No presente trabalho, irei analisar de que maneira as histórias contidas podem revelar, transmitir ou reorganizar cis-temas de poder, já que histórias individuais também podem contribuir para o entendimento sistematizado de histórias sociais: “Para compreender uma sociedade ou parte de uma sociedade, é importante descobrir o seu repertório de histórias legítimas e descobrir como elas a envolvem [a sociedade]”⁷ (CZARNIAWSKA, 2004, p. 5).

Para Jovchelovitch e Bauer (2002) as histórias narrativas possuem duas dimensões básicas que funcionam em conjunto: a cronológica e a de enredo. Segundo os autores, é somente o enredo que pode dar sentido aos fatos listados em um sistema cronológicos, fazendo-os possuírem ligação uns aos outros. Dessa forma, o enredo dá aos episódios cronológicos um sentido maior do que o de sequência de episódios: eles se tornam uma história conexa e que é configurada em partes (início, meio e fim), além de criar os critérios necessários para a inserção (ou não) de fatos na narrativa.

Um dos proveitos que a entrevista narrativa pode trazer para uma pesquisa qualitativa é o seu caráter aberto, já que diferentemente de um sistema de perguntas e respostas, permite ao(s) interlocutor(es) a possibilidade de contar a história da maneira que acharem mais proveitosa. Se Wagner (2020) ensina que a imparcialidade é uma farsa, Jovchelovitch e Bauer (2002) advertem que o pesquisador deve interferir o mínimo possível e aqui destaco uma diferença fundamental: ao falar que o pesquisador nunca é imparcial, e que os textos tem sua história alterada por quem os conta, Roy Wagner alerta que a narrativa sofrerá a participação de quem a sistematiza, o que já é um tipo de interferência; volto a esse assunto adiante.

⁶ Tradução livre de “a narrative is understood as a spoken or written text giving an account of an event/action or series of events/actions, chronologically connected”.

⁷ Tradução livre de “To understand a society or some part of a society, it is important to discover its repertoire of legitimate stories and find out how it evolved”.

A proposta de uma narrativa se desvincular dos esquemas de pergunta e respostas, normalmente usados em técnicas de entrevistas na qual o entrevistador intervém na narração, se dá pois “O pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 95-96). Assim, os autores propõem um conjunto de fases da entrevista para facilitar o seu processo⁸. A seguir, apresento cada uma dessas fases da entrevista narrativa, e em seguida, sistematizo um quadro com elas para facilitar seu entendimento.

Fase 0⁹ - Preparação: nesse momento, cabe ao pesquisador se familiarizar com seu campo de pesquisa, realizar investigações prévias e saber o “estado da arte” do que pretende coletar. Essa fase está não apenas relacionada ao conhecimento bibliográfico, mas também a questões mais “informais”, como relatos, boatos, etc; Fase 1 - Iniciação: essa é a fase responsável por deixar o entrevistado completamente ciente do que se trata a investigação em termos mais amplos. É, também, o momento de assegurar o seu anonimato e explicar o tópico inicial, deixando-o à vontade para seguir a narrativa como se sentir mais à vontade.

Fase 2 - Narração: trata do desenrolar da narrativa, momento em que o entrevistado deve se sentir confortável para conduzir a história. Jovchelovitch e Bauer recomendam não atrapalhar o entrevistado fazendo perguntas nesse momento, sendo preferível anotá-las; Fase 3 - Questionamento: é o momento em que, depois de um fim natural da narrativa, o pesquisador pode fazer as perguntas que anotou ou levantar novas provocações; Fase 4 - Conclusiva: após o fim na entrevista, o pesquisador pode fazer perguntas informais que possam ajudá-lo em seu processo de interpretação e análise dos dados coletados.

Quadro 2: Fases da entrevista narrativa

Fase	Descrição
0 – Preparação	Investigações prévias que possam familiarizar o pesquisador com o campo
1 – Iniciação	Deixar o entrevistado completamente ciente do que se trata a investigação
2 – Narração	Desenrolar da narrativa
3 - Questionamento	Momento de perguntas e/ou novas

⁸ Complemento as instruções de Jovchelovitch e Bauer com algumas anotações pessoais.

⁹ Os autores não chamam a preparação de Fase 0, na verdade, ela sequer é uma fase do processo. Chamo-a de Fase 0 por questões didáticas, para explicitar que ela vem antes de tudo.

	provocações
4 – Conclusão	Perguntas informais e anotações após o fim da entrevista

Fonte: Jovchelovitch e Bauer (2002)

Esses são os passos em que me baseei para coletar a narrativa das bichas que foram voluntárias para participar da investigação. Porém, acredito ser importante fazer alguns apontamentos complementares ao modelo narrativo de Jovchelovitch e Bauer (2002), já que, embora tente preservar a espontaneidade, acaba colocando o pesquisador mais numa posição de observador e coletor dos dados do que de participante na narrativa, mesmo que os autores insistam no estímulo ao entrevistado em contar sua história — questão que, por si só, já confere ao pesquisador uma participação que abala a ideia de não interferência.

Insisto, portanto, que algumas perspectivas teórico-metodológicas fazem os pesquisadores negar o seu lugar na experiência humana, procurando portanto a observação em detrimento da participação. A coleta das narrativas para a presente pesquisa segue as instruções de Jovchelovitch e Bauer (2002) propuseram em seu esquema de fases para entrevistas narrativas, mas, por outro lado, não se preocupa excessivamente em responder à questão do que seriam as masculinidades bicha exclusivamente, antes, foca em se permitir saber em que consiste as experiências bichas e como elas carregam elementos de fuga e reivindicação de outras possibilidades do ser homem.

Essa pesquisa, para chegar a entender as masculinidades bicha, precisou, antes de tudo, levar a bicha em consideração como uma postura ética e política de escrita que possa “investir” em seus problemas (e soluções) num mútuo compartilhamento de aprendizados. Poderiam as narrativas bicha revelar novas formas de olhar o mundo e seus problemas? Mais do que isso, as narrativas bicha podem contribuir com novos projetos de mundo superando os “problemas” do antigo?

Para o agrupamento e interpretação desses problemas e soluções levantados pelos sujeitos bicha, optei por utilizar a Análise Temática (BRAUN E CLARKE, 2006), uma abordagem fundamental para as análises qualitativas que buscam utilizar de perspectivas flexíveis. Trocando em miúdos, a proposta de Braun e Clarke busca identificar, analisar e relatar padrões temáticos que estejam presentes dentro de uma fonte textual, escrita ou não, específica. A abordagem se ocupa de, em primeiro lugar, organizar os dados, e em segundo, descrevê-los. O material recolhido nas entrevistas passou, portanto, por uma divisão temática à luz das teorias

exploradas ao longo do curso da dissertação, na intenção de identificar padrões no conteúdo coletado.

Para a perspectiva, um tema é o retrato de algo importante relacionado aos dados da pesquisa em questão e representa um tipo de resposta ou padrão de respostas para uma questão comum que pode ser encontrada dentro do material coletado para pesquisa. Por exemplo, possuindo o interesse de analisar a masculinidade bicha e tendo coletado as entrevistas necessárias para a análise em questão, revisei os dados (a transcrição das narrativas) à procura de temas relacionados à minha grande questão de pesquisa. Alguns deles foram identidade masculina, homossexualidade e auto reconhecimento como bicha. Sendo assim, todos esses “subtópicos” se relacionam com a temática maior da pesquisa: a possibilidade de homens homossexuais brasileiros exercitarem uma masculinidade feminina.

Abaixo, apresento uma série de etapas que Braun e Clarke propõem como guias para realização da Análise Temática. As etapas iniciais tratam basicamente do aprofundamento no conteúdo coletado para que posteriormente ele possa ser dividido em temas. Esse momento de aprofundamento no material utilizado me foi facilitado porque eu mesmo transcrevi todas as entrevistas que foram realizadas, então as horas que passei em contato com cada uma, me permitiram desde o início identificar com facilidade as diferentes temáticas tratadas.

Quadro 3: Etapas da Análise Temática

Etapa	Descrição
1 - Familiarização com o tema	Trata-se do período de transcrição e seleção dos dados que serão utilizados para a pesquisa em questão, além do aprofundamento no material
2 - Criação de tópicos iniciais	É o primeiro momento reservado para encontrar tópicos interessantes dos dados coletados
3 - Encontro de temas dentro dos tópicos	Nessa etapa, ocorre a seleção aprofundada dos tópicos que podem compor potenciais temas para a pesquisa
4 - Revisão de temas	Aqui, cabe entender se os temas selecionados realmente são interessantes para a investigação ou não
5 - Definição de temas	O momento de refinar as especificidades e definir os temas que serão tratados a partir de uma visão geral do material

6 – Relatório	Produção do texto final, contendo os principais resultados
---------------	--

Fonte: Braun e Clarke (2006)

A seguir, apresento como fez sentido para mim utilizar cada etapa no curso da dissertação. E em seguida, a divisão de temas que fiz para compor cada capítulo do trabalho. Na tabela, desconsidero os capítulos 1 e 5 por se tratarem da introdução e da conclusão. As únicas que aparecem com clareza no texto são as etapas 5, que é a própria divisão temática, e a 6, que considero ser a dissertação em si:

Quadro 4: Utilização de etapas da Análise Temática

Etapa	Utilização
1 - Familiarização com o tema	Leitura e releitura das entrevistas, juntamente com a anotação das ideias iniciais para sua estruturação em tópicos
2 - Criação de tópicos iniciais	Encontro com as principais questões tratadas nas entrevistas coletadas
3 - Encontro de temas dentro dos tópicos	Reunião dos dados, falas e questões mais relevantes para compor cada tema potencial
4 - Revisão de temas	Edição dos tópicos; Apesar de ser um momento no qual é permitido “cortar” questões menos relevantes, isso não se mostrou tão necessário, já que as entrevistas tiveram uma temática direcionada
5 - Definição de temas	Aqui, a seleção dos temas recorrentes nas entrevistas, ajudou na estruturação da divisão dos capítulos da dissertação, visto que cada um deles trata de um tema relacionado à masculinidade bicha
6 – Relatório	Integração das entrevistas ao texto; Análise das mesmas à luz das teorias trabalhadas na investigação

Fonte: Braun e Clarke (2006)

Quadro 5: Divisão temática dos capítulos

Capítulo	Temáticas abordadas
2	O que é a bicha?; Homossexualidade e

	normatividades; Experiências coletivas de resistência.
3	Expressão de gênero e dissidências; Encontro com a bicha; Imagem da bicha (entre o masculino e o feminino); Ideal de ser homem; O que é masculinidade?; O que é ser homem, mesmo sendo bicha.
4	Performance de gênero; Masculinidades e homofobia; Questões sexuais; Descoberta de novas percepções para sexualidade; Virilidade e masculinidades; Interseccionalidades e masculinidades.

Fonte: Produção minha

Para localizar os voluntários que foram entrevistados, utilizei da metodologia conhecida como “bola de neve”, introduzida por Coleman (1958), como forma de encontrar redes de amizade entre a amostra voluntários de determinada pesquisa, sendo assim uma perspectiva efetiva em “penetrar populações escondidas ou difíceis de encontrar” (DEWES, 2013, p. 7). são pessoas próximas ao meu círculo de convivência; ou seja, amigos, ou amigos de amigos, que nas palavras de Dewes (2013, p.10), se caracteriza como um método que “pressupõe que há uma ligação entre os membros da população dado pela característica de interesse, isto é, os membros da população são capazes de identificar outros membros da mesma”. Os participantes da pesquisa são pessoas que se reconhecem no espectro da bicha, entendendo essa como um tipo masculinidade homossexual, participaram do *boom* digital e tiveram acesso à universidade. Os sujeitos escolhidos para a pesquisa se enquadram nesses aspectos para que analisemos, a partir das suas perspectivas não só a masculinidade bicha, mas como esta se entrelaça com questões de raça, idade e classe. Todas as entrevistas aconteceram de maneira remota e online, respeitando os protocolos e procedimentos do Comitê de Ética e Pesquisa da UFPE, órgão que foi responsável pela supervisão e aprovou a ocorrência da coleta das entrevistas.

Em minhas mãos, eu tinha duas opções a seguir: escolher realizar as entrevistas com um número maior de voluntários, ou seguir com o número inicial que já tinha em mente. Por preferir aprofundar os relatos narrativos coletados, optei por realizar a entrevista com apenas 3

voluntários, que, respeitando os procedimentos éticos de anonimato dos voluntários, chamarei de Beto, Ariel e Gabriel. Eles têm respectivamente 26, 24 e 27 anos. Como não existe um capítulo específico e único para a contenção das narrativas, já que elas serão utilizadas ao longo de todo o trabalho, de acordo com o tema de cada capítulo, coloco agora a apresentação de cada um deles, a fim de que o leitor tenha familiaridade com suas particularidades, visto que, à medida que o texto avance, novas questões serão apresentadas pelos próprios entrevistados, respeitando a temática de cada capítulo.

BETO:

Meu nome é Roberto Branco [Beto], eu tenho 26 anos, sou aracajuano, publicitário e ilustrador. Eu me identifico enquanto homossexual, assexual e também enquanto bicha... eu acho que é importante isso [ser bicha]. É importante porque isso tem a ver com o tipo de coisa que eu gosto, com o tipo de conteúdo que eu consumo, com o tipo de conteúdo que eu produzo.

ARIEL:

Sou Ariel, sou cientista político, eu trabalho com assessoria de comunicação e políticas públicas tem alguns meses, e eu sou cientista de dados também, trabalho com tecnologia. Tenho 24 anos, sou de Recife. Estou num momento de muito cansaço na minha vida [risos], tô vivendo quando dá, mas eu acho que o principal, talvez, hoje, que me defina seja calma, zen, plenitude [mais risos].

GABRIEL:

Meu nome é Gabriel, tenho 27 anos, sou de Recife, me formei em Administração, moro com meus pais, com minha família na verdade porque minha irmã mora aqui também. Moro na Várzea, Zona Oeste de Recife.

Ademais, além de nordestinos, Beto e Gabriel se reconhecem enquanto brancos e Ariel como preto. Na empreitada, levei em consideração que os entrevistados seriam atores fundamentais para o resultado final da dissertação, já que “Saberes localizados requerem que o objeto do conhecimento seja visto como ator e agente, não como uma tela” (HARAWAY, 1995, p. 36). É fundamental destacar que a bicha também é uma marca que me feriu, e com o tempo me curou. Por isso, não me privei de escrever esse trabalho em primeira pessoa, já que, de várias maneiras, a investigação diz respeito também a mim.

Tentando fornecer uma estrutura fluida, pedagógica e esquematizada do tema de pesquisa, apresento agora um mapa geral da dissertação, no intuito de guiar o leitor acerca do tema abordado em cada parte do material. À exclusão da Introdução e da Conclusão, nomeadas como Capítulos 1 e 5, fiz uma divisão temática para que o texto final da dissertação tivesse um total de 3 capítulos de conteúdo teórico, cada um tratando de uma questão específica que envolve o “universo bicha”, por assim dizer. Durante essas partes da pesquisa, a cada tema apresentado, levo em consideração as falas dos meus entrevistados como uma fonte promissora para produção do conhecimento bicha.

Durante o Capítulo 2, MASCULINIDADES BICHA, exploro a história do termo bicha, bem como seus diferentes usos em momentos e lugares distintos no espaço-tempo. Ao mesmo tempo, apresento outras palavras que também podem funcionar de maneira injuriosa, ou não. Trabalho, nesse momento da dissertação, especialmente com a noção de que a bicha pertence, e sempre pertenceu, à comunidade LGBTQIA+ brasileira como uma ferramenta de autonegação e orgulho para pessoas cujas existências são dissidentes e contra normativas. Exploro a forma como a bicha se relaciona com outras manifestações de masculinidades encontradas na sociedade brasileira, bem como seus usos particulares dentro da própria comunidade. Por fim, analiso como os sujeitos bicha constituem uma imagem de si e das suas masculinidades no mundo generificado.

No Capítulo 3, MASCULINIDADES COMO TEORIA, faço um percurso teórico cuja finalidade principal é a de localizar a masculinidade bicha dentro dos estudos de gênero. Para isso, retomo um pouco da história deste campo do conhecimento, fazendo também apontamentos centrais acerca das teorias de gênero e masculinidades consideradas para o desenvolvimento da investigação. Neste capítulo também discuto um pouco a dicotomia corpo x gênero, ou natureza x cultura, debate recorrente nos estudos de gênero, a fim de seguir um caminho teórico que leve em conta tanto as subjetividades masculinas, como suas possíveis materialidades. Ao final do capítulo, relato de que maneira os estudos dos homens e das masculinidades na América Latina são fundados com uma expectativa diferente daquela que havia em torno da disciplina quando desenvolvida em outros lugares do mundo, como na Austrália, ou nos Estados Unidos.

Já no Capítulo 3, MASCULINIDADES COMO HISTÓRIA, considero a indispensável ligação das relações de gênero com as de sexualidade. Para tanto, inicio o capítulo analisando diferentes violências homofóbicas, sejam elas simbólicas, físicas, linguísticas, ou de qualquer outra ordem, como uma manifestação da masculinidade hegemônica. Em outras palavras: considero que os comportamentos homofóbicos são oportunidades que determinados homens têm de reafirmar a sua masculinidade como “natural” e correta, além de superior às masculinidades daqueles sujeitos cujas expressões de gênero e sexualidades são dissidentes. Nesse sentido, a bicha também é um dos resultados, nesse caso contranormativo, das relações estabelecidas entre masculinidades hegemônicas e dissidências sexuais e de gênero. A fim de desmistificar a ideia de uma suposta naturalidade do comportamento masculino, retomo um pouco da história das relações de gênero ocidentais e modernas, e ao final, analiso de que maneiras o processo colonial contribuiu não apenas para criação de relações de gênero específicas no Brasil, mas também para a noção de inferioridade das feminilidades e

marginalização das dissidências sexuais e de gênero. É também o momento em que buscaremos entender como a figura das bichas pode contribuir para entender as relações internas das masculinidades no Brasil.

Acredito firmemente, assim como proposto por Haraway (1995, p. 16), que “Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro”. E nessa expectativa, eis a minha dissertação.

2 MASCULINIDADES BICHA

“O que pode esperar uma bicha da vida?” pergunta Lilica, personagem do filme *Pixote: a lei do mais fraco* (dir. Héctor Babenco, 1980) após trazer à luz sua consciência de que dali pra frente “a barra iria pesar”, devido à chegada da maioridade. A conversa que teve como palco as águas de uma praia carioca iluminadas pelo pôr do sol relata também a reflexão de Lilica sobre a violência policial contra as “bichas de merda” [sic], figuras abjetas à sociedade brasileira. Ao final do diálogo, a personagem interpretada por Jorge Julião canta Força Estranha, música composta por Caetano Veloso: “eu vi um menino correndo / eu vi o tempo... / brincando ao redor do caminho daquele menino”¹⁰.

Ao passo em que começo a trabalhar a ideia de masculinidades bicha durante o presente capítulo, proponho duas perguntas fundamentais para guiar as reflexões que farei nesse pedaço da pesquisa: 1) como ser um homem feminino não faz de alguém menos masculino?; 2) se apreendemos que alguém pode exercitar sua masculinidade se comprometendo também com o feminino, de que maneira é possível articular uma gramática de Direitos Humanos para esse corpo dissidente?

Parto da ideia de que não existe garantia para a formação do gênero em um corpo sexuado (BUTLER, 2019a; 2019b) para argumentar acerca da possibilidade da construção da ideia de dissidência masculina desde as infâncias. O tempo que corre e forma os sujeitos dá as condições para que as bichas criem para si mesmas experiências específicas de masculinidade, nas quais é possível se relacionar de formas flexíveis com as normas de gênero (OLIVEIRA, 2018) constituindo a si enquanto homens a partir da feminilidade, como pode ser observado na fala de Beto:

BETO

A bicha chegou pra mim logo cedo, eu acho que, como muitas crianças que têm o comportamento fora do padrão, eu fui chamado disso, antes mesmo de saber o que é.

O presente capítulo faz uma apresentação da expressão *bicha*, do seu surgimento e aplicações possíveis, considerando também suas múltiplas políticas de significado. Trata-se portanto de uma parte da pesquisa que, em um primeiro momento, analisa a capacidade que a linguagem tem de fazer inscrições históricas contingentes na intenção de produzir injúrias (BUTLER, 2021a). Cumpre essa atividade tendo como ponto de partida a posição subalterna

¹⁰ Cena disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OZ-8CPA91dI>>. Acesso em: 4 jan. 2022.

da bicha nas relações de gênero a partir do contexto em que as masculinidades brasileiras a inscrevem. Em seguida, o texto recupera as origens históricas do termo bicha na intenção de compreender de que maneira e quando ele surgiu, como se tornou um xingamento, e como nunca deixou de ser uma ferramenta de autonegação para a comunidade homossexual brasileira, mesmo que tenha sido roubado.

Ao falar em masculinidade bicha, estou dizendo que irei tratar de homens homossexuais que se identificam como bichas. Nesse sentido, como irei argumentar adiante, no caso das masculinidades bicha, o que estudo é uma posição discursiva que permite ao performativo bicha funcionar como uma alternativa à ordem hegemônica das masculinidades. Isso significa que não irei estudar a bicha como uma identidade de gênero, análise que envolveria a necessidade de considerá-la como um modo de autoidentificação e percepção no mundo generificado. Antes, considerando o arcabouço dos estudos das masculinidades, irei apresentá-la como uma posição no discurso, o que significa entender quais mobilizações sociais são feitas a partir das identidades de gênero para criar ou reinventar a bicha, enquanto palavra, injúria, xingamento e expressão.

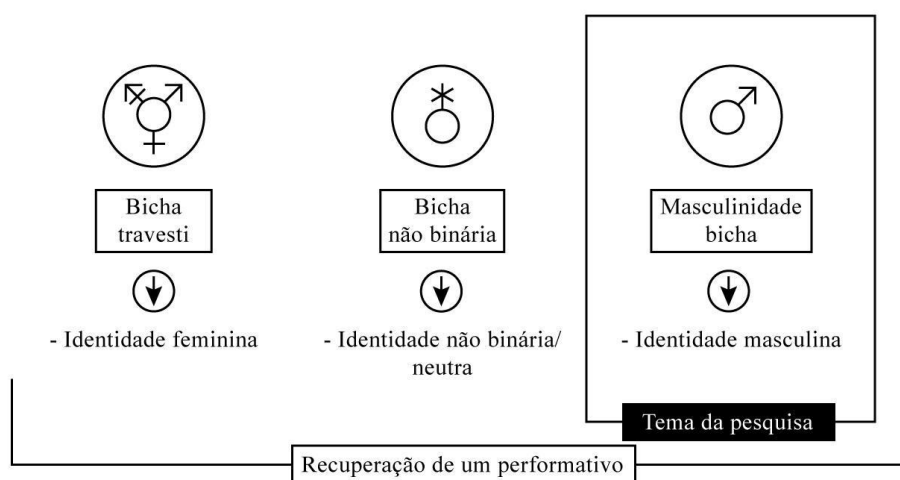
Repito: as masculinidades bicha não são uma identidade de gênero, mas uma forma de descrever e analisar as negociações sociodiscursivas e performativas que homens homossexuais femininos estabelecem com as normas de gênero e das masculinidades dentro do contexto brasileiro. A partir do encontro com homens homossexuais que articulam e operacionalizam a bicha como uma dissidência atenuada das suas masculinidades, a presente dissertação trata deste uso político de um performativo. Cabe notar que parto da noção de que a bicha representa, no contexto brasileiro, uma figura múltipla e, portanto, faço uma diferenciação fundamental entre a masculinidade bicha e outras ocorrências de uso do performativo *bicha*. Na sociedade brasileira, ocorre a existência da bicha não masculina¹¹, para a qual existe uma certa navegação pelo não binarismo de gênero. Nota-se ainda a ocorrência da bicha travesti¹², cuja existência se

¹¹ Alguns ativismos defendem uma diferença entre as figuras da bicha e do gay. Nesse caso, a bicha se caracterizaria como uma identidade de gênero *per se* que estaria agregada ao espectro da não binariedade de gênero. Para uma leitura sobre o assunto: <<https://bityli.com/6dIBci1>> Acesso em: 4 jan. 2022. A bicha não binária trataria assim de um corpo *outsider*, que recusa, inclusive, a identidade homossexual. A produtora de conteúdo e youtuber Rick Negreiros já publicou um vídeo pedagógico sobre o tema: <<https://www.youtube.com/watch?v=TCToapMOOkQ&t=81s>>. Acesso em: 12 dez. 2021. Os textos da ativista Jota Mombaça também fazem diversas referências a essa possibilidade, ver Mombaça (2021).

¹² Ou bixa travesty. Modo de embaralhar as vivências de gênero para além dos binarismos coloniais e de usar o corpo como arma política. Temática explorada no filme-documentário estrelado por Linn da Quebrada, Bixa Travesty (dir. Claudia Priscilla e Kiko Goifman, 2018). Além do longa audiovisual, as composições de Linn fazem outras referências à bicha travesti, como nas canções Talento (Ser bicha não é só dar o cu / É também poder resistir), Bicha Preta (Bicha estranha / Louca, preta da favela / Quando ela tá passando, / Todos riem da cara dela / Mas, se liga, macho / Presta muita atenção / Senta e observa a tua destruição) e Necomancia (Ai, que bixa, ai que baixa, ai que bruxa / Isso aqui é bixaria / Eu faço necomancia).

dá no âmbito das travestilidades e transgeneridades brasileiras (NASCIMENTO, 2021). Em todos os casos, é importante ressaltar que existe a recuperação de um *performativo* (bicha) usado para xingar pessoas com biopênis que performam algum tipo de feminilidade. Esse performativo é posteriormente incorporado como uma reivindicação ao mesmo tempo hiper, por se preocupar com multidões, e pós-identitária, por não levar em conta bases naturais como justificativa política (PRECIADO, 2011).

Figura 1: Comparativo das identidades bicha no Brasil



Fonte: Produção minha

No caso da presente pesquisa, trato do caso de homens que recuperam a bicha como uma “identidade produtiva”. Utilizo, portanto, a noção de bicha explorada por Green (2019) e Trevisan (2018) para falar de homens homossexuais que se associam às feminilidades de alguma maneira. Desenvolvo o argumento dos autores mais adiante. Apresento, portanto, a bicha como fez *BICHAS* - o documentário (dir. Marlon Parente, 2016), ao coletar entrevistas de homens gays que utilizam a bicha de forma positiva. Na descrição do documentário no YouTube lê-se¹³: “A palavra BICHA vem sendo usado de forma errada, como xingamento. Quando na verdade, deveríamos tomar como elogio”.

Analiso portanto a bicha como uma posição sociodiscursiva capaz de reterritorializar identidades marginalizadas. Assim, reconheço que as masculinidades bicha dizem respeito a relações de gênero brasileiras e se insere dentro das masculinidades gays, sendo, portanto uma identidade de gênero masculina dissidente. Acrescento a isto, o reconhecimento de que

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU&t=532s>>. Acesso em 4 jan. 2022.

masculinidades bicha são um modo de levar em consideração um insulto de modo a não apenas superá-lo, como também repeti-lo afirmativa e positivamente.

No Brasil, a bicha é uma figura familiar à sociedade. O entretenimento nacional por vezes se dispõe a recuperá-la, como é o caso do Porteiro Severino, personagem do programa humorístico *Zorra Total*, que tinha como um de seus principais bordões, a categórica frase “isso é uma bichona”. De maneira ao mesmo tempo similar e oposta, a Bicha Bichérrima, personagem do saudoso Paulo Gustavo, diz que não é apenas bicha, mas que é, e nunca vai deixar de ser, bichérrima¹⁴. *Bibas from Brazil*, quadro que o mesmo humorista capitaneava no programa 220 Volts, colocava em diálogo bichas que, na tentativa de achar características em comum, se mostravam diversas. Os exemplos são múltiplos.

Figura 2: Menções à bicha no audiovisual brasileiro (Lilica e Pixote, do filme *Pixote*; Bicha Bichérrima, personagem de Paulo Gustavo; Porteiro Severino, do programa *Zorra Total*)



Fonte: Produção minha

Cabe destacar que, em muitas das produções audiovisuais que retratam a bicha, via de regra as que são produzidas de forma direcionada ao humor hétero, numa espécie de homofobia recreativa, esta é tratada de maneira pejorativa. Em primeiro lugar porque essas produções se inscrevem numa linha de conteúdo cujas piadas estão associadas à manifestação da LGBTQIA+fobia, mas também porque a bicha se constitui a partir da feminilidade e os elementos associados ao(s) universo(s) feminino(s) são, recorrentemente, tratados como algo ruim.

Nesse sentido, nas falas de Ariel e Gabriel podemos perceber elucidações sobre o papel pedagógico da mídia brasileira na criação de memórias discursivas do que pode significar ser dissidente sexual e/ou de gênero:

¹⁴ Em celebração à vida de Paulo Gustavo, o Multishow disponibilizou diversos conteúdos do ator. Coletânea de vídeos da personagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0iARCiql4jY&t=205s>>. Acesso em: 4 jan. 2022.

ARIEL:

O “ser bicha” chegou como o inverso proporcional. Ao mesmo tempo que eu era muito reforçado por um lado de expressar uma masculinidade que eu não queria, eu via demonstrações de feminilidade como algo muito horrível. Tipo “Meu Deus, não quero ser o Crô [da novela Fina Estampa]”, esse comportamento de ser bicha foi algo que eu me afastei muito e que eu criei meio que uma aversão.

GABRIEL:

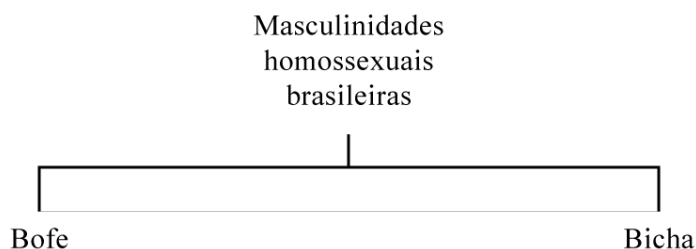
Eu acho que minhas memórias de primeira apresentação da bicha pra mim são possivelmente em algumas novelas que eu lembro de assistir. Também com alguns filmes, acho que foi aí que eu comecei a entender. (...) Mas eu acho que eu comecei a ter os meus primeiros contatos com o que é ser bicha através de filmes, de novelas. Essas são minhas primeiras lembranças, eu lembro que quando eu era pequeno, com mais ou menos 10 anos, aqui em casa tinha TV por assinatura e tinha uma cena de uma série chamada *Desperate Housewives*, que o filho de uma das personagens beija outro cara. Eu lembro que isso passava no comercial da emissora, e sempre que passava eu ficava meio assustado olhando pra essa cena. Eu não entendia muito bem, mas eu gostava de assistir a essa cena. Então eu acho que os meus primeiros contatos foram assim. Inclusive, eu acho que quando se trata de produções brasileiras, a figura da bicha era muito ridicularizada. Eu acho que produções de fora já retratavam melhor. Não *tão* melhor, mas, pelo menos as que eu lembro, retratavam um pouquinho melhor o que era ser bicha, o que era ser gay. (...) E era muito complicado quando eu era muito mais jovem porque eu sempre era comparado com personagens e pessoas da mídia aqui do Brasil que eram bichas. E isso era sempre num tom de ridicularização. Não tô dizendo que essas pessoas deviam ser diferentes, acho que elas deveriam ser como elas eram, mas na época a gente ser comparado, eu ser comparado com esses personagens, com essas personalidades da mídia, acho que isso prejudicou um pouco a questão da minha aceitação.

James Green (2019) propõe que o significante *bicha* foi utilizado ao longo do século XX como estratégia etimológica de diferenciação entre “homens verdadeiros” e homens afeminados, sendo estes últimos, bichas. A invocação da palavra ocorre na tentativa de acionar nas duas categorias (homem e bicha) o espelhamento das relações binárias heterossexuais baseadas na polaridade homem x mulher.

Nesse esquema, há também uma associação direta e recorrente dos homens bicha com a passividade sexual, em contraste com a característica compulsoriamente ativa dos “homens reais”, leia-se dominadores, viris e másculos. Uma análise mais completa do surgimento da bicha será feita adiante.

Ocorre portanto uma dualidade fundamental que funciona na caracterização histórica da bicha como uma figura desobediente, já que interrompe a ordem patriarcal da virilidade. Em concordância com Green (2019), o jornalista João Silvério Trevisan (2018) pensa a bicha pela sua definição em relação à passividade. A categoria funciona assim como um contraste em relação ao “bofe”, que por sua vez seria a pessoa ativa da relação sexual.

Figura 3: Esquema relacional das masculinidades homossexuais brasileiras



Fonte: Trevisan (2018)

É importante pontuar que o *mundo gay* é mais complexo que a dicotomia bofe/bicha e ela é utilizada aqui como uma maneira pedagógica de se referir a diferentes possibilidades de exercício das masculinidades homossexuais brasileiras, especialmente considerando que essa dualidade faz referência também às ideias trabalhadas por Trevisan (2018). Recupero uma fala interessante das entrevistas, na qual Gabriel relatou a complexidade das relações homossexuais e a presença da bicha em diferentes grupos sociais compostos por gays:

GABRIEL:

No mundo gay tem os *twinks*, que são os homens gays mais magros e mais jovens. A palavra se refere a isso, gays mais magros e jovens. Tem os *bears*, que são os caras mais peludos e gordos. Tem os gays mais femininos, que podem ser *bears* ou *twinks*, tem os caras mais masculinos, são vários atributos que podem se relacionar dentro dos grupos gays, mas a bicha pode ser comum a vários grupos. Acho que, de primeira vista, um cara que seja mais peludo, de barba, pode até aparentar ser mais masculino, mas com a convivência, dá pra perceber que não é assim. A bicha tá presente em todos esses grupos: fortes, magros, gordos, peludos, depilados. Inclusive é muito engraçado ver que hoje muitos gays gostam de assumir seus pelos, enquanto muitos hêteros, masculinos, de academia se depilam. É engraçada essa inversão que rolou: gays usando calças *mom jeans*, folgadas, hêteros usando calças mais apertadas. Então essa história de que a bicha é “desse jeito” [como um estereótipo], não cola mais. Acho que a bicha tá presente em todos os grupos de gays. O que essas bichas de diferentes grupos têm em comum é a feminilidade, a questão da “afetação”, que o pessoal fala.

A própria fala de Gabriel me revela que a bicha não dá conta apenas de estereótipos de composição corporal masculina, como roupas, acessórios, maquiagem, depilação, mas diz respeito especificamente ao comportamento dos sujeitos em questão, questão popularmente tratada como afetação ou efeminação.

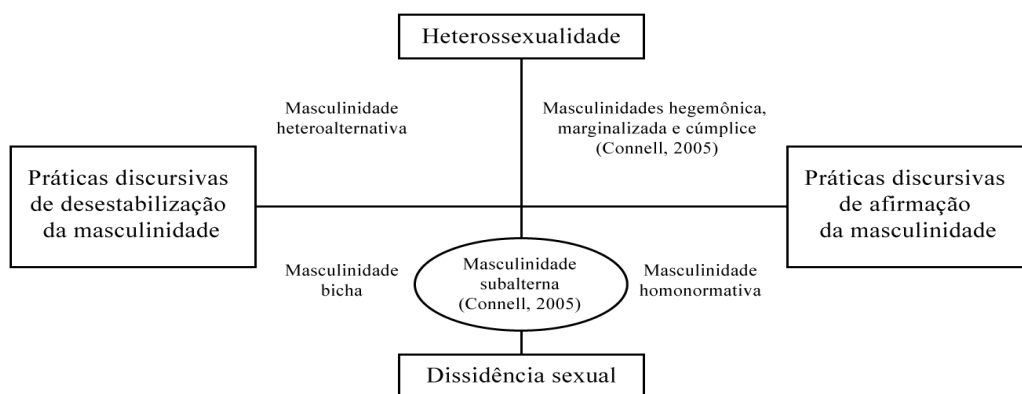
Em similaridade à proposta dos Green (2019) e Trevisan (2018), na presente pesquisa interpreto a bicha como uma posição sociodiscursiva de *homens homossexuais*. A masculinidade bicha não diz respeito exclusivamente a um padrão de comportamentos, deliberadamente atribuídos a homens gays — ou a outros atores dissidentes, como pessoas não

binárias, homens trans, etc. — e comumente estereotípicos. Dessa forma, frequentar as zonas LGBTQIA+ das cidades, vestir rosa e/ou usar maquiagem não determinam uma masculinidade bicha, apesar de haver a possibilidade desses comportamentos serem comuns às bichas masculinas. Mesmo sendo possível a ocorrência da preferência pela passividade sexual entre as bichas, isso não é uma regra, nem define suas subjetividades, essa é uma das principais diferenças da teoria bicha aqui apresentada para a de Green (2019) e Trevisan (2018).

Do mesmo modo, as masculinidades bicha não são definida por uma série de gostos específicos, como ser fã de cantoras pop, não praticar esportes ou acompanhar os últimos lançamentos (*e flops*) da Lady Gaga no cinema. Marcadores sociais da diferença como classe, raça, idade, escolaridade, também não determinam a ocorrência da bicha, apesar de estarem presentes e trazerem especificidades às suas relações sociais. Nessa esteira, a bicha não é algo dado, mas uma subjetividade construída historicamente de maneira contingente e recuperada discursivamente. O que parece ser comum às bichas são os preconceitos associados às identidades de homens homossexuais femininos. Porém, a forma como a bicha é reivindicada é diversa.

Tal posicionamento discursivo, permite a essas pessoas usar de eventos comunicativos situados em contextos sócio-históricos específicos na intenção de reinventar um conjunto de práticas de ódio. Para a presente dissertação, trocarei a noção de “bofe” por “masculinidade homonormativa”. Homonormatividade, nesse sentido trata de uma ocorrência dissidente (homossexualidade) que se encaixa em determinados padrões de gênero (normatividade) completamente opostos à feminilidade, que reiteram a hegemonia masculina.

Figura 4: Comparativo de inteligibilidade das masculinidades



Fonte: Produção minha

A figura acima foi construída a partir de dois eixos: heterossexualidade/dissidência sexual e práticas de desestabilização/práticas de afirmação da masculinidade normativa. Entre

a heterossexualidade e as práticas de afirmação, encontramos o que Connell (2005) chama de masculinidades hegemônica, cúmplice e marginalizada, termos cujas especificidades serão exploradas no próximo capítulo. Entre as práticas de afirmação e a dissidência sexual, visualizamos o que chamo de masculinidade homonormativa. Entre a dissidência sexual e as práticas de desestabilização da masculinidade normativa, está a masculinidade bicha. A ideia de dissidência sexual por si só contempla o que Connell (2005) define como masculinidade subalterna. A intersecção heterossexualidade-práticas de desestabilização, a qual a título de ilustração me refiro como masculinidade heteroalternativa, não será analisada durante esta pesquisa, mas pode ser observada em figuras pop como Harry Styles e Tiago Iorc que desconstróem diversas normativas de gênero da masculinidade heterossexual, mas ainda assim são, até onde se sabe, heterossexuais.

No caso de uma masculinidade bicha, sendo ela exercida por homens gays femininos, ocorre uma diferença seminal em relação à masculinidade homonormativa, visto que no caso dos homossexuais que exercem a segunda, ocorre uma certa navegação ou adequação à normatividade. Encontro nessa encruzilhada contraditória e complexa a materialização da proposta de Megg Rayara: “No meio de um fogo cruzado entre cis heterossexuais e gays higienizados a bicha se contorce para afirmar uma existência que não é nem uma coisa, nem outra” (OLIVEIRA, 2018, p. 138); ou mesmo a exemplificação da fala de Beto:

BETO:

Acho que nem todo homossexual é bicha. A bicha seria meio que um sub grupo, e não necessariamente ser bicha significa ser homossexual. Eu acho que existe a possibilidade de você se identificar enquanto bicha e você ser panssexual, por exemplo. Você ser uma travesti, que se identifica enquanto bicha ainda. Mas, também existe a homossexualidade sem se identificar enquanto bicha, porque vai da experiência de cada um. E também existe dentro da comunidade gay um “culto ao masculino”, talvez por pessoas procurarem aquilo que não tem, ou procurarem de alguma forma de um contexto heteronormativo. E também existe uma marginalização das bichas dentro da comunidade LGBT, e dentro da comunidade gay, principalmente. E muito disso é pelo fato de as bichas abdicarem um pouco da masculinidade e não terem medo de não ser masculinas.

A partir disso, compreendo que a bicha não é apenas uma questão que diz respeito às práticas homossexuais, mas se configura especialmente como um problema de gênero que desestabiliza, sobretudo sociodiscursivamente, tanto a masculinidade hegemônica quanto a heteroalternativa (por ser homossexual), mas também a homonormativa (por ser feminina). Nas entrevistas de Ariel e Gabriel, a questão da marginalização das bichas dentro da própria comunidade gay também foi abordada, sendo destacado que questões como raça e classe podem aumentar a separação que homossexuais normativos fazem entre si e a bicha:

ARIEL:

[bichas periféricas têm] um tipo de feminilidade que parece gerar afastamento [das bichas de classe média]. Tem essa dicotomia que eu acho que é muito clara. Acho que no fim, todo mundo vai convergir pra ser a mesma maricon¹⁵, mas o processo de chegar lá, pra essas duas pessoas é muito diferente. Ao mesmo tempo em que a gente fala de um coletivo, existe uma série de marcadores que algumas pessoas tentam se colocar um pouco acima das outras. Por isso eu acho que nem todo gay é bicha, a bicha não é uma regra. Acho até que muitos gays passaram por processos de repressão por serem afeminados, eu passei por isso, mas isso faz com que a gente assuma que todo gay quer ser bicha. Mas eu acho que tem pessoas que colocaram outras coisas na sua identidade, e a feminilidade não foi uma delas. Eu tenho um amigo assim, a gente até brinca chamando ele de Padrão. Então não acho que todo gay é bicha, mas uma grande parte passa por esse confronto.

GABRIEL:

E eu nem acho que todo gay é bicha, porque considerando que, pelo menos pra mim, a palavra bicha transmite a ideia de uma pessoa que não performa masculinidade e tem trejeitos femininos, acho que não são todos os gays que são bichas. Grande parte, sim. Mas não todos. Eu acho que, no geral, esses gays mais masculinos querem se distanciar da bicha, mas também seria problemático a gente esperar que todo homem gay tenha trejeitos femininos. Alguns só são do jeito que são [masculinos], outros você percebe pelo discurso que eles têm uma repulsa pela imagem da bicha e eles querem se distanciar dessa imagem. Existe uma hierarquia aí que começa pelo fato de que muitas bichas, muitos homens femininos quererem [afetiva e sexualmente] homens masculinos. Então isso dá uma posição de destaque para esses homens que são muito masculinos. Também tem a questão da repulsa ao feminino que ainda rola muito no Brasil, a gente vê pela própria política. Mas esses gays masculinos criam barreiras tanto afetivas, quanto sociais para não se relacionar com as bichas. Dá pra perceber que o mundo gay é muito dividido em grupos, como dizem [risos]. E geralmente esses gays que são muito mais masculinos, eles preferem andar com gays mais masculinos, se relacionar com gays mais masculinos.

Se inscreve, em especial no que foi colocado por Ariel uma compreensão de que, não é por compartilhar marginalidades devido à questões de gênero e sexualidade que a classe vai deixar de ser uma questão abissal para a formação de diferentes grupos sociais em que que não apenas não se relacionam entre si, como ativamente evitam isso (recurso normalmente utilizado pelas classes dominantes). Voltando à fala de Beto, a adesão à normatividade por parte dos gays masculinos parece ser, também, a garantia da possibilidade de uma vida com menos problemas, visto que, apesar da dissidência sexual, que talvez se recolha ao âmbito privado, esses sujeitos garantem uma certa cópia fantasiosa da masculinidade hegemônica:

BETO:

Já tive contato com gays normativos, na família por exemplo. Aquela pessoa que falam “Ah, nem parece que é!” e que tem um comportamento que se assemelha muito ao da heteronormatividade, tanto na forma de agir, quanto no que consome, tanto nas companhias, que são com pessoas heterossexuais mais do que com pessoas LGBT. E são emoções mistas, por você questionar por que suas experiências não parecem com a dessa pessoa e de você questionar como essa pessoa prefere estar tendo contato com

¹⁵ Gay mais velho.

peças que não passam pelos mesmos traumas que elas. É talvez um pouco de rancor pela forma como essas pessoas conseguem passar pela vida e ter um pouco menos de dificuldade por se encaixarem no padrão que você não consegue se encaixar, não quer se encaixar, mas sofre as consequências por isso.

A possibilidade de fazer coisas com palavras representa o seu potencial performativo de tanto engendrar categorias sociais, quanto subvertê-las (BUTLER, 2021a). A performatividade seria então um mecanismo interno de ativação da identidade, já que, para que uma identidade exista no mundo, é preciso anteriormente exercitar determinadas ações discursivas, baseadas na regulação da própria linguagem, tendo a intenção de ganhar reconhecimento. Um dos reconhecimentos possíveis seria o de homem, por exemplo.

A bicha alterna essa possibilidade de uma reconhecimento, já que aquilo que uma hora foi abjeto, é agora reapropriado. Não se trata de simplesmente se reconhecer bicha, mas de usar a bicha como uma abertura possível para novas possibilidades de existência. Se a bicha em determinado momento existiu a partir do chamamento do Outro e da reivindicação do Outro sobre o uso do performativo bicha, as “bichas” retomam esse performativo para si e dão a ele o seu próprio significado. Tal reivindicação, mostra não apenas a possibilidade de mudar a linguagem, como a facticidade da construção histórica do cis-tema de gênero.

No caso dos grupos abjetos (BUTLER, 2019a), como dissidentes de sexualidade ou *hackers*¹⁶ de gênero (PRECIADO, 2018), existe a resposta às opressões vividas a partir da reimaginação da própria existência e da própria vulnerabilidade. Respondem à violência jogando luz sobre ela, mobilizando a própria precarização num movimento de refluxo, sendo isto possível a partir do momento em que a linguagem é usada para subverter, inclusive, as categorias de abjeção para as quais ela é mobilizada. Não se trata meramente de assumir uma identidade, mas de dismantlar os mecanismos que criaram aquela identidade. Da mesma forma, não se trata de defender as identidades, mas de encontrar as fissuras pelas quais é possível pensar um projeto hiper e pós-identitário, grande interesse das políticas *queer*, movimento originado no Norte Global e protagonizado por dissidentes do sistema de gênero e sexualidade. É hiperidentitário por pensar em multidões irrepresentável e pós-identitário por recusar as bases biológicas normalizadoras do sistema de sexo/gênero, bem como os privilégios que estas oferecem. É pela experiência da abjeção que se constitui um novo tipo de existência, não apenas reproduzindo-a, mas reapropriando-a.

¹⁶ Pessoas que confundem o cis-tema de gênero partindo dos seus próprios termos, ex: drag queens, drag kings, etc.

Os assuntos relacionados à diversidade sexual e de gênero têm estado no centro de disputas políticas, não apenas tensionando os sentidos democráticos de liberdade, mas também negociando diferentes éticas de si. Antes mesmo de se tornarem uma questão relevante para o exercício de poder “moderno”, eles já eram suficientemente relevantes, de modo que a regulamentação dos papéis de gênero existe dentro de uma estrutura específica que envolve questões históricas e culturais, mas também linguísticas. Porém, a linguagem não é um sistema fechado e também demonstra que outros cis-temas possuem aberturas possíveis de interrupção e contrabando de gênero.

Os entrevistados desta pesquisa experienciaram, principalmente durante a infância, a bicha como um xingamento, como uma figura da qual, talvez nem se tenha um entendimento completo, ou não se consiga acessar os seus significados de forma plena, mas que parece existir para *ferir*. Como se os enunciados “é bicha!”, “isso é coisa de bicha!”, “ele é uma bichinha!” possuísem em si a capacidade de machucar. Obviamente, por uma construção histórica do que significa ser a bicha, eles *adquirem* a possibilidade de maltratar. A seguir, realizo a reconstrução histórica e etimológica do termo e uma análise do processo cultural pelo qual ele ganhou o poder de significar o que significa. Interessa também pensar o que se pode fazer com isso no presente momento histórico e em futuros possíveis. Portanto, não é apenas uma pesquisa genealógica sobre a ocorrência do termo bicha, mas um investimento político sobre as maneiras de repensar e retomar esse performativo.

Destaco que, com a expansão dos movimentos *queer* e a possibilidade de mudar os cis-temas de representação que eles tanto insistem, as masculinidades bicha se encontram na fronteira dos processos de reconhecimento de gênero, lutando contra a recorrente e permanente tentativa de colonização dos corpos e dos desejos, sendo também uma característica sua a pluralidade de vozes e a multiplicidade de possibilidades de existência. Assim como já falado, da mesma forma que bicha pode significar uma ocorrência de masculinidade específica, também pode significar uma possibilidade de materialização da não-binariedade de gênero ou das tavestibilidades brasileiras.

À guisa das conclusões da apresentação do tema do capítulo, é oportuno explicitar que a masculinidade bicha apareceu para mim como interesse de pesquisa, não por uma observação *outsider* do tema, mas pela vivência dissidente. Desde criança o estigma da bicha me cortou como que dividindo um mundo possível e outro impossível: o possível me interpelava a cumprir chamamentos que eu nunca conseguiria, e o impossível teria de se tornar possível para minha própria sobrevivência. Nesse sentido, com as próprias bichas com que trabalhei para construção

da investigação, percebi a experiência comum de “ser apontado” como bicha, mesmo antes de saber o que isso pode significar:

BETO:

Então você é chamado de bicha, você é chamado de gay, antes de você saber o que é. Antes de você entender o que são desejos sexuais, antes você ter desejos e vontades, você já recebe isso como um xingamento. Então [a bicha] chega como uma coisa negativa, que você nem sabe o que é, mas que, pela forma como falam com você, você interpreta como uma coisa negativa. Então comigo também foi assim: na escola falavam, me chamavam de bicha. Eu lembro que era uma coisa que acontecia, era uma situação. Então por muito tempo é uma coisa que eu rejeitei, que eu tentei não ser, e que eu achava que era ruim, pela forma como me apresentavam. E demorou muito tempo até eu chegar na fase adulta, pra eu conseguir reivindicar e ressignificar o que esse termo significava pra mim porque ele veio com um peso externo muito negativo. Eu mesmo não chegava a achar que era errado, feio, ser bicha, mas ao mesmo tempo eu não queria ser porque era uma coisa que eu sabia que as pessoas viam como errado.

2.1 CONTRA-HEGEMONIA

Por meio da autonegação, a bicha se coloca como uma figura contra-hegemônica, isso porque ocupa uma posição não normativa. Sobre a bicha, muito se fala: desde a mídia às rodas de masculinidade exacerbada entre adolescentes que tentam afirmar sua virilidade durante o ensino médio. A bicha cria a si mesma tendo em vista a possibilidade de tomar para o poder da nomeação, ao mesmo tempo em que torna evidente as arbitrariedades da normatividade de gênero, da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. Uma das minhas apostas iniciais do trabalho era a de que bicha bate de frente à masculinidade dominadora, mas, principalmente, torna perceptível a sua própria posição não normativa e decolonial. E de fato, isso pode ser notado, mas existem também ressentimentos, especialmente de mobilidade de classe como já analisei. Sendo assim, o conceito aqui intitulado “masculinidade(s) bicha” dá conta de homens que produzem suas masculinidades ao se reconhecerem no espectro da bicha, uma figura que, como o próprio nome no feminino sugere, exercita uma posição masculina em diálogo com elementos não hegemônicos do masculino, mas que também participa de sistemas de poder.

A masculinidade bicha se materializa de modo a evidenciar a construção histórica e cultural de formas diversas das vivências masculinas no Brasil. Os homens hegemônicos, que poderíamos chamar de truculentos, viris, violentos, encontram na bicha uma figura de desprezo: não se trata de medo, ou de uma simples aversão, mas de uma repulsa direcionada não apenas à absorção de espectros femininos feita por corpos com biopênis que se reconhecem como homens, como dá conta também de uma repulsa ao próprio feminino. Mantendo sua posição estratégica de autonegação, a bicha demonstra a arbitrariedade e percurso histórico que leva

à hegemonia, bem como dá pistas das maneiras por meio das quais é possível subverter às normas do sistema de sexo/gênero/desejo.

Como categoria, a bicha se refere às pessoas que nasceram com biopênis e, por uma vivência próxima às feminilidades, foram colocadas numa posição subalternizada. A formação histórica da bicha nos mostra que, antes de ser utilizada como ferramenta injuriosa, ela já ocupava um papel de autonegação. Como mostrarei a seguir, a expressão nem sempre foi utilizada como discurso de ódio (GREEN, 2019). Bicha surgiu como uma palavra utilizada como autonegação dos homossexuais, em meados da década de 1930. Funcionava, portanto, como um termo de nomeação autônoma e interna da própria comunidade. A palavra parece flertar com *biche*, expressão francesa que sendo a tradução literal de “veado” (viado [sic]) pode ter sido incorporada ao vocabulário da comunidade homossexual na intenção de trazer um certo *glamour* para as figuras que se declaravam bichas.

É interessante também notar que a palavra também pode se referir a vermes intestinais. A pesquisadora Megg Rayara afirma que, para as bichas pretas não faz sentido pensar a genealogia de suas identidades como decorrente do uso francês de *biche*, isso porque “Seus sinais estão assinalados no regime escravista. (...) Ao contrário da bicha branca burguesa, a bicha preta sai às ruas e desafia não apenas as normas de gênero, mas a sociedade como um todo” (OLIVEIRA, 2018, p. 139). Nesse contexto, abro novamente a discussão de que, apesar de não participarem da hegemonia masculina no sentido de performatividade de gênero, muitas bichas (brancas, de classe média) ainda podem ser classistas, racistas, transfóbicas, etc.

Daqui em diante, irei analisar a bicha como um efeito de seu próprio processo histórico, que participa também da historicidade das masculinidades brasileiras, mas ganha características próprias, ao se constituir como categoria injuriosa. Para Butler (2021a, p. 67), a força de determinadas palavras, “não é o mero efeito causal de um golpe infligido, mas funciona em parte graças a uma memória codificada ou a um trauma, que vive na linguagem e é transmitido por ela”. Quando se marca alguém como bicha a partir da significação homofóbica, heterossexista e heteronormativa do termo, o que se faz é reavivar a sua memória histórica traumática fazendo reviver sua ferida. Dessa maneira, entendo que “O trauma social toma a forma não de uma estrutura que se repete mecanicamente, mas de uma sujeição contínua, da reencenação da injúria” (BUTLER, 2021a, p. 67).

Uma das maiores afirmações da bicha (masculina) às masculinidades é a de se contrapor à hegemonia contra a naturalização das normas de gênero. Contra a compreensão de que aquilo que é construído dentro do próprio discurso pudesse ser posto de forma anterior a ele. A bicha vai de encontro à cristalização do masculino como algo natural. Faz com que os homens tenham

que lidar com a historicidade da sua posição nas relações de gênero, à medida que os confronta com a possibilidade de usar da vivência masculina para ocupar posições outras, não previstas pela normatividade. Ao ser bicha, o sujeito constitui uma forma particular de se colocar no circuito das masculinidades:

BETO:

Depois de um tempo eu fui começando a entender o que seria “ser bicha” fazendo uma regressão pra perceber algumas questões da minha infância e fazendo o processo de ressignificar.

ARIEL:

Ser bicha, pra mim, cria e não cria formas de reinterpretar as masculinidades. Não cria porque eu não acho que é necessário que eu tente rever a masculinidade. Se a masculinidade for isso [normativa], tudo certo, eu só não sou. Mas ao mesmo tempo sim, porque eu acho que o pertencimento de gênero, *ser homem*¹⁷, precisa ser revisto, ou talvez ampliado. Mas ao mesmo tempo, se o normativo é tipo *ser masculino*, tudo bem, eu só não estou próximo disso. Então meio que cria e não cria. Não acho que tem a necessidade de só porque eu sou bicha, eu dizer que ser bicha também é ser masculino. Pode também não ser. Pode ser algo *in between* [entre o masculino e o não masculino].

GABRIEL:

Então eu acho que desconstruí e ressignifiquei a ideia do que é ser homem, mesmo que não tenha sido de caso pensado. Acho que hoje pra mim a ideia de “ser homem” tem muito a ver com ser lido enquanto homem. Eu acho que ser homem é ter os privilégios que um homem tem, porque eu acredito que tem a ver com a forma como a gente se enxerga e como as outras pessoas nos enxergam. Eu acho que têm coisas que independem do indivíduo, dependem de como a sociedade o vê. Então eu acho que pra além do ser visto, eu tenho que me ver como homem também. E isso envolve uma série de privilégios, ou não, pra diferentes pessoas. Mas acho que ser homem pra mim, não é mais aquela ideia engessada, tanto que hoje eu uso minhas roupas femininas tranquilamente.

A masculinidade (da) bicha é uma posição nas relações das masculinidades que assume, em primeiro lugar, a sua não conformidade com a norma, e em segundo lugar, o seu desinteresse em participar de tal esquema normativo. Para tanto, a bicha é repetida *ad infinitum*, provocando a reapropriação de um termo roubado que, hora usado como xingamento, agora opera de maneira a afirmar a existência de figuras que não se conformam à hegemonia. No percurso do presente capítulo, farei um esquema temporal do surgimento do termo, bem como a ocorrência de expressões anteriores que possibilitaram a sua invocação.

Para Butler (2021a, p. 238), “é precisamente a capacidade que tais termos possuem de adquirir significados não ordinários que constitui sua promessa política inesgotável”. A estadunidense completa: “De fato, eu sugeriria que o potencial insurrecional de tais invocações

¹⁷ A utilização de palavras em itálico nas entrevistas foi feita como uma convenção tipográfica em momentos de ênfase nas falas dos voluntários.

consiste exatamente na ruptura que elas produzem entre um sentido ordinário e um sentido extraordinário” (BUTLER, 2021a, p. 238). Desse modo, entendo que a reinscrição de determinados termos demonstra a sua possibilidade de adquirir diferentes significados ao longo da história. Portanto, a bicha não possui um caráter estático e esgotável, podendo ser inscrita e reinscrita de diversas maneiras, se não fosse assim, não teria sido roubada à mesma medida em que é repetida de maneira produtiva e positiva.

Uma maneira comum que meus entrevistados relataram ter de reapropriar o uso da identidade bicha, é a convivência coletiva com outras pessoas LGBTQIA+. Esse momento de troca de afetos e vivências parece ter proporcionado uma oportunidade de repensar o estigma da bicha a partir de outros olhares. Uma das descobertas que fiz ao longo do processo de coleta e análise das entrevistas foi a de que a masculinidade bicha opera em redes de apoio, de autorizações mútuas e afetos que fortalecem e empoderam os sujeitos. Essa construção coletiva de (res)significação da bicha parece ser comum de acontecer a partir do fim da adolescência/Ensino Médio e início da vida adulta/faculdade.

BETO:

Minha percepção sobre o “ser bicha” mudou justamente quando eu entrei na faculdade, na Federal de Sergipe. E foi o primeiro momento que eu tive um espaço que era 100% seguro. Porque na família não era, no ensino médio e na escola, menos ainda. Então eu não me sentia confortável nem pra questionar minha sexualidade, questionar meu comportamento. Eu só tentava esconder e suprimir o máximo possível. Então bastou 2 ou 3 meses dentro de um ambiente que eu achava que era seguro, um ambiente que eu convivia com outras pessoas que eram LGBT, com outras bichas, pra eu aceitar e realmente me ver enquanto bicha. Também acho que foi um momento de extravasar, de ir do 0 pro 80, ir do 0 pro 100, em um espaço curto de tempo. Foi um momento de liberdade mesmo. Um momento de me libertar o máximo possível. E foi quando eu percebi que ser bicha não era uma coisa ruim, e que eu era [bicha]. Foi um momento de ir pra festas. Conversar sobre o assunto e poder explorar a minha sexualidade. E também no dia a dia, eu não tinha mais medo de falar alguma coisa, de me divertir, não ter medo de fazer a piada que eu queria fazer, não ter medo de tocar no assunto que queria tocar, não ter medo de estar 100% na conversa sem se preocupar em como você tá se comportando, com a imagem que você tá passando, só estar no momento, e ser natural, eu acho que foi esse o processo. Talvez não fosse nem uma questão de extravasar. Mas é que eu tava tão reprimido que fazer o mínimo, era uma extravasar pra mim. (...) Minha vida inteira, enquanto criança e adolescente na escola, eu só tinha contato com mulheres. Porque eu não tinha contato com outros gays, ou outras bichas. E também quando eu entrei na minha primeira faculdade, a maioria dos meus contatos eram mulheres. Eu tinha contato com outros gays, mas que eram um pouco mais normativos, pelo menos os que eram mais próximos. Então a primeira vez que eu tive mais contato com bichas foi quando eu cheguei em Recife, entrei na faculdade, e tanto meu grupo de amizade, Matheus e Júlio, quando eu tive contato com Marcos e Daniel, amigos do trabalho que são duas pessoas que também se identificam enquanto bichas. Foi um novo momento, pela primeira vez as minhas amizades compartilhavam as mesmas experiências que eu. Não eram pessoas que eram apenas simpáticas, mas que tinham vivido aquelas experiências. Então conversar e sentir a relação entre os traumas, e as experiências em comum, traz afinidade. Enquanto antes, eu via que minhas amigas tinham entre elas experiências comuns [por serem mulheres], pela primeira vez eu tive a oportunidade de compartilhar esse nível

de experiência com pessoas, para além da amizade normal. Eu acho que existe um aspecto coletivo pra bicha, obviamente cada um vai experienciar da sua própria forma o “ser bicha”, mas existe um coletivo, existe uma grande quantidade de pessoas que passaram por essa mesma experiência. As experiências que eu tô falando aqui não são únicas, muitas pessoas passaram por experiências semelhantes. Acho que é uma experiência muito específica que aproxima as pessoas em comunidades junto com outros que passaram por traumas similares.

ARIEL:

E eu acho que tem um marco temporal muito importante nessa história, que foi ter ficado com um menino pela primeira vez, então obviamente isso me mudou muito porque eu vi que não era mais uma coisa sobre mim, sobre quem especificamente eu queria ser, mas sobre o que eu quero enquanto afetividade. E se isso engloba poder me aceitar mais, ótimo. É como se fosse um presente duplo, então tem isso [a primeira experiência de beijar outro homem], mas acho que o principal é que eu entrei na universidade sendo uma pessoa muito vidrada em trabalhar e estudar, até me anulei por muito tempo. (...) Na minha sala tinham três [bichas] icônicas, três das maiores, eu fiquei “Caralho, eu sou muito merda. Eu não tô aproveitando a oportunidade de me aproximar dessas pessoas pra me conhecer melhor”. E eu acho que muito do que eu vivi foi isso: ver pessoas que estavam num outro lugar mental de aceitação e conseguir caminhar junto delas. (...) eu acho que o acolhimento que eu recebi veio muito do lugar de “Mona, se toca, tu é bicha!” [outras pessoas aconselhando Ariel] no começo foi assim comigo. E foi muito menos uma coisa *afetiva*, tipo melosa, carinhosa e romântica, e muito mais um confronto, um confronto consigo. E foi bom ser desse jeito, porque eu acho que quando você é bicha, você se sente mais pronta pra levar algumas coices, porque você já leva tanto. E aí é bom que o coice também venha dos seus, porque aí vira uma coisa de “Reage rápido!”, sabe?

GABRIEL:

Só comecei a aceitar lá pros meus 16 anos. Eu lembro que eu comecei a andar com um grupo de meninos e de meninas na escola que já eram “pra frentex” [desconstruídos], mais descolados e já tinham a coisa da sexualidade mais bem resolvida. Alguns já eram assumidos pros pais, tinha uma menina que andava de mãos dadas com uma outra menina da escola que era desse mesmo grupo. Então eu acho que começou a surgir um sentimento de “eu não posso ficar pra trás, eu também sou assim, eu também me sinto assim”. Então isso tudo acelerou e facilitou o processo. Estar em grupo acelerou o processo, sem sombra de dúvidas. Estar com eles me ajudou a perceber que eu não estava sozinho, então o grupo me ajudou bastante nesse processo ainda dentro da escola, durante o Ensino Médio. (...) O Ensino Médio eu fiz num colégio diferente do que estudei até a oitava série, então no Ensino Médio, eu já entrei com outra mentalidade, entrei pensando “Eu não vou dar liberdade pras pessoas fazerem bullying comigo”. Então eu entrei com a mentalidade de que eu iria tentar me juntar com pessoas com que eu pudesse me sentir seguro, foi aí que eu me juntei com esse grupo de pessoas mais descoladas e mais pra frente no Ensino Médio.

A partir dessa discussão, surge a necessidade de pontuar a importância de tais redes comunitárias de segurança para a construção de políticas públicas que visem a possibilidade de valorizar e garantir a dignidade das vidas LGBTQIA+. No centro desse debate, é impossível deixar de lado o poder que o projeto Escola Sem Homofobia, iniciativa participante do Programa Brasil Sem Homofobia do Governo Federal do presidente Lula (PT), em meados de 2004, teria de combater as violências de ordem homotransfóbica nas escolas brasileiras, mas acabou sendo cerceado e deixado de lado pela sua sucessora, Dilma Rousseff, após uma enxurrada de críticas neoconservadoras. O evento nos leva a refletir como o debate acerca da

sexualidade é, sem dúvida, um dos protagonistas para a gramática dos Direitos Humanos, sejam estes um signifiante utilizado como participante de uma agenda liberal ou de autonomia/emancipação.

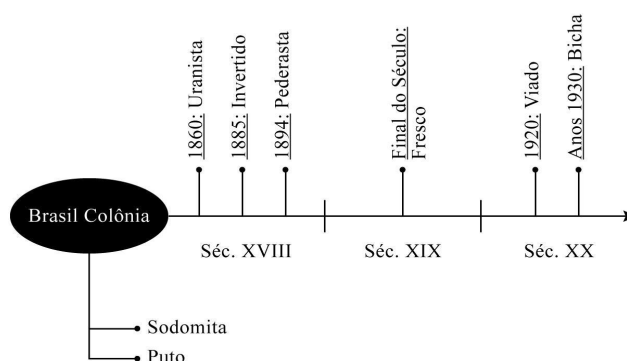
2.2 BICHA, SUBSTANTIVO FEMININO

O desenvolvimento de determinadas palavras e expressões tem permitido que, ao longo da história do Brasil, sejam solidificados discursos de ódio e declarações injuriosas em direção à população LGBTQIA+. Palavras que ferem têm sido afiadas na intenção de desumanizar e desqualificar a comunidade. No caso dos homens cis homossexuais, ou pessoas que nasceram com biopênis, a bicha é uma das possíveis armas usadas para machucar. Como analiso a seguir, existe um panorama complexo para o desenvolvimento dessa injúria que envolve não apenas a questão da homofobia, mas também uma repulsa a tudo que é feminino.

Dessa maneira, outras palavras, como viado, fresco, e até mesmo frango (xingamento usado no contexto pernambucano), também são mobilizadas na expectativa de se referir a indivíduos que existem num nível menor de humanidade, constituindo assim uma semântica particular das masculinidades homossexuais.

Muitas vezes esses termos são roubados do seu contexto de origem, assim como é o caso de fresco e bicha. São, também, injúrias invocadas para, de alguma maneira apontar e destacar a “falta de uma masculinidade completa”, ou a “não correspondência ao ideal masculino”. Revela-se assim que o que está em questão é o desempenho de uma masculinidade específica. Sabemos da existência de vários outros termos para xingar, como boiola, baitola, etc. A análise feita aqui se detém aos termos trabalhados com mais profundidade nos trabalhos consagrados de Trevisan (2018) e Green (2019). A seguir, apresento uma linha do tempo de alguns termos injuriosos e homofóbicos, bem como a data aproximada de seu surgimento:

Figura 5: Linha do tempo das expressões pejorativas



Fonte: Green (2019)

No quadro abaixo, apresento algumas expressões pejorativas utilizadas em relação aos homossexuais que foram abordadas no trabalho do antropólogo James Green (2019). Em todos os casos, a palavra em questão é utilizada para se referir de alguma maneira à rotina sexual da pessoa que pretende descrever, muitas vezes fazendo menção direta à posição passiva. Assim, apresento a expressão pejorativa, o contexto de origem, sua ordem social de inscrição e data se refere aproximada do período de origem. Segundo Megg Rayara, “O que esses termos dizem é que o relacionamento sexual e afetivo entre pessoas do sexo e do gênero masculino não é humano, não é honesto” (OLIVEIRA, 2018, p. 134).

O que chamo de “ordem”, trata-se da instituição de origem da mobilização do termo, podendo ser ela a religiosa, a moral, a jurídica, a médica, a policial, ou a social. As ordens religiosa, jurídica, médica e policial fazem referência direta aos organismos sociais que as nomeiam, como as igrejas, o ambiente legislativos e judiciário, a indústria médica e as rondas policiais. Já a ordem moral implica a existência de uma consciência social de moralidade (muitas vezes associada às atividades sexuais) que serviu para originar a injúria. Por último, a ordem social implica na criação do termo a partir do próprio grupo ao qual a palavra se refere. Apesar de serem estabelecidas datas de origem aproximadas, isso não significa que o surgimento de um termo substitui a utilização do outro, já que é possível a permanência do uso de determinada palavra até séculos após a data aproximada de seu surgimento. Além disso, a data de origem aproximada se refere ao momento histórico da ocorrência do termo no contexto brasileiro, sendo alguns deles importados da Europa “moderna”, ou até mesmo da Grécia Antiga.

Quadro 6: Descritivo das expressões pejorativas

Expressão pejorativa	Contexto de origem	Ordem	Data brasileira (aprox.)
Sodomita	Descreve pessoas que praticam atividades sexuais anais, consideradas impróprias tanto para homens como para mulheres	Religiosa	Brasil Colônia
Puto	Termo usado no Brasil e em Portugal para se referir à	Moral	Brasil Colônia

	prostituição e aos vícios sexuais masculinos		
Uranista	Refere-se à teoria de que um homem que sente atração por outro homem é, na verdade, uma mulher presa dentro de um corpo com biopênis	Social/Jurídica ¹⁸	1894
Invertido	Termo importado da França, era utilizado pelos estudos da psicanálise e da neurologia para descrever o indivíduo que pratica relações entre homens	Médica/Jurídica ¹⁹	1894
Pederasta ²⁰	Descreve pessoas que realizam atividades sexuais com indivíduos do mesmo sexo	Médica/Jurídica	1894 ²¹
Fresco	Duplo sentido de puto, também faz referência ao frescor e à jovialidade dos jovens homossexuais que desempenhavam o papel de passivos	Social/Jurídica	Final do século XIX

¹⁸ Podemos dizer que a origem do termo é tanto social, quanto jurídica, já que foi utilizado originalmente por Karl Heinrich Ulrichs, jurista alemão que criou o termo para se referir ao que ele próprio chamou de “terceiro sexo”, uma condição para justificar a atração homossexual que consistia em ser um homem com uma mulher presa em sua alma. Falando em primeira pessoa, Karl é considerado um pioneiro do movimento homossexual, já que, como apontado por Preciado (2020), em 1860 o jurista não diz que *existem uranistas*, mas *sou uranista*. No Brasil, o termo foi utilizado pelo jurista Viveiros de Castro em 1894.

¹⁹ A questão da “inversão sexual” foi trabalhada pelo jurista Francisco José Viveiros de Castro, professor de direito criminal da Faculdade de direito do Rio de Janeiro. para descrever crimes de atividades homossexuais em “Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual” (1894). O que o jurista entende por inversão, surgiu com a publicação de “A inversão do instinto sexual do ponto de vista médico-legal” (1885), do Dr. Julien Chevalier. No volume, o professor também usa a expressão pejorativa “frescos” para se referir a um grupo de homossexuais que vestiam-se como mulheres (GREEN, 2019)

²⁰ Pederastia é um termo ambíguo, mas me refiro aqui ao contexto empregado por James Green (2019), que é o da passividade sexual.

²¹ Trato da noção de pederastia trabalhada pelo jurista Francisco José Viveiros de Castro que vem originalmente da medicina (GREEN, 2019).

Viado	Alternativa a puto e fresco, acredita-se que foi utilizado por um policial carioca para descrever a fuga de um grupo de homossexuais que correram rapidamente (como veados) ao perceber o risco de prisão	Policial	1920
Bicha	Outra forma de descrever o homem que mantém relações sexuais com outros homens na posição passiva	Social	Anos 1930

Fonte: Green (2019)

É oportuno fazer notar que mesmo a identidade que hoje é popularizada e entendida como “homossexual” também foi produzida historicamente. Como apontado por Foucault (2019a) e Preciado (2018), a palavra homossexual foi de autoria do psiquiatra alemão Krafft-Ebing em meados do século XIX, o que significa que antes disso, não existiam homossexuais. Essa compreensão não apaga a história de centenas de milhares de pessoas que ao longo dos séculos, por todo o mundo, se relacionaram sexualmente com outras pessoas do mesmo sexo, mas ressalta a contingência histórica da identidade homossexual e isso significa que a origem do “homossexual” também implica no surgimento da figura “heterossexual”. Homossexual e heterossexual (assim como bissexual, transsexual, etc) são identidades historicamente construídas e esse caráter precisa ser ressaltado.

A seguir, analiso a ocorrência das injúrias “puto”, “fresco”, “viado” e “bicha” por participarem de identidades brasileiras, enquanto “sodomita”, “uranista”, “invertido” e “pederasta” possuem um caráter transnacional e europeu, o que também é o caso de “puto”, mas essa palavra é importante para entender a relação das injúrias homofóbicas com a repulsa à prostituição/passividade anal. Sabemos que a própria bicha também foi em certa medida importada. Como comentado anteriormente, a palavra francesa que a originou (*biche*) parece ter sido uma forma de refinar ou glamourizar seu caráter social, o que pode ter acontecido, inclusive, pela ação de auto nomeação das próprias bichas.

Integrando a discussão realizada por Green (2019) começo pela palavra *puto*. Mesmo que hoje ela possa significar outras coisas, como por exemplo, um adjetivo para descrever alguém com muita raiva, sua origem está ligada ao tratamento injurioso de homens que possuíam trejeitos femininos e/ou eram prostitutas. A utilização da expressão preconceituosa “Era uma versão popular do antigo termo sodomita, de origem bíblica, e o modo empregado pela religião e a lei para descrever pessoas que praticavam sexo anal com homens ou mulheres” (GREEN, 2019, p. 73).

Puto era, portanto, uma palavra muito associada aos comportamentos sexuais descritos como impróprios, como as relações sexuais anais, ou até mesmo a masturbação. Fica evidente que “a acusação de ‘ser um puto’ podia unir diversos grupos contra um inimigo comum da moral social - o homem efeminado que, segundo se supunha, trabalhava como prostituto” (GREEN, 2019, p. 72).

No Brasil, “Embora o uso da palavra ‘puto’ escandalizasse a vizinhança, ser um puto era uma infração muito maior” (GREEN, 2019, p. 73), portanto, o uso da palavra, mesmo como injúria, poderia levar alguém à corte. Conforme apontado por Green (2019, p. 72), em um relato policial carioca, o relato de uma testemunha “confirmou que chamara José de ‘puto’, porque o turco usava ruge em sua face”. Vemos, portanto, que a motivação de se referir a alguém enquanto “puto” estava ligada em primeiro lugar ao uso de maquiagem vermelha no rosto, questão associada à vaidade feminina.

A injúria pejorativa fresco se inscreve na ordem jurídica já que, no fim do século XIX, o jurista Francisco José Viveiros de Castro popularizou a palavra. Francisco José usou a palavra “frescos” para se referir “aos homens que, em 1880, nos últimos anos do Império, invadiram o baile de máscaras do carnaval no Teatro São Pedro, no Largo do Rossio” (GREEN, 2019, p. 73). Mas a expressão não é completamente originada numa ordem jurídica, ela também possui um ordenamento social, já que Viveiros de Castro apenas utilizou a palavra para se referir ao modo como esses homossexuais já eram conhecidos popularmente. Assim, o papel jurídico foi o de popularizar a expressão que já era utilizada de maneira vexatória socialmente.

Como apontado no quadro descritivo das expressões pejorativas, uma teoria plausível para a popularização da palavra “viado” é a comparação que um policial fez de homossexuais que correram como veados frente ao risco de prisão na Praça da República (RJ), em 1920. A ocorrência acabou ganhando alarde na mídia, o que pode ter ajudado a disseminar a expressão associada aos gays (GREEN, 2019).

Não se sabe ao certo a origem da palavra bicha para se referir a homens homossexuais, o que é apontado por James Green (2019) é que à época de sua “invenção”, a palavra bicha já

significava socialmente “parasita intestinal” e “mulher raivosa”. Mas, de alguma maneira, acabou se tornando uma forma de fazer referência a homossexuais passivos.

Uma teoria plausível é a de que a bicha seria uma forma de falar “viado”, tendo surgido a partir de *biche*, expressão francesa que significa corça (feminino de veado). Talvez numa tentativa de tornar o termo mais refinado por fazer referência ao termo já existente “viado”, o trocadilho em francês veio a calhar.

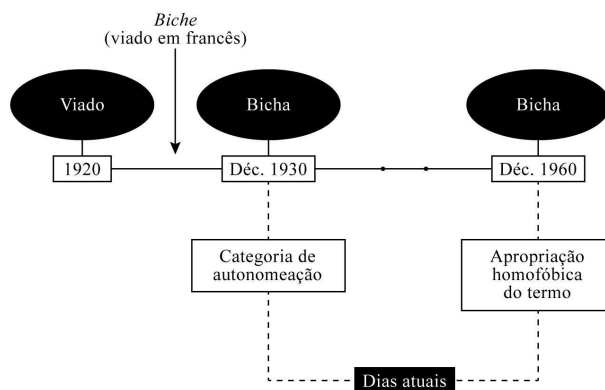
Biche também era um termo utilizado na França para se referir às mulheres jovens, mas parece ter se originado no contexto das prostitutas. Assim, antropólogo James Green também aponta sobre a bicha que “parece ter-se originado, ou seja, o submundo das prostitutas, cafetões, malandros e pequenos ladrões” (GREEN, 2019, p. 156).

Dessa maneira, adotando a palavra como uma expressão afetiva, “os jovens homossexuais podem ter criado um novo uso da palavra bicha, tanto como um jogo de palavras como para ironizar com a mordacidade do termo viado” (GREEN, 2019, p. 155). Considere-se também que a popularização da expressão entre a comunidade homossexual brasileira da primeira metade do século XX pode ter se dado pela soma de seus significados: *biche* (veado/viado em francês) + mulher raivosa (fazendo referência à feminilidade das bichas) + parasita (um ser que destrói seu hospedeiro, nesse caso o sistema de sexo/gênero/desejo).

James Green argumenta que a expressão bicha não era um xingamento ou injúria até meados da década de 1960: “Gerado de dentro de uma subcultura, o termo foi mais tarde apropriado para desmerecer as mesmas pessoas que o criaram” (GREEN, 2019, p. 156). Portanto, o jornalista considera que a apropriação heterossexual de um termo que pertencia à comunidade LGBTQIA+ provocou a sua transformação em injúria, já que se tornou um instrumento de agressão às masculinidades não hegemônicas.

Apesar dessa chamada “apropriação heterossexual”, que também poderíamos chamar de apropriação heteronormativa, apropriação heterossexista ou apropriação homofóbica, é plausível acreditar que a bicha nunca deixou de ser uma expressão utilizada pelas próprias bichas para descrever a si e às outras bichas.

Figura 6: Mapa histórico da bicha



Fonte: Produção minha

Dessa forma, configura-se um quadro importante: a feminilidade em homens aliada ao repúdio à prostituição masculina e às atividades sexuais passivas criou um tipo específico de xingamento. A masculinidade bicha, como modo de fazer referência ao papel de homens que atuam num fluxo contra hegemônico de produção da sua masculinidade, já era exercida desde a década de 1930. Antes de ser uma novidade, a bicha sempre foi um vocativo produtivo. Quando roubado pela carece heterossexual, foi reapropriado à comunidade de maneira mais uma vez positiva, mas, assim como a homossexualidade, ainda possui uma memória discursiva injuriosa:

ARIEL:

Acho que eu nunca sofri homofobia e sou uma pessoa que me pudei o tempo inteiro por conta disso. Acho que se sofri homofobia foi dentro de casa, mas sofrer homofobia vindo de uma pessoa contra quem eu estava completamente sem guarda, não. Então, de alguma forma eu via aquilo a bicha como algo que eu queria me distanciar, porque obviamente eu via como algo que as pessoas *riam de*. Mas depois eu entendi que não. Estudar cultura ajuda muito nessa coisa, você cria novos referenciais de sociedade quando você interage com *culturas*. E aí quando eu fui conhecendo novas formas de expressão a partir de algo que não era minha vida, era a vida de outro, tipo filme, literatura... eu vi que [a bicha] era algo que as pessoas estavam deixando de *rir de*, mas se apropriando enquanto uma forma de vivência. E aí eu fiquei muito mais confortável pra tipo assim, dizer: “Ah, talvez eu possa ser isso porque eu não vou necessariamente ser *apontado*, mas eu vou ser *identificado*”. E essa identificação pode ser algo bom, pra mim foi mais nesse sentido. Apontado, seria ser visto como um subgrupo, como um gueto, ser visto como algo separado da sociedade. É como se a sociedade fosse um círculo, e tem outro círculo que tá por fora que é apontado como algo distinto. Acho que entra muito na coisa da distinção, de separar, água e óleo. E acho que ser identificado é *fazer parte de*.

GABRIEL:

Em outros lugares eu também sentia uma repressão contra a minha sexualidade, tipo no condomínio que eu falei que morei, onde os meninos já percebiam a minha sexualidade. Acho que morei lá de 2003 até 2020, mas não foi o tempo todo que eu morei lá que sofri bullying. Deve ter sido mais ou menos de 2003 até, sei lá, 2011, que foi o ano que eu me assumi. Isso é engraçado, quando eu me assumi e comecei a

demonstrar que não me importava mais com isso, as pessoas pararam de ter oportunidade de fazer bullying comigo, ou pelo menos tiveram menos [oportunidades].

É interessante notar como homofobia pode significar diferentes coisas para os entrevistados, para Ariel, parece ser uma questão que diz respeito às pessoas menos podadas, mas ele não parece perceber que o próprio fato de ele ter sentido a necessidade de se podar é, em si mesmo, consequência da estruturação social da homofobia. É interessante notar como a ressignificação política da palavra bicha é evidenciada em seu discurso, mas também a contradição de nunca ter sofrido homofobia e mesmo assim ter podado recorrentemente o seu comportamento. Uma das características da violência homofóbica é justamente a de muitas vezes ter aparência de superficial e inofensiva, enquanto faz justamente com que as pessoas precisem se podar. De qualquer modo, tanto fala de Ariel, quanto na de Gabriel, há o reconhecimento daquilo a que me referi como homofobia recreativa anteriormente, série de comportamentos nas quais a violência homofóbica se manifesta transformando o outro em piada, questão também evidenciada na fala de Beto:

BETO:

Tendo, no momento, contato com homens heterossexuais, depois de muito tempo sem contato com uma quantidade grande de homens heterossexuais, dá pra perceber o quanto a masculinidade deles é frágil, o quanto todas as piadas têm um tom de machismo e de homofobia, porque a pior coisa que pode acontecer a eles é a perda da masculinidade, é a perda do controle, da força.

A bicha, em seu caráter de constestação política direcionado à heteronorma, possui uma lógica própria de formação do sujeito em (dis)curso. Constitui-se como um performativo por evocar uma forma de chamamento do sujeito que recusa a singularidade, mas apela para uma formação constante. Sendo assim, “O performativo não é apenas uma prática ritual: ele é um dos rituais influentes pelos quais os sujeitos são formados e reformulados” (BUTLER, 2021a, p. 262). À medida que foi evocado pela apropriação homofóbica, o performativo bicha se tornou uma maneira de destacar características supostamente femininas em corpos que possuem biopênis. Dessa maneira, podemos concluir que a feminilidade é a finalidade do xingamento, ser um homem que tem suas características, trejeitos e gostos assemelhados de maneira estereotípica ao universo das mulheridades²² (NASCIMENTO, 2021).

²² Conceito que, conforme proposto pela educadora Leticia Nascimento (2021), dá conta de pessoas que se reconhecem dentro de uma gama de possibilidade de feminilidades.

Dentre as identidades aqui trabalhadas, percebemos a insistência e persistência de uma ideia de prostituição associada à passividade. Tida como crime, a prostituição masculina protagonizou os prontuários policiais por décadas. Como Trevisan (2018) aponta, foi possível para a polícia, inclusive, criar uma antropologia criminal a partir dos estudos de constituição morfológica dos homossexuais presos. Sendo figuras que representam um perigo iminente, ao ponto de acabarem em cárcere, os homossexuais são rechaçados devido à sua decadência moral por todos os lados: pela medicina, pelo sistema jurídico e pela sociedade.

É possível perceber a ocorrência de valores heterossexistas, misóginos e falocêntricos em todas as injúrias apresentadas aqui porque elas criam sujeitos definidos a partir de um posicionamento específico em relação ao biopênis. A posição passiva é recorrente nessas injúrias e parece ser a grande motivação para xingar. Como apontado por Nascimento (2021, p. 162-163): “O desprezo pela mulher e por tudo que é feminino tem suas raízes fincadas na colonialidade de gênero, já que o homem branco detinha o poder sobre a mulher branca”. Ou ainda: “A colonialidade de gênero produz, nos modos de organização social latino-americano e caribenhos, um profundo desprezo ao feminino, que se torna inferior, sem valor”, associada a homens homossexuais, essa questão é chamada por Miskolci (2015) de efeminofobia. Sobre isso, Beto me contou um pouco do que pensa acerca da ideia de masculinidade frágil:

BETO:

A masculinidade frágil aí é um medo de ser menos homem, um medo, passado de geração, de não cumprir determinado papel. Porque provavelmente os pais, e os pais dos pais, sempre disseram “você tem que ser macho”, “você tem que ser forte”, “você não pode demonstrar suas emoções”, “você tem que pegar todas as meninas, ser o pegador, e depois ser o homem de respeito da casa e botar ordem, botar medo nos seus filhos porque você tem que ser uma figura de autoridade”, “você tem que ser uma pessoa que pede respeito”.

Para os meus entrevistados, também pude notar que ser bicha permite novas formas de transitar pelas suas masculinidades, mas também repensa o hegemônico, a norma e os padrões de gênero de forma que inaugura uma compreensão própria do que significa ser homem e muito disso opera de modo a evidenciar que o gênero masculino não está necessariamente em crise, mas em trânsito. Esse trânsito significa não apenas as claras mudanças para as masculinidades que os movimentos feministas e LGBTQIA+ (entre outros) trouxeram nas últimas décadas, mas também a ideia de que ser alguma coisa é estar em constante movimento e transitoriedade sobre o que significa ser qualquer coisa em determinado momento histórico, político e cultural.

BETO:

Eu acho que, hoje, o “ser bicha” permite que eu veja outras formas de masculinidade, outras formas de “ser homem”. Na verdade, eu acho que permite que você se desvincule um pouco dos ideais de gênero do que é “ser homem”, do que é “ser mulher”. E permite que você entenda que existem nuances, que existem meio termos, e que você vai ter aspectos de um lado e do outro do espectro [masculino ou feminino]. E quando você não tá preso em tentar estar no extremo de um espectro, você se dá a liberdade de transitar por ele.

GABRIEL:

Eu acho que esse processo todo me fez, sim, reinventar a minha masculinidade, me fez entender que ser homem pode ser algo diferente do que me ensinaram e pode ser algo não normativo. Passei muito por isso, não de caso pensado, foi tudo muito natural. Durante o processo eu não ficava pensando muito, mas aconteceu. Por exemplo, aquilo que falei sobre usar roupas femininas: se fosse há 15 anos atrás, eu jamais teria abertura, até mesmo aqui em casa, de comprar uma roupa no setor feminino porque “roupa feminina é feita para mulheres”. Mas eu fui desconstruindo essa ideia dentro de mim e até mesmo aqui em casa. Comprar uma roupa feminina não vai fazer de mim mulher ou uma pessoa trans. É só uma roupa.

Conforme propôs a pesquisadora Megg Rayara Oliveira (2018, p. 137), para os homens dominantes, “A transgressão realizada pela bicha e a ambiguidade de um comportamento feminino por um corpo masculino (...) despertaram o medo de que o feminino do outro pudesse estar nele próprio”. As figuras que se reconhecem nos espectros das mulheridades, mesmo que não necessariamente evoquem a identidade da *mulher*, têm sofrido violências seculares. O ódio ao feminino é uma constante na formação colonial, como discutido no capítulo anterior, e, como consequência, figuras que se assemelham ao feminino, também são desprezadas.

2.3 APRENDIZADOS

Como analisado anteriormente, o masculino normativo se volta contra a bicha na medida em que usa da linguagem para ferir. Mas, essa capacidade de provocar injúria acontece por uma ordem masculinista que associa: 1) a bicha a uma posição social inferior; 2) o homossexual (especialmente o passivo) à feminilidade. Dessa forma, percebe-se que a bicha se torna uma ferida na medida em que destaca a não adequação à masculinidade tradicional de determinado corpo com biopênis.

Considere-se também que a década de 1960, período em que a bicha é roubada das comunidades homossexuais e afiada como uma injúria pela heteronormatividade, é um período de fortes mudanças sociais, inclusive é o momento histórico do início da Ditadura Militar (1964-1985), que perseguiu e criminalizou a diversidade sexual.

Para o jornalista João Silvério Trevisan (2021), existe um ofuscamento dos mitos do masculino, ou seja, as ficções que sustentam uma idade masculina estável, natural e inabalável são rachados pela presença da diversidade. Dessa forma, o que o autor entende como uma “*crise*

de poder do macho” (TREVISAN, 2021, p. 27, grifo do autor), seria a incapacidade das figuras masculinas de lidar com a ascensão ao poder de corpos diversos.

Discordo de suas ideias como argumentei no tópico anterior. Trata-se, antes, de uma crise dos sujeitos frente aos trânsitos da modernidade. Sem recorrer a um psicologismo da questão social, o pensador identifica que os homens (normativos) se encontram perdidos, buscando uma nova definição para suas virilidades. Esse pensamento ignora o fato de que a virilidade continua a ser muito bem implementada, inclusive como forma de violência. Longe de ser um movimento novo, essa busca por estreitar o que se define como masculino, já pode ser vista há séculos no Brasil, desde o período da colonização. A bicha é, uma das figuras em nossa história mais recente que vai desafiar a normatividade.

A crise de poder que leva os homens (normativos) à busca por novas formas de afirmação parte, dessa maneira, de um movimento de oposição ao crescimento e ao fortalecimento de movimentos sociais como os feminismos, e os movimentos *queer*, negros, sindicais, etc. A presença de tais figuras põe fim ao que Trevisan (2021, p. 22) chamou de “paraíso masculino”, termo usado para dar conta de negociações sociais ocorridas apenas de forma interna entre os próprios homens. Especialmente considerando as políticas de emancipação feminina, que provocaram o fim, ou pelo menos a diminuição de corpos femininos sendo utilizados como moeda de troca do tráfico de mulheres (RUBIN, 2017), por meio do casamento, novas relações são estabelecidas.

Diante desse sistema relacional, as masculinidades, mais do que um exercício pessoal, parecem assumir um elo entre grupos e indivíduos que se assumem e se descobrem “homens”. Assim, só se torna homem tomando como referência a masculinidade exercida por alguém, ou por um grupo. Com Simone de Beauvoir aprendemos que o imperativo que leva alguém a “tornar-se mulher” é mediado por interpelação feita por outra pessoa, assim “Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*” (BEAUVOIR, 2019, p. 11, grifo da autora).

No caso dos homens, o chamado à masculinidade obedece a um chamamento pronunciado pelo próprio grupo de homens. Não por acaso, homens heterossexuais parecem socializar mais com homens do que com mulheres, aproveitando mais a companhia dos primeiros que das segundas. Talvez esses homens passem mais tempo com seus colegas do que com suas mães, esposas, namoradas, noivas. Entre a rotina de trabalho e rodadas de cerveja, estar com outros homens é uma constante mediada pelo domínio das mulheres e rejeição à diversidade sexual e de gênero.

A bicha também é construída socialmente, por meio de redes de apoio e sustentação mútua, pensa politicamente o comum. A própria “negação” dos sujeitos bicha em se relacionar em ciclos sociais compostos por heterossexuais pode se dar por conta do trauma causado pelas experiências homofóbicas. Em minha própria experiência de vida, sei que não teria sido possível chegar até aqui sem os afetos desenvolvidos com amigas bichas que experienciaram as mesmas dores que eu. A articulação comunitária feita pelas bichas as permite criar um espaço seguro umas para as outras, o que não apenas as garante afeto, mas um grupo de segurança emocional, física e social:

ARIEL:

Eu acho que a bicha é uma identidade coletiva. E nisso, trago muito o que tô passando atualmente. É muito interessante estar num ambiente onde você não está autorizado a ser bicha, não como regra, mas como cultura, então é colocado num lugar mais “polido”. E só tem outra bicha além de você, então você vê que vocês dois estão passando pela mesma situação. E o mais interessante agora foi que eu voltei de uma viagem de trabalho e tinha uma outra bicha que era o cliente que tava pagando a consultoria e era uma bichona, bichonassa, uma das maiores que já vi na minha vida e dentro de um ambiente aonde talvez ele fosse a pessoa que iria me podar. Então obviamente tem uma identificação, eu conversei com ele, a gente se aproximou muito, justamente porque eu acho que os dois entram no mesmo lugar [o da posição marginalizada]. Tipo, “Estamos no lugar em que a gente não poderia ser a gente, mas agora a gente vai ser, tá bom? Relaxa aí, tamo junto, fica calmo!”.

GABRIEL:

Hoje, tenho vários grupos de amigos com homens femininos, com mulheres, pessoas trans e acho que participar desses círculos me ajuda bastante porque eu me sinto mais... acolhido, acho que a palavra certa é essa. Me sinto mais forte também. Não me sinto sozinho. Então é bom saber que a gente existe enquanto um grupo que não é pequeno. Talvez a gente seja uma minoria em direitos, mas não em quantidade. Hoje eu acho que acolho mais do que sou acolhido, porque eu não preciso mais tanto disso [ser acolhido] por já estar numa posição de muito conforto no trabalho, na família, então eu não tô mais procurando tanto acolhimento hoje em dia. Daí tento acolher outros que ainda não têm a mesma liberdade que eu, que são mais “enrustidos”, que não têm a mesma abertura pra falar de sexualidade. Então acho que nos grupos que eu participo hoje em dia, eu estou muito mais para dar apoio, como um retorno do que recebi no passado, do que para ser apoiado. Eu procuro acolher escutando, dando conselhos, não tem muito o que eu possa fazer por outras pessoas, são vidas que independem de mim. Mas acho que estar sempre presente escutando, acolhendo e ajudando outros nesses processos de entendimento e aceitação. Porque eu acho que são dois processos diferentes.

Do mesmo modo, a ausência de outras bichas no mesmo ambiente, revelou-se como um impeditivo para que meus entrevistados se sintam à vontade para ser quem são sem medo de xingamento. O ambiente de trabalho não foi uma questão levantada por Gabriel, provavelmente porque ele trabalha em uma instituição ligada à área da comunicação/publicidade, que tende a ser mais acolhedora e diversa. Já Beto relatou o incômodo com as piadas heterossexuais do seu

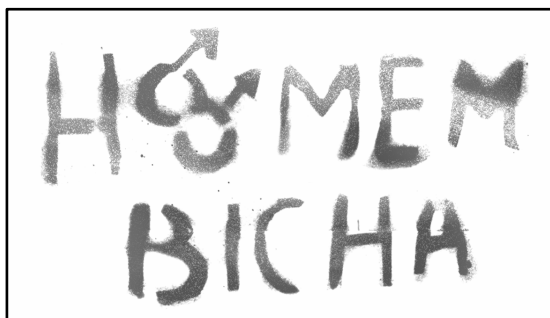
ambiente de trabalho e Ariel, que havia afirmado nunca ter sofrido homofobia, se vê mais uma vez podado, agora frente ao mercado de trabalho:

ARIEL:

Um lugar menos eu, talvez. Isso é muito difícil porque eu trabalho com político, então o tempo inteiro eu me vejo num lugar onde ninguém me estimula a isso [ser bicha, livre], ninguém nunca falou nada. Eu trabalho numa empresa que caga [sic] pra isso. Tem um monte de bicha trabalhando lá e não é nem uma empresa brasileira, então eles nem têm essa ideia cristã de trabalho. Ao mesmo tempo, me podam o tempo todo, então é muito complicado porque não necessariamente é um lugar onde eu tô “autorizado” a ser bicha. Eu entro muito num modo [de comportamento] diferente.

Durante esse capítulo, pude explorar o que entendo como masculinidade bicha. Fiz isso a partir da revisão histórica do termo, que se inscreve numa rede complexa de usos ao longo das últimas décadas. Com esse trabalho, tenho o objetivo de entender um pouco mais sobre a memória discursiva que a palavra bicha carrega, visto que esse é um fator central para entender de que maneira é possível inscrevê-la como um xingamento, ou posição afirmativa, em eventos comunicativos específicos. A investigação que foi realizada nesta parte da investigação também buscou entender de que maneira bichas masculinas podem integrar uma posição feminina às suas identidades e construir redes de apoio e afeto para empoderamento pessoal.

Figura 7: Stencil produzido durante a disciplina Comunicação e Gênero



Fonte: Produção minha enquanto estagiário de docência (18 de abril de 2022)

Aprendemos que a ideia de ser um homem feminino não torna nenhum sujeito menos masculino porque as bichas utilizam da própria noção de trânsito do sujeito como ferramenta para se delinarem enquanto participantes do sistema sexual a partir de uma posição contra normativa no que diz respeito ao gênero e à sexualidade. A partir disso, pude compreender, baseado nas diversas discussões identitárias já realizadas pelos movimentos *queer* que a própria ideia de multidão seria fundamental para a criação de políticas públicas que pensem a comunidade sexodiversa e, no que diz respeito ao presente trabalho, os homens femininos, que

apesar de construírem alianças de autorizações mútuas em seus grupos sociais, ainda carecem de uma atenção pública.

Além disso, constituímos historicamente o significado do termo bicha e conceituamos a ideia de masculinidade bicha, objeto do presente trabalho. No próximo capítulo, buscaremos compreender a história e os caminhos teóricos percorridos para a consolidação dos estudos das masculinidades como um campo do conhecimento.

3 MASCULINIDADES COMO TEORIA

Em 2018, durante o quadro “Jogo das Três Pistas”, Silvio Santos, dono do SBT e apresentador de um dos principais programas da emissora, perguntou ao público o que a cantora e drag queen Pablllo Vittar e os apresentadores Gominho e David Brazil têm em comum. À princípio, a resposta se diluiu em apostas como, “maquiador”, “homossexual”, e até mesmo “travesti”. Ao final da dinâmica foi revelado que a resposta correta era *bicha*. A partir do exemplo, penso ser possível analisar a bicha masculina como um fenômeno visível e à vista. À primeira percepção, as dicas fornecidas ao público para resolver o enigma (os nomes das celebridades) não parecem ter muito em comum, isso porque a cantora e os apresentadores não possuem tanta similaridade física (idade, porte físico, traços, etc), exceto pelo fato de serem homens, gays e femininos.

Esse acontecimento me permite analisar a bicha como um fato corporal visível: no Brasil, corpos portadores de pênis que performam feminilidades são comumente descritos nessa posição. Em resposta ao ocorrido, Vittar afirmou²³: “Eu acho que a gente tem que pegar esses nomes que para muitas pessoas são xingamentos e trazer para o nosso lado como um adjetivo. (...) Sou bichérrima. Não me ofende”. O ocorrido também me ajuda a pensar como corpo, gênero e sexualidade se entrelaçam para produzir, mas nunca de maneira garantida, sujeitos que nunca nascem aquilo a que referenciam, apenas se tornam pela diferença. No exemplo, é possível perceber a circulação de uma ideia sobre corpos “masculinos” que intercala diferentes marcadores corporais e sociais na produção de um saber específico sobre performance de gênero: a figura do homem bicha.

A masculinidade bicha trata da capacidade que determinados homens, no contexto brasileiro, têm de assumir papéis associados de maneira estereotípica ao universo feminino. É um tipo de feminilidade em homens, mas trabalho com o termo bicha para: 1) evitar a ambiguidade que o uso dos termos masculinidade feminina ou feminilidade masculina poderiam causar, por serem traduções livres de *Female Masculinity*, livro de Jack Halberstam (1998) que analisa a ocorrência de masculinidades performadas por mulheres; 2) produzir um saber particular acerca das negociações que as diferentes masculinidades estabelecem entre si no contexto brasileiro, visto que bicha é um xingamento LGBTQIA+fóbico com ocorrência no

²³ Matéria sobre o ocorrido e resposta da cantora Pablllo Vittar disponíveis em: <<https://www.metropoles.com/celebridades/chamada-de-bicha-por-silvio-santos-pablllo-vittar-reage>>. Acesso em 13 mar. 2022.

Brasil. Penso a bicha como a possibilidade de homens exercerem feminilidades a partir das falas dos meus entrevistados:

BETO:

eu acredito que você deve fazer o que quer, sem ligar pro que é masculino ou feminino. Eu tento seguir nesse pensamento, até pra me desprender dos traumas e das ideias que me foram impostas sobre o “ser homem”.

ARIEL:

Eu tenho muitos espectros de feminilidade, mas pra mim eu acho que é uma coisa muito sazonal, e que depende muito do ambiente em que eu estou circulando.

GABRIEL:

Eu sou um homem gay extremamente feminino.

A bicha é semelhante a outras injúrias, como *faggot* (países de língua inglesa) ou *marica* (países de língua espanhola), e desse modo talvez se possa pensar as relações de feminilização das masculinidades em outros países sob os termos *faggot masculinity* ou *masculinidad marica*. Essa aplicação se assemelharia à da bicha em alguns quesitos, mas no contexto da presente pesquisa, o uso da palavra “bicha” destaca também as inscrições culturais e identitárias específicas da realidade sócio cultural brasileira, no qual o impacto do contexto político no qual a ideia de bicha se torna um xingamento – a década de 1960, com a deflagração da ditadura e a consequente perseguição aos homossexuais – traz uma relevância particular para o termo. vimos alguns exemplos disso no audiovisual nacional durante o capítulo passado, no qual argumento que não considero a masculinidade bicha uma identidade de gênero; antes, a interpreto como uma negociação masculina para além da hegemonia. Leio também a bicha como uma construção histórica. A bicha é uma das muitas brechas que as normas de gênero abrem e não conseguem fechar ou solucionar, porque é também um significante que desliza por todos os seus sentidos possíveis.

Na análise que desenvolvi, busquei perceber o gênero como um lugar de materialização da diferença. Um marcador por meio do qual a raça, a classe, a composição corporal, a idade, a cultura, a língua e tantos outros operam em conjunto para criar tipos específicos de sujeitos. Para a investigação que realizo, a expressão de gênero²⁴ se revelou um marcador central nos processos de subjetivação da bicha. Durante o presente capítulo apresentarei um panorama epistemológico geral que parte dos feminismos e dos estudos de gênero para as teorias das masculinidades, a fim de entender de as bases das teorias sobre homens e o local que estou ao

²⁴ Compreendo a ideia de expressão de gênero a partir de Frois (2020) como o uso de uma série de códigos verbais e comportamentais que visam referenciar algum gênero – masculino, feminino ou nenhum dos dois.

falar de masculinidades bicha. Me atento a responder às seguintes perguntas: quais caminhos epistemológicos sustentam a ideia de uma masculinidade bicha e de que modo esta participa dos estudos das masculinidades?

As ciências sociais, especialmente desde a segunda metade do século passado, têm buscado tecer uma análise sobre a relação que o corpo estabelece com o gênero, e vice-versa. Durante a empreitada investigativa, a própria tentativa de separar os dois temas em pólos que hora se separam, hora se estreitam, parece reiterar uma suposta diferença fundamental entre as categorias. De um lado, aparece o corpo (ou sexo, como normalmente é chamado) para fazer referência às diferenças anatômicas dos indivíduos, como os órgãos sexuais, os músculos e os hormônios. Do outro lado, o conceito de gênero é usado na expectativa de traduzir a capacidade que tais corpos possuem de adquirir um significado específico em diferentes contextos históricos.

Em uma comparação simples, o corpo estaria para o macho, termo usado para definir as características supostamente naturais de determinados indivíduos no ciclo reprodutivo, assim como o gênero estaria para o homem, palavra que parece ter mais força para ressaltar o posicionamento que determinados sujeitos ocupam em seu contexto histórico. Seria um homem (bicha ou não) seus músculos, fluidos e hormônios ou o reconhecimento particular que determinado corpo possui? Acredito que as duas questões não precisam se contrapor, antes, se complementam na produção de diferentes tipos de sujeitos.

Adentrando as discussões teóricas da área dos estudos de gênero que não têm interesse em dicotomizar o debate sobre corpo e gênero enquadrando-os em um ringue de natureza *versus* cultura, compreendo que o corpo não é um objeto que precisa ser analisado tomando como referência (ou ponto de partida) a cultura, mas este é, em si mesmo, o próprio sujeito da cultura, assim como já discutido pelo antropólogo Thomas Csordas (2008). Uma leitura cruzada do autor com a filósofa estadunidense Judith Butler (1986; 2018; 2019a; 2019b) nos permitiria afirmar que o sexo não é um objeto analítico que precisa ser interpretado tomando como referência o gênero, mas é o próprio sujeito do gênero, assim como do modo contrário, o gênero é sujeito do sexo.

Partindo dessa compreensão, constituí as seguintes perguntas de pesquisa: como corpos designados e autorreconhecidos como masculinos (ou seja, homens cis) que se atraem sexual e afetivamente por outros homens podem exercer uma performance de masculinidade contra hegemônica e feminina? E mais: de que modo os estudos de gênero e sexualidade podem ajudar a compreender esse fenômeno no contexto brasileiro? Somados esses questionamentos a uma observação da ocorrência da feminilização de determinados homens, inscritos sob a injúria

“bicha”, que é utilizada como mecanismo de marginalização da homossexualidade masculina, iniciei o trabalho que agora relato. Para a pesquisa, estou considerando que não existe uma subjetividade bicha que não seja feminina, mesmo que esta não deixe nunca de ser masculina; em outras palavras, a bicha “reabilita” a performance de feminilidades em corpos supostamente, ou assumidamente, masculinos.

Todo esse trabalho se iniciou pensando a categoria “gênero” como uma norma social, o que a caracteriza como uma série de operações que são, antes de tudo, ficcionais, mas normalizadas ao ponto de adquirir a capacidade de atuar na regulação dos corpos em favor de um padrão estabelecido. Como discutirei adiante, isso é o que ocorre com a masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005): aquele modelo de masculinidade que se torna uma norma, um padrão. Seria oportuno também considerar o gênero como um dispositivo²⁵ que age diretamente sobre o corpo, tentando torná-lo dócil para que venha a se conformar com a norma heterossexista.

A socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí, aponta que no Ocidente existe uma centralidade da ideia de que “a biologia é o destino – ou, melhor, o destino é a biologia” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 27). Esse pensamento seria um dos fundamentos para a criação de *Outros Corpos*, ou seja: coloca o parâmetro entre os corpos que importam, e os que pesam, já que, como colocado pela autora, a expressão da(s) diferença(s) é, inevitavelmente, a marcação pela degeneração. Corpos que possuem o biopênis²⁶, supostamente devem operar de modo a dominar os corpos que possuem a biovagina, além de recusar qualquer femininização. Esse é o “problema” (filosófico, performático) da bicha: o seu comprometimento com a feminilidade, mesmo em corpos nos quais supostamente esta deveria ser evitada. É nessa perspectiva que a materialidade dos corpos masculinos (assim como de qualquer outro) se torna tão importante para as ordens de gênero vigentes (OYĚWÙMÍ, 2021; CONNELL, 2005).

Usar palavra “corpo” pode ser uma forma referir a pelo menos dois de seus significados (OYĚWÙMÍ, 2021): 1) o da fisicalidade do corpo (músculos, fluidos, órgãos...), bastante presente na cultura ocidental. Questão usada como uma referência à materialidade da biologia

²⁵ A leitura de dispositivos que orienta esse trabalho é a proposta por Michel Foucault (2019c). Na perspectiva do filósofo francês, dispositivos são um conjunto de procedimentos de poder que visam criar um regime de normalização, e assim opera o gênero. Existem dois motivos importantes a serem levados em consideração para entender o gênero como dispositivo. O primeiro é que o próprio gênero, na leitura de Judith Butler, opera como um regime de verdade. Em outras palavras, o gênero se torna uma norma a partir da sedimentação de premissas de verdadeiro, voltaremos a esse assunto adiante. A segunda razão é que o gênero passa a ser normalizado dentro de um contexto político relativamente recente para dar conta de demandas do próprio corpo, como a reprodução e a saúde sexual.

²⁶ Preciado (2018) utiliza o termo biopênis para marcar uma diferença entre o órgão anatômico e o dildo sintético/fabricado.

(biopênis/biovagina); 2) o das metáforas do corpo, que por sua vez daria conta dos significados culturais que os corpos e seus movimentos adquirem ao longo dos séculos (homem/mulher). Pensando com Raewyn Connell (2005), tentarei analisar como a materialidade dos corpos masculinos pode produzir diferentes experiências de gênero e performar feminilidades estabelecendo uma relação complexa e aparentemente contraditória.

Segundo Butler (2019a, p. 20), “A relação entre cultura e natureza suposta por alguns modelos de ‘construção’ de gênero implica uma cultura ou um agenciamento social que atue sobre uma natureza que, em si mesma, é suposta como superfície passiva”. Butler, Connell e Oyěwùmí concordam que existe uma história importante para se (re)pensar a categoria *natureza*. Mas concordam principalmente na importância de formular um pensamento crítico que não pressupõe que o biológico é antecedido pelo social (ou vice-versa). A natureza e a cultura coabitam, portanto, num sistema complexo de reciprocidades, contraditoriedades e ambiguidades que materializa aquilo que é reconhecido popularmente como *sexo* ou *gênero*.

Existe uma compreensão, especialmente a partir do pós-estruturalismo de finais do século XX, que tenta afirmar que o *sexo* (corpo) é, desde sempre, *gênero* (BUTLER, 2018; 2019a; 2019b). Acredito que essa linha de pensamento não é uma recusa às materialidades do corpo, como os músculos, hormônios, ou secreções sexuais. Na verdade, essa afirmação entende que a biologia se retroalimenta num sistema social, cultural e político de orientação, colonização, disciplinarização, docilização, adestramento dos corpos e dos desejos. Para Cynthia Hamlin (2011), o foco nos usos da linguagem para dar sentido a um corpo material ocorre a fim de destacar o papel do poder institucional da heterossexualidade compulsória. Trata-se, portanto, de questionar ou problematizar os próprios termos pelos quais essas categorias (gênero, sexo, sexualidade) se tornam viáveis, reconhecendo que “*a própria matéria está fundada em uma série de violações*” (BUTLER, 2019a, p. 58, grifo da autora).

Considere-se a seguinte proposição: “A constante nessa narrativa ocidental é a centralidade do corpo: dois corpos à mostra, dois sexos, duas categorias persistentemente vistas – uma em relação à outra” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 35). Existe uma identificação central no texto que compreende que o corpo não como uma categoria fixa e estável, mas como um produto histórico, baseado em categorias binárias necessariamente opostas, homem e mulher. Deste modo, a categoria “homem” possui uma história complexa em termos sociais e epistemológicos. Nos ocuparemos de analisá-la de maneira contextualizada a partir do nosso tema de estudo ao longo do trabalho.

3.1 NÃO SE NASCE HOMEM

Ter uma bicha na capa de uma revista, especialmente “montada” em drag poderia parecer algo distante da realidade, mesmo há poucos anos. Porém, o grande reconhecimento que a arte e o ofício drag têm ganhado nos últimos tempos, juntamente com o fortalecimento dos movimentos da diversidade sexual e de gênero, possibilitam o aparecimento dessas figuras não apenas em revistas, mas também em campanhas publicitárias, filmes, seriados e na indústria musical. Esse último, é o mercado no qual Pabllo Vittar ascendeu e se consagrou como uma das maiores artistas do mercado pop brasileiro, pleiteando inclusive uma colocação de visibilidade internacional.

Em uma capa especialmente intrigante, veiculada na revista POP-SE no ano de 2019, a cantora mostra seus dois lados: Phabullo, o homem bicha vestido de terno e Pabllo (Vittar), o homem bicha em drag. Além do evidente confronto às normas de gênero, especialmente às das masculinidades, a capa parece mostrar como certa parceria (e abraço) entre Phabullo e Pabllo opera. Isto é, materializando o que Judith Butler (2019a; 2019b) discute em seu entendimento sobre gênero: a possibilidade de qualquer corpo produzir qualquer performance de gênero. A drag é uma figura central para o pensamento que Butler desenvolve sobre a performatividade de gênero, visto que comprova que as performances de gênero não se limitam a determinadas anatomias. Desse modo, corpos com biopênis poderiam exercer não apenas masculinidades, como também feminilidades.

Figura 8: Pabllo Vittar na capa da Revista POP-SE



Fonte: Revista POP-SE

O surgimento do gênero como conceito analítico está ligado à história dos feminismos e suas “ondas”, mas não se limita a isto, ou às ciências sociais. Aparece pela primeira vez em

1955 como uma categoria utilizada pela medicina (PRECIADO, 2018; HAMLIN, 2011), para tratar da possibilidade de “reabilitar” corpos intersexuais²⁷. Dessa maneira, “Longe de ser a criação de uma agenda feminista, a noção de gênero pertence ao discurso biotecnológico que apareceu nas indústrias médicas e terapêuticas” (PRECIADO, 2018, p. 109).

A mudança ocorre no pós Segunda Guerra Mundial, próximo ao momento em que se inicia a 2ª onda do feminismo do Norte, fortemente influenciada pela publicação do livro *O segundo sexo* (1949) de Simone de Beauvoir, obra seminal dos estudos de gênero e das mulheres. Durante o debate realizado por Beauvoir em sua publicação, já existe a compreensão de um caráter cultural do gênero, questão que será retomada pelos feminismos nas décadas seguintes.

A sugestão feita por Simone de Beauvoir de que o gênero é um aspecto da identidade gradualmente adquirido e historicamente localizado (não se nasce, torna-se), leva Butler (1986) a considerar que não existe gênero natural ou não natural. Nesse sentido, o gênero seria um efeito dos discursos feitos sobre o próprio gênero e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2019b; HAMLIN, 2011), termo que se refere à normatização da disposição humana à “inevitável” atração heterossexual. Assim, se “todos os gêneros são, por definição, não naturais”²⁸ (BUTLER, 1986, p. 35), “ninguém nasce sujeito mas, em vez disso, se torna um sujeito” (SALIH, 2019, p. 166). Na perspectiva de Judith Butler, não basta considerar o que é performado no gênero, mas também o que não vem à tona quando a performance é realizada. Assim, a filósofa considera que “nenhum gênero é ‘expresso’ por ações, gestos ou discurso, mas que a performance do gênero produz a ilusão de que existe um núcleo interno de gênero” (BUTLER, 2020, p. 153).

A compreensão de Butler propõe que o gênero não está atado à dualidade homem/mulher e que corpos sexuados possuem a capacidade de reproduzir gêneros diferentes. Desta forma, “Se o sexo não limita o gênero, então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo” (BUTLER, 2019b, p. 195). Nesta linha de pensamento, todo gênero é um modo de interpretar o corpo que o desempenha por meio de significados culturais. Segundo a leitura de Hamlin (2011, p. 323), Butler rejeita “todo e qualquer fundamento biológico e concentra-se nas

²⁷ Os registros médicos feitos pelo psiquiatra Robert Stoller foram fundamentais para a utilização do gênero como um conceito. No caso de Stoller, em parceria com o sociólogo Harold Garfinkel e o psicólogo Alexander Rosen, houve o desenvolvimento de pesquisas sobre protocolos de “tratamento” para corpos intersexuais. Assim, acreditava-se que poderia-se ensinar um corpo a adquirir determinado gênero que fosse coeso com os órgãos sexuais e, desta maneira, gênero adquiriu um sentido cultural, em contraposição à “biologia” do sexo.

²⁸ Tradução livre de “all gender is, by definition, unnatural”.

formas como os atributos flutuantes de gênero são regulados, gerando padrões identitários relativamente estáveis ou identidades de gênero”.

Voltando a Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* a filósofa faz uma distinção seminal entre biologia e cultura: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 2019, p. 11). Com a análise de Connell (2005), a obra de Beauvoir se torna importantíssima para os estudos das masculinidades: não se nasce homem, torna-se. Considero importante recuperar a instrumentalização que a socióloga australiana faz da filósofa francesa para elucidar alguns dos pontos de partida da presente dissertação. A partir da frase emblemática de Beauvoir é possível extrair mais algumas asserções sobre a maneira como a filósofa pensa gênero, estando todas elas diretamente relacionadas ao que, cerca de 40 anos depois, Butler irá chamar de performatividade de gênero: a possibilidade que os corpos têm de performar diferentes gêneros.

Beauvoir também considera que o sexo não é completamente “natural” ou biológico: “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” (BEAUVOIR, 2019, p. 11). Com isso, compreendo que “corpos masculinos” e, nesse caso, de homens cis, podem performar feminilidades sem deixar de se reconhecerem como homens. Embora esses deslocamentos (ou afinidades) entre sexo e gênero possam ser um assunto mais bem resolvido para algumas correntes do feminismo e teorias de gênero atuais, à exclusão das TERF (*Trans excludent radical feminist*) à la J.K. Rowling²⁹, nem sempre foi assim. Como exposto, o conceito de gênero foi criado pela medicina para se referir às capacidades culturais e sociais daquilo que era entendido como “sexo biológico”.

Certamente vivemos em um tempo mais acolhedor que outrora para as bichas, e Pabllo Vittar é apenas uma das provas disso. Em relação ao gênero, podemos pensar como a figura das bichas nos ajuda a analisar de que modo os corpos masculinos incorporam de maneiras diversas as normas de gênero, escapando, ou não, do binarismo.

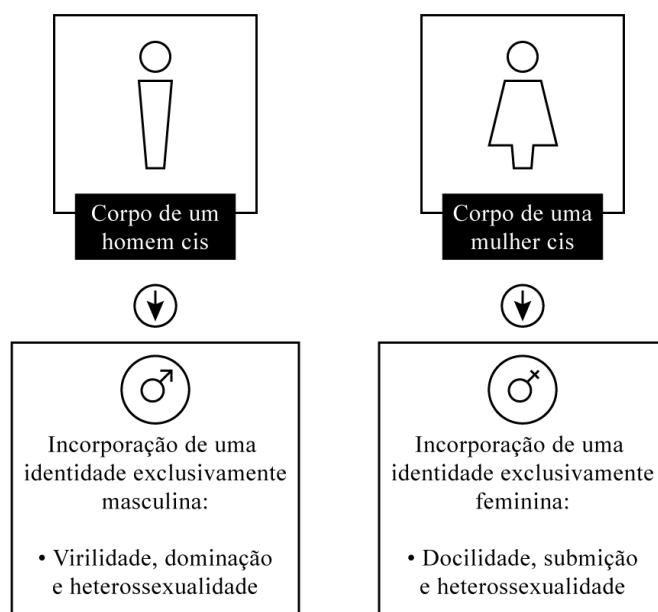
Os processos de normatização do sistema de sexo/gênero e da heterossexualidade compulsória (RUBIN, 2017; BUTLER, 2019b) compreendem o gênero em dois pólos antagonistas (homem/mulher) nos quais existe uma ordem que supostamente levaria os corpos a aderir exclusivamente às manifestações performáticas do gênero que lhes foi designado ao nascer. Em um esquema simples, poderíamos compreender que a ordem de gênero vigente em nossa sociedade prevê que um homem é alguém que possui biopênis, manifesta sua

²⁹ As TERF compõem uma linha de pensamento supostamente feminista que atrela a ideia de mulheridade às mesmas condições biológicas usadas por conservadores e fundamentalistas para diferenciar, no sistema cis-hétero, homens de mulheres. Por seu turno, J.K. Rowling, escritora bilionária da saga de livros infantis Harry Potter, durante os últimos anos tem feito uma campanha assídua em apoio dessas ideias, bem como financiado esses grupos.

masculinidade ao copiar as normas hegemônicas e possui desejo por mulheres que possuem biovagina.

Usado para diferenciar a cultura da biologia, o gênero passa a abrir as portas para o reconhecimento de identidades, já que a categoria do sexo estaria prioritariamente alicerçada em questões exclusivamente biológicas. Segundo Hamlin (2011, p. 320), a partir da divisão gênero e corpo, “Estavam lançadas as novas bases sobre as quais as relações entre o biológico e o social, o natural e o cultural, influenciavam-se mutuamente”. No campo das ciências sociais, Gayle Rubin, em 1975, adota gênero como conceito no texto *Tráfico de Mulheres* (RUBIN, 2017), na tentativa de entender como questões de opressão estariam relacionadas ao *modus operandi* social. O conceito de gênero também provoca que sejam pensadas outras opressões que têm como base os mandamentos cisheteronormativos, como a transfobia, a bifobia, a homofobia, ou até mesmo a caracterização das bichas masculinas em uma posição “menor” de masculinidade.

Figura 9: Esquemática da heterossexualidade compulsória



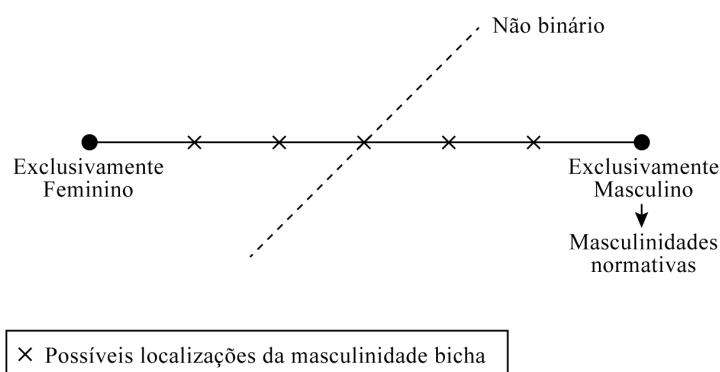
Fonte: Rubin (2017); Butler (2019b)

A partir dos anos 1980, outras autoras surgem, incluindo Judith Butler. O impacto do conceito de gênero como recurso para se referir aos aspectos culturais do comportamento social entre os sexos foi tanto que “durante a década de 1980, o número de títulos de artigos contendo a palavra sexo declinou consideravelmente, enquanto que os títulos contendo a palavra gênero superaram em muito os primeiros, mesmo fora das ciências sociais” (HAMLIN, 2011, p. 321).

Com a virada teórica trazida pelo movimento e pelas teorias queer (anos 1990), o esquema de sexo/gênero se dissipa em novas possibilidades de compreensão performance e do desejo. Analisando a partir da masculinidade bicha, percebemos a existência de uma outra variável a ser considerada para além da identificação com determinado gênero (no caso, homem cis), ou o uso dos prazeres (no caso, homossexualidade).

Trata-se da expressão de gênero, ou seja, a forma como diferentes sujeitos manifestam socialmente a sua identificação de gênero. A expressão de gênero é aquilo que conhecemos popularmente como “trejeitos”, questão elaborada também no capítulo anterior. No que se trata das expressões ou performances de gênero, a masculinidade (da) bicha está localizada em qualquer nos ponto dentro de um continuum de masculinidade-feminilidade (que é também atravessado por manifestações não binárias de gênero) nos quais a masculinidade normativa e a feminilidade exclusiva se tornam menos evidentes.

Figura 10: Expressões de gênero e a masculinidade bicha



Fonte: Produção minha

Com o diagrama acima, entendo que as masculinidades bicha são também uma forma de expressão de gênero na qual existe uma contra normatividade em relação ao hegemônico. Realizada por homens homossexuais, e marcada pelo preconceito, a masculinidade bicha não se compromete de maneira normativa e/ou exclusiva com o masculino hegemônico.

Durante as entrevistas, o trânsito entre fronteiras do masculino e do feminino é relatado como recorrente e a própria ideia de exclusividade de performance de gênero parece superada. A imagem de si que se cria na identificação e materialização da masculinidade bicha pode ser masculina e feminina ao mesmo tempo. É o que revelam meus entrevistados em seus depoimentos:

BETO:

Eu percebi que eu tinha espectros de masculinidade que eu poderia trazer pra minha vida sem que de alguma forma eu estivesse chegando naquele ideal de ser homem que eu tinha tanto medo de não conseguir chegar. Eu acredito que eu possuo espectros de feminilidade. Acredito que, como na maioria das coisas na vida, nada é tão branco ou preto, nada é tão “sim” ou “não”. Então existem espectros e eu acredito que eu transito por eles. E minha identidade enquanto bicha tem a ver com transitar por eles, e de ter espectros de masculinidade e de feminilidade. Eu só tento viver sem me prender ao que é masculino ou feminino, porque isso são convenções sociais.

ARIEL:

Pra mim, não é algo que eu faço de maneira mecânica [proposital] na cabeça, tipo “Vou ser menos masculino, ou menos feminino” *ad hoc* [para determinado fim] aonde eu estiver. É muito mais sobre o quanto o ambiente me estimula a algo. Então é o contrário, não sou eu que estou estimulando o ambiente, o ambiente que me estimula muito, pelo menos eu sou assim. Eu sinto que quando eu estou entre as minhas bichinhas queridas, eu sou uma bichona total. Mas aí quando eu tô em algum ambiente muito heteronormativo, ou que eu tenho que, por exemplo, performar algo *profissional*, e ser bicha não é ser profissional, isso vem de um jeito voluntário, eu acabo transicionando pra um lugar mais contido.

GABRIEL:

Eu curto e gosto bastante de ser um homem feminino. Hoje já naturalizei totalmente esse comportamento, eu até gosto de ser diferente.

O tornar-se gênero é utilizado nessa compreensão como uma performance infinita, “um processo ativo de apropriação, interpretação e reinterpretação de possibilidades culturais recebidas”³⁰ (BUTLER, 1986, p. 36). Sendo assim, é possível usar o recurso do tornar-se de maneiras variadas. Para se integrar à norma ou para provocar cisões nela. De qualquer forma, destaco, em concordância com Butler (1986, p. 36) que o “Gênero não é apenas uma construção cultural imposta sob a identidade, mas em algum sentido gênero é um processo de construirmos a nós mesmos”³¹. Me parece ser especialmente importante pensar que o gênero não seria uma mera identificação ontológica, mas uma práxis na qual o comportamento dos sujeitos cria a imagem de “homem” a que eles pretendem referenciar.

Com a reformulação do conceito de gênero por pensadoras feministas, eclodem teorias e movimentos sociais que vão usar a questão das identidades de gênero para pensar direitos civis. Apenas em 1994, a reunião da ONU (Organização das Nações Unidas) no Cairo usa a ideia de gênero pela primeira vez para pensar a proteção dos direitos das mulheres³², devido à forma como essas eram (e ainda são) afetadas por violências estruturais, simbólicas, políticas e

³⁰ Tradução livre de “an active process of appropriating, interpreting and reinterpreting received cultural possibilities”.

³¹ Tradução livre de “Gender is not only a cultural construction imposed upon identity, but in some sense gender is a process of constructing ourselves”.

³² Relatório da reunião disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/relatorio-cairo.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2022.

físicas. Com profundo desgosto religioso, em 1998 o Vaticano, na figura do papa Bento XVI, cria a chamada “ideologia de gênero” (ou lobby gay, ditadura gay), e envia às igrejas cartas contendo os riscos do conceito de gênero para a família³³.

A contraofensiva católica iniciada no final dos anos 1990 ainda possui efeitos latentes quando o debate sobre Direitos Humanos é trazido à esfera pública. Nos últimos 5 anos, o Brasil protagonizou a produção de uma enxurrada de *fake news* cuja ideia de proteção da infância se tornou o guarda chuva para a propagação da LGBTQIA+fobia. Enquanto posts sobre mamadeira de piroca, kit-gay nas escolas e outros devaneios egóicos do neofascismo brasileiro são compartilhados massivamente em redes sociais digitais, talvez estejamos parando de olhar para problemas reais das infâncias brasileiras. Como a presença do país no mapa de insegurança alimentar, o desastre humanitário entre as crianças Yanomami e até mesmo a homofobia que circula nos corredores escolares ou na sala de estar de casa – como relatado pelos entrevistados dessa pesquisa.

Uma questão central para os feminismos e as teorias sociais a partir do fortalecimento do gênero como categoria analítica são as políticas de representatividade. Anteriormente, os feminismos, pelo menos os que ganharam visibilidade política e midiática, estavam alicerçados numa certa cooperativa entre mulheres brancas de classe média (BUTLER, 2019b; HAMLIN, 2011; HARAWAY, 2009). A partir dos anos 1990, se constitui uma política e teoria feminista que pensa em outras facetas do sistema patriarcal, como a colonialidade, a transfobia, o racismo, a luta de classe, entre outras questões, novos sujeitos são incluídos na discussão sobre gênero, incluindo os homens. Longe de ser uma categoria que continuaria a passar sublimada sob a névoa da dominação, as masculinidades começam a ser pensadas em níveis epistemológicos, políticos e culturais, visando tornar evidente a sua participação nas relações de gênero.

3.2 AS MASCULINIDADES CONSTITUINDO UM CAMPO TEÓRICO

Ao longo de todo século XX, a demanda feminista que estruturou e promoveu os estudos de gênero como uma importante área do conhecimento científico inevitavelmente trouxe à evidência as “questões dos homens” como objeto de analítico. Por “questões dos homens” entendemos as particularidades desses sujeitos no mundo generificado, isso envolve a análise das suas dinâmicas, negociações e relações internas, bem como com toda cadeia de gênero. Em determinado momento, a empreitada investigativa começou a ser realizada sob o nome

³³ Leia-se aqui, “*família tradicional*”, heterossexual, branca e de classe média.

disciplinar de *studies of men and masculinities* (estudos dos homens e das masculinidades) ou simplesmente *men's studies* (estudos dos homens).

Em um momento inicial, o campo desenvolveu sua análise das relações estabelecidas por homens a partir do tema da dominação, estrutura na qual a ordem patriarcal, juntamente com seus respectivos atores se torna uma protagonista para a compreensão das relações de poder estabelecidas a partir do gênero na “modernidade ocidental”.

O tema do masculino é abordado de diversas maneiras nas pesquisas acadêmicas, e na análise que realizo sobre a masculinidade bicha, entendo que durante o processo de desenvolvimento da observação do fenômeno é importante entender os homens e as masculinidades como produções sociais, e sujeitos de uma época específica com particularidades que variam à medida que se muda o local de observação. Além disso, é necessário entender a relação do gênero com diversos marcadores sociais, como idade, raça, classe, entre outros (CONNELL; HEARN; KIMMEL, 2005).

Sendo um saber em constante crescimento desde os anos 1970, o tema das masculinidades ganhou mais força na década seguinte. À época em que despontaram os estudos sobre os homens, as pesquisas que abordavam o tema das mulheres também foram reformuladas, buscando compreender as relações de gênero de maneira mais abrangente (BENTO, 2015). É exatamente o momento em que os feminismos diluíram o seu esforço em criar bases de solidariedade exclusivamente a partir do “ser mulher”, categoria que se tornou universalizante, e investiram mais força no conceito de gênero.

Os estudos das masculinidades formaram então uma área específica do conhecimento nas ciências sociais (mas não apenas) que começou a crescer a partir dos anos 1980 e são produto de um prisma maior de mudança social, herança da atuação dos movimentos de liberdade sindical e de gênero, de igualdade racial, sindicais, etc. Em especial, a desestabilização da categoria “gênero” provocada pelos feminismos, juntamente com a elaboração teórica de temas como “patriarcado” ou “dominação masculina”, provoca o crescimento e a expansão dos estudos sobre os homens e/ou das masculinidades.

Embora haja uma ideia de que as mulheres estão à frente dos estudos sobre masculinidades, talvez por se tratar de uma área específica dos estudos de gênero, disciplina de protagonismo feminino (TREVISAN, 2021), no Norte Global e na Austrália, os estudos das masculinidades se estruturaram a partir de demandas dos movimentos LGBTQIA+, com especial reflexão sobre a homossexualidade masculina (MARA VIGOYA, 2018; CARRIGAN; CONNELL; LEE, 1985). É importante também pensar que no momento histórico em questão (anos 1980) muitas mulheres estavam mais preocupadas em desenvolver um engajamento

político com o feminismo sem necessariamente pensar o tema das masculinidades. Trata-se, portanto, de um momento em que homens estão refletindo sobre o seu papel e como estabelecem relações uns com os outros dentro do sistema de gênero, mas ainda assim, o próprio despertar da reflexão é uma herança feminista.

A própria Raewyn Connell (2013) afirma que os estudos que desenvolveu sobre masculinidades começaram num grupo de estudos especialmente composto por homens gays. No livro *Masculinities* ([1995] 2005), a socióloga expõe algumas reflexões que já estavam sendo feitas em suas investigações e elucida os resultados das pesquisas que estava desenvolvendo sobre homens e masculinidades. A obra é de suma importância pro campo de estudos, e mesmo quase 30 anos após o seu lançamento, não possui uma edição brasileira.

Com o alargamento do campo, as mais variadas ciências passaram a entender as masculinidades como o posicionamento dos homens nas estruturas poder em relação de gênero (BENTO, 2015; CONNELL, 2005) e procuram compreender as ferramentas com as quais eles desenvolvem práticas sociais com mulheres e também com outros homens. Dessa maneira, pensar as masculinidades seria uma forma de procurar entender o papel dos homens em relações sociais que estes sujeitos desenvolvem em termos de gênero e sexualidade entre si mesmos e com outros agentes na cadeia de gênero em que estão localizados, como mulheres, pessoas não binárias, etc.

Os estudos das masculinidades acabam sendo confundidos com estudos da dominação (especialmente sobre as mulheres) exercida por determinados homens, dando ênfase à relação de poder que resulta na hegemonia patriarcal. Ao analisar a masculinidade bicha, não estou preocupado em compreender somente como a rede de poder hegemônico se consolida de modo a proporcionar a criação de “homens dominadores” e “homens dominados”, mas em entender como determinados homens posicionam suas masculinidades de maneira contra hegemônica.

Parto da compreensão de que não existe para os homens uma forma única de viver e produzir suas masculinidades. Isso é importante não só para o desenvolvimento de uma epistemologia que leve em consideração o gênero como uma estrutura de poder maior, na qual ocorre recompensa e mudança, e não só punição, mas também para encarar problemas masculinos como uma rede complexa. Nessa análise não procuro respostas imperativas para responder o que são masculinidades. Antes, me ocupo de observar as negociações que estão sendo feitas no contexto dos homem bicha para entender o que masculinidade significa no contexto em questão, e assim descrever um fenômeno particular, sabendo que as masculinidades estão em processos constantes de mudança.

Para tratar do tema da dominação, Raewyn Connell (2005) desenvolve o conceito de masculinidade hegemônica na intenção de dar conta das configurações de gênero que respondem às demandas do patriarcado moderno. O termo não teve sua estreia no livro *Masculinities*, pois já havia sido utilizado pela autora antes em um artigo escrito em parceria com outros colegas, *Towards a new sociology of masculinity*. No texto, Carrigan, Connell e Lee (1985) utilizam o conceito de hegemonia para se referir a um suposto estado “natural” dos homens, ou seja, uma suposta naturalidade do comportamento masculino. Utilizam da compreensão de hegemonia também para destacar que essa masculinidade está inserida dentro de um circuito histórico específico.

A ideia se refere à compreensão supostamente biológica, e não histórica, de um ideal normalizador do comportamento masculino para o qual a “harmonia social” dá seu apoio. Os autores ainda oferecem um arcabouço crítico para pensar a masculinidade hegemônica como a situação histórica de uma estrutura sexual que está inserida em relações de poder e é, desde sempre, disfuncional por nunca conseguir dar cabo às suas estratégias completamente. A “masculinidade hegemônica” reaparece no livro *Masculinities* (CONNELL, 2005), e em um artigo posterior (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) no qual a socióloga faz revisões após as críticas feitas ao conceito.

Na revisão do conceito, a socióloga argumenta não afirmar que o hegemônico é sempre igual e possui um papel fixo, mas é justamente o modelo de masculinidade que ocupa uma *posição* hegemônica num dado padrão de relações de gênero. É importante destacar que nem todos os homens podem ter participação na masculinidade hegemônica, e esta não é uma categoria que descreve universalmente valores masculinos.

Muito pelo contrário, à medida que os estudos de masculinidades se expandem, ela parece cada vez mais localizar um homem muito específico: cis, hétero, branco, europeu, rico, etc. Portanto, percebemos que a hegemonia precisa marginalizar outros tipos de masculinidades para conseguir se sustentar. Isso fica mais evidente se forem levadas em consideração questões que dizem respeito à sexualidade, à raça e à classe dos homens em questão.

Entendo que a masculinidade hegemônica seria uma ficção política, estrutural, discursiva, material e simbólica que visa sustentar e reproduzir a dominação de determinados homens sobre as mulheres e sobre outros homens, como os gays, os negros, os indígenas, os trans, entre outros. Ocorre como uma norma social: diz respeito a um ideal do que é esperado dos homens. Consequentemente, poucos homens correspondem a tal expectativa. No campo da normalidade, ou seja, do que é comum, recorrente, cotidiano e corriqueiro, existem outras

masculinidades, incluindo a masculinidade bicha, que negociam diferentes relações com a hegemonia.

Figura 11: Comparativo norma x normalidade



Fonte: Produção minha

No quadro abaixo, apresento um comparativo dos conceitos utilizados por Connell (2005) para tratar do tema das masculinidades. Para a autora, a masculinidade hegemônica se refere a uma norma social de dominância cultural, e as outras masculinidades a relações de gênero específicas entre homens. Em seguida, discuto alguns dos problemas operacionais que os conceitos possuem, e por fim apresentaremos um modelo de análise relacional das masculinidades.

Quadro 7: Tipos de masculinidades

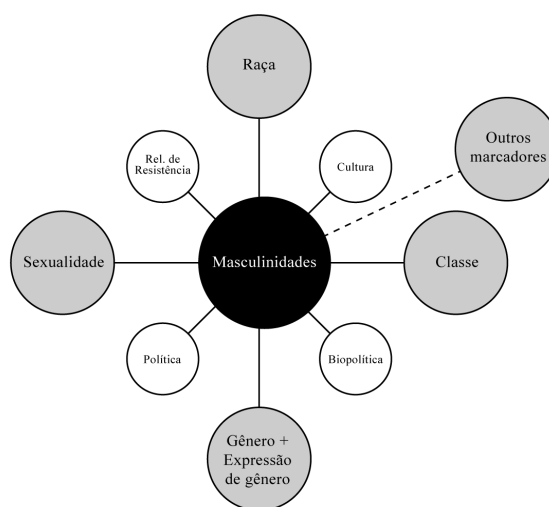
Relações internas de ordem de gênero			
Masculinidade hegemônica	Masculinidades cúmplices	Masculinidades subordinadas	Masculinidades marginalizadas
• Norma social; • Forma de masculinidade culturalmente exaltada em determinado espaço/tempo; • Incorporação de gênero que visa manter uma posição dominante no sistema do patriarcado; • Ascendência social alcançada por determinados homens.	• Não consegue participar da dominância da masculinidade hegemônica, mas a reproduz num sistema de cumplicidade; • Masculinidades que se beneficiam do sistema patriarcal sem incorporar completamente a posição hegemônica.	• Relação de subordinação que garante a homens heterossexuais a dominância sobre homens homossexuais; • Posição mais marginalizada nas relações de gênero entre grupos de homens.	• Termo usado para se referir às dinâmicas das masculinidades que ocorrem entre dominantes e dominados no que diz respeito a classe e raça; • Diferente das relações com outros tipos de masculinidade, reconhece que estruturas como classe e raça produzem relações específicas entre

			os homens.
--	--	--	------------

Fonte: Connell (2005)

Em minha análise, os conceitos apresentados parecem ser universalizantes, e essas são algumas das críticas que a socióloga revisa (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Não acredito que todos os homens gays partilhem das questões no Brasil. Por isso, me afasto do conceito de masculinidades subordinadas, assim como o dos de masculinidades cúmplices e masculinidades marginalizadas, e penso que as três categorias podem existir, cada uma à sua maneira, fazendo negociações com a hegemonia, mesmo que, enquanto masculinidades ainda sejam signatárias das relações de poder às quais fazem parte. Diante disso, novos termos, como masculinidade bicha, podem surgir para se referir às masculinidades que estão excluídas da hegemonia devido a questões de sexualidade, classe e raça. É a observação sócio histórica e cultural de fenômenos e negociações masculinas que permite o surgimento de novos conceitos que visam entender contextos particulares.

Figura 12: Aspectos relacionais das masculinidades



Fonte: Produção minha

A figura acima representa uma ligação das masculinidades não apenas a marcadores sociais da diferença, como raça, classe, gênero e expressão de gênero e sexualidade (assim como outros, como idade, corpo, nacionalidade, etc), como também as relações que estas possuem com outras questões sociais como relações de resistência, cultura, biopolítica e política, para citar algumas. A categoria *homem* não é universal, mas permeada por especificidades que dizem respeito aos contextos específicos em que se situa. Quando novos e específicos termos são

mobilizados, como a bicha, para se referir a negociações específicas de masculinidades, ocorre, também, a associação dessas masculinidades a fatores históricos e sociais.

Marcadas pelo processo de violência, invasão e intrusão da colonialidade, as masculinidades na América Latina possuem características estruturais baseadas no seu processo de formação. O poder colonial operou na criação de Outros, e restringiu-lhes a um espaço subalterno. Após tratarmos da consolidação das masculinidades como um tema importante para as ciências, apresentamos a maneira como os chamados “estudos dos homens”, ou “estudos das masculinidades” latino-americanos se consolidaram e o que isso revela sobre as relações de gênero no subcontinente.

Como vimos anteriormente, em outras partes do mundo, especialmente a partir das pesquisas vindas da Austrália, considerando a relevância do trabalho de Connell e seus orientandos, os estudos das masculinidades surgiram considerando as demandas dos próprios homens (especialmente os gays) para (re)pensar sua posição subalterna nas relações com outros homens. As disciplinas dos *men's studies* foram sistematizadas à medida em que homens gays assumiram um papel político nos movimentos de liberação sexual. A própria Raewyn Connell (2013) conta que muitos de seus discentes e orientandos em projetos de pesquisa faziam parte do *Gay's Liberation*, movimento organizado homossexual.

Como vimos, trata-se de um processo de reflexão dos próprios homens sobre as suas negociações com a masculinidade. Os homens gays refletiam acerca de sua dissidência sexual, e a maneira como poderiam articulá-la às diferentes demandas do que significa ser um “homem”, bem como sobre os processos de subalternização e marginalização vivenciados. Havia o interesse de entender o que levava determinados homens a infringir violências físicas, emocionais e simbólicas contra os homossexuais. Entendemos que a grande relevância do trabalho da socióloga Raewyn Connell moldou e mudou para sempre os estudos das masculinidades.

Por outro lado, no caso das produções latino-americanas, as epistemes das masculinidades surgem a partir de uma demanda feminista, interseccional e decolonial (VIGOYA, 2018). Essa diferença, como pontuado pela antropóloga Mara Vigoya, trata não apenas do protagonismo feminino nos estudos das masculinidades dentro do contexto latino-americano, como também da centralidade de debates sobre temas como classe, raça, interseccionalidade, decolonialidade e feminismo comunitário. Levando em consideração as questões da população trabalhadora e dos homens não brancos, os estudos da América Latina produzem um conhecimento no qual “trata-se não apenas de reconhecer as múltiplas

masculinidades, mas também de entender as relações que elas mantêm entre si e identificar as relações de gênero que operam dentro delas” (VIGOYA, 2018, p. 44).

Os estudos latino-americanos procuram entender de que maneira os homens negociam suas masculinidades entre si, e também com as mulheres. O interesse do feminismo decolonial latino-americano de estudar as masculinidades parte especialmente das análises das relações de raça, nas quais o homem branco desenvolve diferentes violências às mulheres não brancas, e também aos homens não brancos. Aliado a isso, considera-se também um forte debate sobre classe social alavancado na América Latina desde os anos 1970, fortalecido pelos movimentos sindicais. Dessa forma, “a raça e a classe distribuem de forma desigual os benefícios e os custos das relações de gênero e definem experiências e representações diferenciadas da masculinidade” (VIGOYA, 2018, p. 182). Analisando também as relações de sexualidade, é preciso pensar também que nem todos homens usufruem dos benefícios do patriarcado e da hegemonia heterossexista.

Construir um caminho para os estudos de masculinidades na América Latina implica aliar-se às críticas dos feminismos negros e decoloniais ao sistema de poder que se consolidou à medida que subjugava corpos não-brancos e/ou não-heterossexuais. Em complemento, para falar das masculinidades homossexuais brasileiras, cabe recorrer aos referenciais sociológicos e históricos que estudaram a presença de figuras dissidentes de sexualidade no Brasil, grande tema da presente dissertação.

3.3 APRENDIZADOS

Ao longo deste capítulo pudemos compreender um pouco mais sobre a formação dos campos de estudo das áreas de gênero e masculinidades. Com isso, revisamos as ideias de autoras e autores consolidados nessas discussões para argumentar que nenhum gênero é dado como pressuposto no ato do nascimento. Antes, ser homem (ou ser qualquer outra coisa) é colocar o próprio corpo em trânsito para que o momento histórico em que se vive lhe confira significados particulares, o que inevitavelmente, em nosso mundo ocidental e contemporâneo, deságua na criação de categorias de privilégio, marginalidade, abjeção, entre outras.

Entendemos que o gênero é um objeto teórico e analítico em disputa por diferentes interlocutores que buscam dar a esse significante seu sentido particular acerca do tema. Não à toa, a pauta tem estado em constante tensionamento entre os diferentes movimentos sociais progressistas e as frentes conservadoras pelo menos desde o final do século XIX. Aprendemos também que o gênero se formou como um campo acadêmico focado, quase que exclusivamente, nos problemas femininos. Com a formação dos estudos das masculinidades no final do século

passado, os homens entram na roda da história do gênero, enquanto antes eram analisados apenas como detentores de poder. Hoje, podemos compreender que estes sujeitos, mesmo que de fato estejam em posições de poder em relação a outras pessoas, também possuem especificidades particulares que podem ser elaboradas teoricamente para além de dicotomias.

Dentro desse circuito, a ideia de que uma masculinidade pode ser adjetivada como bicha vem discutir a possibilidade de determinados homens serem femininos sem que deixem de também serem masculinos. Soa contraditório para os esquemas normativos de gênero porque realmente o é. A noção de masculinidade que estou trabalhando para a ideia de bicha é exatamente a da conjunção do masculino e do feminino como uma expressão de gênero própria. Mas essa discussão é alongada quando pensamos que os homens bicha ainda são homens, e portanto estão inscritos em relações nas quais ora subvertem, ora reforçam a própria lógica do poder. Essa é, aliás, a condição (contradição) de se estar na periferia do capitalismo.

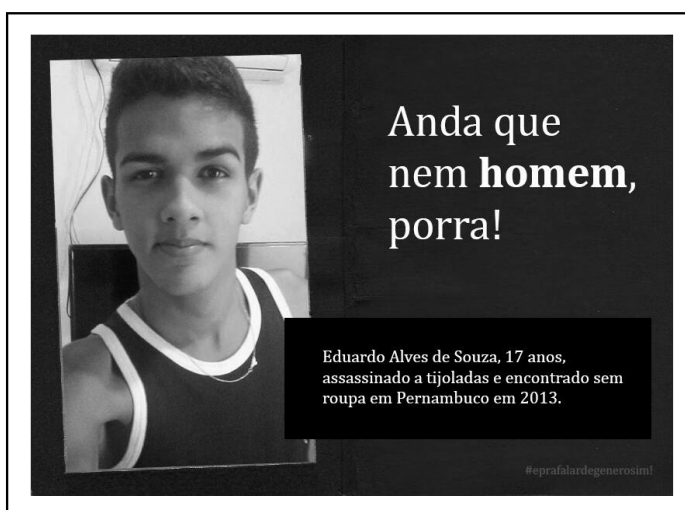
Como o próprio Ariel falou em um trecho da sua entrevista, no ambiente de trabalho é necessário que as bichas sejam mais contidas, o que, claro, é consequência da heteronormatividade latente desses espaços, mas também pode permitir que determinados sujeitos participem de locais de poder inacessíveis a outros. Não é o fato de ser bicha, ou ser gay que vai desinscrever o sujeito de modo completo da sua subjetividade masculina. Na verdade, o que estamos fornecendo com o presente trabalho é justamente uma análise de como a categoria bicha pode fornecer sentidos particulares sobre o masculino. Com isso, estamos dizendo que, mesmo que diferentes marcadores de marginalização afetem de forma tremendamente perigosa a própria integridade física, emocional e até mesmo profissional dos sujeitos, ainda assim, as nuances das masculinidades podem se mostrar presentes.

Aqui, foram apresentadas diversas questões do trabalho: sabemos que a masculinidade é um fato corporal, mas também linguístico e performático que pode ser exercido de diferentes formas em diferentes contextos sócio-históricos e culturais. Adiante, a sexualidade entra em jogo. Buscarei analisar como a homossexualidade masculina perturba o sistema de sexo/gênero, já que transgride os papéis masculinos hegemônicos. Além disso, buscaremos compreender alguns dos pontos-cegos em relação à masculinidade bicha, como as contradições que esse modo de expressão masculina encontrou, a partir do nosso corpus, ao ser confrontado com diferentes marcadores da diferença.

4 MASCULINIDADES COMO HISTÓRIA

“Prefiro um filho morto que um filho v*ado”. A frase, título de uma das peças publicitárias da campanha “É Pra Falar De Gênero SIM”, veiculada em uma página do Facebook, busca trazer um alerta para a realidade mortífera por trás dos discursos de ódio homofóbicos³⁴. Outras imagens publicadas em conjunto, contêm títulos como “Anda que nem *homem*, porra!” (grifo do texto original), “Isso é falta de porrada quando era criança” e “Isso é doença. Ninguém vai me convencer que é normal”. O material é acompanhado pela foto de meninos (todos menores de 18 anos) que foram assassinados por motivações homofóbicas, um texto relatando o ocorrido e a hashtag #éprafalardegenerosim. Na legenda do conteúdo, lê-se “O seu preconceito alimenta a violência. Homofobia mata. Pense nisso”.

Figura 13: Peça da campanha “É Pra Falar De Gênero SIM”



Fonte: Facebook

A campanha parece articular a ideia de gênero, expressão de gênero e sexualidade, mesmo que de forma não intencional. A motivação do crime contra os adolescentes foi homofobia e essa violência é justificada por frases que parecem inofensivas e são utilizadas de maneira corriqueira. Em uma delas, vemos que existe um padrão masculino tão brutal para materialização do gênero que distingue o andar de um homem, para o andar de algo que não chega a sê-lo. A ideia de expressão de gênero é materializada aqui em um exemplo muito

³⁴ Campanha disponível em <<https://www.facebook.com/eprafalardegenerosim/posts/1831068127141518>>. Acesso em 25 mai. 2022.

simples e problemático. A violência homofóbica dirigida às bichas também foi um tema que veio à tona durante a coleta das entrevistas:

GABRIEL:

Na família também foi bem ruim no começo, principalmente por parte do meu pai, que não aceitava desde muito pequeno. Tenho lembranças dele batendo com as sandálias nas minhas mãos porque eu “desmunhecava” e tinha todos os trejeitos, daí ele batia na minha mão por conta disso.

Por violência homofóbica, quero dizer que, tudo aquilo que constrói uma relação de poder (físico, emocional, simbólico, judicial, médico, etc) que visa a dominação, subjugação e direcionamento de ódio contra pessoas homossexuais constitui uma atitude homofóbica. No trabalho, três principais “instituições disciplinares”, para usar uma linguagem foucaultiana (FOUCAULT, 2014a; 2014b; 2019c), do capitalismo moderno foram recorrentes nas entrevistas: a escola, o trabalho e a família. A última, aparece na fala de Gabriel acima a partir de um exemplo de violência em que o mesmo relata que o seu próprio pai costumava bater em sua mão quando o via “desmunhecando”.

Como discuti durante o capítulo anterior, o tema das masculinidades tem crescido e ganhado visibilidade dentro dos estudos de gênero desde os anos 1970/1980, mas ainda parece ter muito terreno a ser explorado e grande potencial de contribuição para as pesquisas nas áreas de gênero e sexualidade. O presente capítulo busca compreender de que modo é possível pensar em masculinidades hegemônicas na sociedade brasileira ao longo da história das relações de gênero. Para fazer isso, levo em consideração o marcador da sexualidade ao perguntar de que maneira, e se há condições, para que homossexuais participem da categoria homens, entendendo que esses criam problemas para a hegemonia masculina.

4.1 HOMOFOBIA E MASCULINIDADES

Existe uma característica das masculinidades dominadoras, especialmente considerando a análise que farei a partir do contexto latino-americano e brasileiro – no qual a formação a partir da intrusão colonial é um tema importantíssimo – que é a ideia de aniquilação da diferença. Não à toa, falando apenas das violências LGBTQIA+fóbicas, o Brasil possui índices de assassinatos da população sexodiversa altíssimos, sendo a questão ainda mais profunda quando pensamos em temas como transfeminicídio ou racismo. Em relatório, o Grupo Gay da Bahia, uma das instituições mais reconhecidas para o mapeamento das violências

LGBTQIA+fóbicas no Brasil, apontou a ocorrência de mais de 300 mortes de pessoas LGBTQIA+ apenas em 2021³⁵.

Durante toda essa pesquisa, estou trabalhando as masculinidades como fatos materiais, corpóreos, visíveis e históricos. Com isso, esbarrei no dilema da natureza *versus* cultura e, ao invés de escolher um lado ou o outro, entendi que os dois são um local útil para o desenvolvimento de potencialidades teóricas. Na análise que estou desenvolvendo, acredito ser importante questionar a partir de que termos e quais são os mecanismos responsáveis pela transformação da história em natureza e do cultural em natural (BOURDIEU, 2019). Ao longo deste capítulo, procurarei entender alguns dos processos envolvidos na produção das identidades masculinas brasileiras levando em consideração as diferenças de gênero e sexualidade.

Existe uma compreensão dominante que tende a encarar os corpos como uma espécie de máquina natural que produz as diferenças de gênero, assim como dos saberes e prazeres das sexualidades. Como exemplo, podemos trazer a emblemática frase dita pela ministra Damarens Alves (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos/MMFDH) dias após a posse de Jair Bolsonaro como Presidente da República: “Menino veste azul e menina veste rosa”. A afirmação reitera uma lógica que afirma a necessidade de unir a identidade à expressão de gênero. Outras perspectivas analisam o corpo como uma superfície neutra na qual a cultura seria capaz de imprimir diferentes sentidos, mas essa noção deixa de lado materialidades importantes para a manifestação do gênero. Por último, é possível compreender que tanto a influência biológica, quanto a social se combinam para produzir as diferenças de gênero. Esta última noção é bastante explorada por Paul Preciado (2011; 2018) ao analisar as mudanças nas relações de gênero à medida que o capitalismo pós-fordista se desenvolve e as indústrias médicas e farmacêuticas se fortalecem.

Frente à noção adotada para o andamento da pesquisa, compreendo que o gênero é uma tentativa de docilização dos corpos feita porque a indocilidade é improdutiva, e esse é o seu maior “pecado”. Já que o desenvolvimento de tantos dispositivos disciplinares mostram como a docilização (e o processo de conquistá-la) é extremamente positiva e produtora, nada mais execrável do que um corpo não produtor. E a produtividade aqui tem uma lógica bem clara: capitalista, neoliberal, cristã, etc. Michel Foucault (2014b), ao analisar os esquemas de vigilância que começaram a ganhar força a partir do século XVIII, argumenta que o objetivo central dessas biopolíticas era o de corrigir o corpo para torná-lo útil e produtivo. O autor aponta

³⁵ Disponível em <<https://grupogaydabahia.com/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>. Acesso em 25 mai. 2022.

que foi na Época Clássica que se descobriu o corpo como um objeto de interesse para o biopoder e, apesar de o controle do corpo não ser de forma alguma considerada novidade, muitas técnicas foram inovadoras, como por exemplo a larga escala e a minuciosidade do processo disciplinar.

Não se tratava de aumentar suas habilidades sujeição, mas de criar uma relação com o corpo que aumentasse sua obediência e a sua utilidade: “Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.” (FOUCAULT, 2014b, p. 135). Essa política dos corpos se dá também no processo de materialização do gênero, já que este exige um trabalho microfísico, que inclui o dispositivo da sexualidade.

Regular, catalogar e produzir discursos acerca da sexualidade fez a modernidade ocidental se tornar temerosa em relação ao gênero, porque desvios de gênero são recorrentemente associados aos desvios sexuais. Mas esses desvios da docilidade sexual e de gênero são inevitáveis, isso porque a norma é tão frágil que precisa ser constantemente repetida e trazida à tona, já que sua materialização sobre os corpos nunca se completa e os desvios só podem se dar dentro dos seus próprios termos, demonstrando suas limitações e contradições. Foi notável perceber que os entrevistados da pesquisa relatam a família (em especial, a figura paterna) e a escola como dois principais agentes para a repressão de suas feminilidades durante a infância, fase da vida que foi central em todas as narrativas sobre a descoberta da bicha. Estes dois dispositivos disciplinares se caracterizam como instituições de positividade que formam corpos produtivos, saudáveis, preparados para a vida:

BETO:

Na maioria das minhas experiências, a bicha se apresentou pra mim como xingamento, na escola mesmo. Eu aprendi bem rápido que se eu me empolgasse demais, ou se eu me expressasse demais, alguém ia trazer “bicha” ou alguma variação disso porque teriam trejeitos meus. Eu era uma criança, bem “criança viada”, então essa palavra [bicha], e ser chamado disso, foi o que me levou a tentar me esconder, tentar não me expressar, tentar não expressar muitas emoções, porque eu sabia que se eu expressasse emoções demais iria pra um caminho “não masculino”, se eu falasse demais ou me expressasse demais, deixaria de estar numa performance masculina.

ARIEL:

Eu tive um pai muito machista, com uma ideia de masculinidade super pesada e que, no momento em que ele viu que eu estava desviando aquele normativo, foi o caos. Ele tentou a começar a me puxar pra um lado mais padrão hétero, especialmente ao ver as diferenças que eu tinha em relação aos meus amigos. Tipo, “Ah, tá vendo fulaninho? Tá vendo como ele é?”. Então foi muito complicado no começo da minha infância. E eu acho que foi melhorando e eu fui criando o meu próprio referencial depois que eu fui expandindo mais as minhas amizades porque o ponto que eu acho que é de inflexão total é a faculdade.

GABRIEL:

Apesar de que na escola nem sempre as coisas foram tão tranquilas assim, até a oitava série eu estudava em outro lugar e eu sofria *bastante* bullying, bastante.

Percebo também que a ideia de paternidade é central para a compreensão de masculinidade (ou fuga desta) que os sujeitos entrevistados trazem em seu discurso. Isso porque o pai é o primeiro homem que surge – tanto na vida, quanto nas falas – dos entrevistados e compor uma imagem de si em diferença do próprio pai parece ser ao mesmo tempo o maior desejo e o maior desafio dos sujeitos em questão. A figura dos homens bicha é oposta aos esquemas de docilidade de gênero hétero patriarcais, protagonizada pelos próprios genitores destes indivíduos, pois não manifesta a expressão esperada ao seu gênero designado, nem participa da heterossexualidade. Na verdade, se coloca de maneira oposta a essas categorias.

O que chamo de docilidade não é a ausência da agência de um sujeito, mas a estilização da própria agência. Segundo Fabiana Maizza (2017b, p. 124), “Apesar de associarmos docilidade com o abandono da agência, o termo literalmente implica uma maleabilidade necessária para alguém ser instruído em um conhecimento particular”. A docilidade se inscreve portanto em um processo de subordinações específicas (MAHMOOD, 2019), o que não apenas assegura a subordinação do sujeito às relações de poder que o constituem e nas quais ele se constitui, mas também produz os meios pelos quais o próprio passa a existir.

Para Mahmood (2019, p. 151) “não existe uma possibilidade de ‘desfazer’ normas sociais que seja independente do ‘fazer’ das mesmas normas; a agência reside, portanto, no seio desta reiterabilidade produtiva”. No que toca a masculinidade bicha, me preocupei em analisar o fazer e desfazer de gênero(s), a não participação desses sujeitos nas configurações de gênero que já estão postas hegemonicamente, e as negociações exercidas a partir de posições subalternas. A possibilidade de participação dos sujeitos em seus enquadramentos se relaciona fundamentalmente com questões de docilidade e agência, já que diz respeito à adesão (ou não) às normas vigentes.

O processo de cristalização do gênero sobre os corpos se refere aos atos que precisam ser repetidos infinitamente e mesmo assim não produzem perfeitamente aquilo que pretendem materializar (BUTLER, 2019b). A assunção de masculinidades ou feminilidades é tão frágil que precisa ser reforçada e policiada continuamente, já que a qualquer momento pode deixar suas incompletudes virem à tona. Se o gênero é produzido por meio de práticas linguísticas, materiais e sociais, essas práticas são cotidianas, contínuas e reiteradas.

Essas práticas possuem uma ironia própria: elas são solapadas dentro de seus próprios termos: “Na medida em que as normas de gênero são reproduzidas, elas são invocadas e citadas por práticas corporais que também têm a capacidade de alterar normas durante sua citação.” (BUTLER, 2014, p. 267). Pensando sobre as materialidades dos corpos, a performatividade

sedimenta noções ao repetir ou imitar o padrão normativo da hegemonia. A masculinidade bicha nem repete, nem imita a hegemonia, ela a desconfigura.

Voltemos ao exemplo que iniciou o capítulo: é muito comum que meninos femininos sejam colocados numa categoria de abjeção. “Prefiro um filho morto que um filho viado”, “Isso é falta de porrada quando era criança” e “Isso é doença. Ninguém vai me convencer que é normal” são frases recorrentemente usadas para se referir a crianças que de alguma forma deslocam as performances que supostamente pertencem a seu gênero designado. A ocorrência desses discursos revela como diferentes corpos precisam ser disciplinados para aderir a determinada lógica de gênero e como esta é automaticamente associada a determinada sexualidade.

Mas, ao contrário do que Mead (2015) pensava sobre as crianças se adaptarem facilmente à norma, as pedagogias da decepção mostram que a indocilidade pode se dar desde o berço. De fato, a homossexualidade decepçiona o gênero masculino, pois tudo o que um homem não pode ser é, de alguma maneira, associado a comportamentos femininos, como a passividade. Nesse sentido, é possível dizer que o gênero se apoia em movimentos pedagógicos de decepção: qualquer dissidência é automaticamente uma interrupção e uma ruptura da norma, causando assim, a expulsão ou deslocamento dos dissidentes das categorias maiores de gênero, e os homens homossexuais participam da categoria homens desfazendo-a de diversas maneiras, mas também reiterando-a.

Parafraseando Beauvoir (2019), torna-se homem, mas não apenas torna-se homem, como torna-se homem por um processo histórico muito conturbado no sentido de garantia de direitos e torna-se homem, desempenha-se esse papel, visando projetos de mundo muito específicos em favor da dominação (BOURDIEU, 2019). É nesse sentido, também, que Connell e Pearse (2015, p. 38) afirmam que “Embora as posições de homens e mulheres não sejam simplesmente paralelas, o princípio também é verdadeiro para os homens: ninguém nasce masculino, é preciso tornar-se um homem”.

Assim, não se trata simplesmente de propor uma política pós-gênero ou pedagogias pós-sexuais, mas de produzir uma nova cultura ou ordem social a partir da qual o gênero não é pré-requisito para participação no mundo e entendê-lo como uma categoria profundamente instável, múltipla, sujeita a mudanças e variável, não só em relação às diferentes culturas, mas tratando-se também de diferentes corpos ou pessoas. O gênero não pode ser uma ordem de existência, mas, uma maneira de existir com dignidade independente da ordem, e sobre isso, a teoria *queer* ainda tem muito a ensinar.

É necessário reconhecer que os corpos comumente não aderem com facilidade à positividade disciplinadora do gênero. E, nesse sentido, a desidentificação se torna uma nova política para desontologização do sujeito. Os próprios termos usados para o reconhecimento de masculinidades entraram em ebulição e condensaram em novas formas de ser homem. Desse modo, se o sujeito se constitui dentro de um discurso, percebe-se que esse discurso, pelo seu próprio caráter mutante gera, inevitavelmente, inúmeras contradições, decepções e indocilidades.

Considerando que as condições materiais, sociais, históricas e culturais que possibilitam o aparecimento e o reconhecimento de um corpo são chamadas de normas de gênero, essas diferenciam-se do poder de uma lei. Essas normas operam justamente no “âmbito de práticas sociais sob o padrão comum implícito da normalização” (BUTLER, 2014, p. 252). Assim é o caso da masculinidade hegemônica: uma série de ideais é mobilizada a fim de endossar a hegemonia e fazer com que ela pareça permanente, natural e inquestionável.

Argumentando que é possível se tornar, mas nunca plenamente ser gênero, a filósofa estadunidense considera que “o próprio gênero é uma espécie de devir ou atividade, e não deve ser concebido como substantivo, como coisa substantiva ou marcador cultural estático, mas antes como uma ação incessante e repetida de algum tipo” (BUTLER, 2019b, p. 195).

A normalização das identidades de gênero não surge no vácuo, mas ocupa uma posição central naquilo que Foucault (2014a) chama de regime de verdade: o processo de tornar norma é o de sedimentação de uma verdade ao ponto que ela se torne um regime. Em sua leitura combinada de Foucault e Butler, a antropóloga Jacqueline Moraes Teixeira (2019) aponta que esses regimes são caracterizados como uma série de operações que produzem sujeitos que pensam a si e o mundo à sua volta a partir de premissas de verdade. Ou seja, é estabelecida uma linha entre o verdadeiro e falso, e a própria delimitação torna-se um padrão moral. É na operação de regimes de verdade que Judith Butler pensa o gênero como performativo.

Para Foucault os regimes de verdade administram comprometimentos com o verdadeiro e são tipos de relações que vinculam manifestações de verdade e seus procedimentos aos sujeitos. A própria estrutura do verdadeiro opera de modo a determinar e sustentar o seu regime. Este conjunto de processos instrui os indivíduos a realizar atos bem definidos, determinando-lhes obrigações em relação à materialização do verdadeiro, além de ser um tipo de poder que força os indivíduos a atos de verdade (FOUCAULT, 2014a). Para o filósofo francês, os regimes de verdade são a história do poder, da verdade e da vontade de saber.

Tais obrigações revelam que os sujeitos não podem assegurar a verdade por si: “para que haja obrigação de verdade, (...) é preciso, ou que se trate de algo que não pode ser, por si,

demonstrado ou manifestado como verdadeiro” (FOUCAULT, 2014a, p. 86). Assim, tudo de que não se tenha certeza de que seja verdade precisa ser reiterado, reforçado e repetido. Na mesma linha, ao comentar sobre as práticas da performatividade de gênero, Butler (2019a, p. 16) aponta: “Que a reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização nunca está completa, de que os corpos nunca estão suficientemente completos, de que os corpos nunca cumprem completamente as normas pelas quais se impõe sua materialização”. Assim, o gênero opera como regime de verdade por criar noções de verdadeiro (ex: homem de verdade), e sempre precisar reforçá-las.

Seguindo o argumento de tais regimes, Butler (2019b, p. 236) propõe que todo gênero é fabricado: “o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável”. Na medida em que produz aquilo que nomeia, o gênero não se caracteriza como a origem, mas como efeito do discurso. Segundo o pensamento da autora brasileira Letícia Nascimento, não se nasce nenhum, sexo, gênero ou sexualidade. Em outras palavras: “não existe sujeito anterior ao processo de produção do gênero (...). O sujeito é um efeito dessa produção, o sujeito generificado é efeito das relações de poder” (NASCIMENTO, 2021, p. 127).

Se o gênero é produzido a partir de atos reiterados, não corresponde a uma substância que supostamente poderia ser encontrada na matriz de um sujeito, mas sim às práticas que possibilitam ao sujeito reconhecimento mediante uma cena pública, e o tornam viável. Assim, o gênero se liga diretamente a práticas sociais e pode ser associado ao campo gramatical dos verbos, em vez dos substantivos (SALIH, 2019). Ou seja, ele distancia homens e mulheres da categoria do somos e os coloca no campo prático do fazemos (TEIXEIRA, 2019; BUTLER, 2019b). Ilustrando em termos práticos a partir da imposição de masculinidades dominadoras:

BETO:

O “ser homem” apareceu pra mim como uma obrigação e como a imposição de um ideal de como eu devia me comportar, de como eu devia agir, de como eu devia falar, de *tudo*. Então eu acho que sempre foi imposto um “seja homem”, “seja macho”, “fale como homem”, “fale como macho”. E crescer com isso, sabendo que eu não conseguiria chegar nesse ponto, mas ele tava sendo imposto e eu tentava o máximo possível me adaptar a ele, fez com que depois que eu chegasse na vida adulta e entendesse que eu não precisava chegar nesse padrão, eu tivesse uma relação de rejeição com o “ser homem” e com aspecto de coisas masculinas. Então eu passei a tentar me distanciar de coisas masculinas em vários aspectos da minha vida.

GABRIEL:

Eu acho que eu aprendi o que é essa ideia de ser homem com o meu pai, porque ele sempre tava me cobrando uma masculinidade que eu não tinha, não tenho, nunca tive e nunca apresentei. Também aprendi com a sociedade no geral, por exemplo, eu

morava em um condomínio quando era pequeno e lá os meninos da minha idade na época percebiam que eu era diferente deles. Tanto eu, quanto outro amiguinho meu éramos diferentes. Então foi nesse momento, acredito que a partir dos meus 8 ou 9 anos, que eu comecei a perceber o que é que as pessoas esperam de um homem e que eu não era aquilo [risos].

É possível perceber no discurso dos entrevistados que muitas vezes a ideia de ser homem se confunde com a ideia de ser (ou se tornar) o próprio pai. Enquanto primeiro ator de masculinidade na vida dos sujeitos, o pai parece carregar a responsabilidade (e o fardo) de ser a representação material da ideia que estes indivíduos desenvolvem do ser homem. No caso das entrevistas em questão, isso se revelou um problema principalmente porque muitas vezes os sujeitos sofriam diversas violências morais, físicas, discursivas, simbólicas, entre outras, dentro do próprio ambiente doméstico. Isso revela que a família é tanto o primeiro lugar da institucionalização disciplinadora do gênero, quanto das diversas violências homofóbicas.

Beto, uma das bichas entrevistadas, me contou que o seu processo de deixar de querer ser o homem ideal foi um processo de fazer novas coisas (usar roupas, falar sem controle, deixar de ter vergonha, etc) – o que parece também evidenciar a sua separação enquanto sujeito da imagem do seu pai; além disso: trata de uma materialidade específica possível para o ser bicha. Desse modo, o auto reconhecimento enquanto homem é deslocado de uma simples identificação ontológica, e quase metafísica, de um ideal normativo para uma prática material que pode ser diversa.

BETO:

[Deixar de querer ser o homem ideal] Foi um processo de sair do lugar, de vergonha e de esconder, para um lugar de ter orgulho disso [gostos pessoais]; de passar a usar as roupas que eu queria usar, e não as que eu achava que deveria usar; de passar a não tentar controlar o que eu falava, ou a forma que eu gesticulava. Foi um processo de permissão, porque mesmo quando eu tinha o ideal de “ser homem”, eu tinha a noção de que não conseguiria chegar nele. Então, para mim era menos um processo de “tentar ser homem”, e mais um aspecto de me prender e não deixar que os outros aspectos da minha personalidade viessem à tona. Era mais um processo de repressão do que um processo de tentar me adequar.

O ponto central do pensamento de Butler é colocar a própria materialidade do sexo como uma construção histórica, assim como o gênero. Dessa forma, já que o sexo e o gênero são formas de viabilizar corpos que não podem existir fora do discurso (SALIH, 2019), o próprio sexo é produzido pelo gênero e é, ele mesmo, artificial (BUTLER, 2019a).

No primeiro livro da série de estudos genealógicos sobre a sexualidade nas sociedades ocidentais, *História da sexualidade: A vontade de saber*, Foucault (2019a) defende que os discursos relacionados ao sexo não são mutados, mas proliferados ao ponto de que não se fale

de outra coisa. Também nesse volume, o filósofo francês aponta que existe um dispositivo da sexualidade, em torno do qual são circunscritas práticas, tabus e regras sexuais que regulamentam o prazer e a reprodução. Dispositivos são, para o próprio Foucault, “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles.” (FOUCAULT, 2019c, p. 367), ou seja, operam tornando os regimes de verdade em normas. Se Foucault define a sexualidade como um dispositivo, isso quer dizer que a reprodução e o prazer humanos estão inseridos num contexto de poder e disputa pelo discurso.

Em certa medida, os regimes de verdade que sustentam as masculinidades hegemônicas têm se enfraquecido, ou, pelo menos, sido repensados. Isso porque, como colocado por Connell (2005), dentro de um mesmo contexto sociocultural podem ser produzidas diferentes formas de masculinidades, visto que essa não é uma categoria fixa e imutável. As masculinidades estão inseridas num processo estrutural de larga escala e são produzidas em relações sociais. Nesse sentido, pistas de uma nova perspectiva, não só das masculinidades, mas também de suas epistemologias, têm surgido a partir dos estudos das histórias das mulheres e dos movimentos de liberdade sexual. Beto me contou que vê, mesmo que de maneira parcial, novas perspectivas para as masculinidades:

BETO:

Eu acho que estamos caminhando pra um momento de discussão sobre isso [o tema da masculinidade], mas não o suficiente, acho que ainda existe um ideal muito grande [do “ser homem”]. E também acho que estamos muito presos na bolha da gente, e quando a gente sai dela, a gente percebe como a masculinidade ainda é pesada, e o quanto ela é frágil. O quanto o maior medo do homem que luta por sua masculinidade é perdê-la de alguma forma. E você vê isso no humor, no comportamento. (...) Eu também percebo mudanças nas masculinidades, existe um movimento sim, e a gente tem contato com muitas pessoas e é palpável e é real a desconstrução da masculinidade e o quanto as novas gerações estão se permitindo desconstruir esse ideal. É um fato, a desconstrução da masculinidade, não só dentro da comunidade LGBT, não só entre as bichas, mas entre os homens cis, héteros e homens bis também, existe um movimento de desconstrução da masculinidade e de se permitir ter sentimentos, se permitir ser vulnerável.

Se as masculinidades são práticas estruturadas dentro relações de gênero, e a homossexualidade é um fato corporal que perturba a masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005), na contemporaneidade ocidental ocorre uma relação com alto grau de tensão entre homens heterossexuais e homens gays. E, devido à crescente rejeição aos papéis hegemônicos de gênero, também há um crescimento da violência homofóbica explícita. Atos homofóbicos são demonstrações de hostilidade, que através atentados contra a integridade física, emocional ou psicológica, não reconhecem a dignidade nem os direitos de pessoas homossexuais (BORRILLO, 2016).

Tais violências ocorrem tanto de forma simbólica (BOURDIEU, 2019), quanto de forma material em episódios horrendos de crimes de ódio, que apesar de absurdos, são recorrentes e, infelizmente, rotineiros³⁶. A homofobia está ligada não só à rejeição da homossexualidade, mas também parece ser uma forma de reiterar a masculinidade em homens heterossexuais. Em outras palavras: um homem hétero endorsa sua masculinidade não só quando rejeita a homossexualidade como uma possibilidade de prática do prazer sexual, mas, também, quando rejeita o próprio homossexual e se torna cúmplice da masculinidade dominante/hegemônica.

BETO:

Tendo, no momento, contato com homens heterossexuais, depois de muito tempo sem contato com uma quantidade grande de homens heterossexuais, dá pra perceber o quanto a masculinidade deles é frágil, o quanto todas as piadas têm um tom de machismo e de homofobia, porque a pior coisa que pode acontecer a eles é a perda da masculinidade, é a perda do controle, da força. Então, por mais que a gente esteja caminhando pra lugares importantes, com discussões na mídia e nas redes sociais, eu ainda acho que é muito preso numa bolha, quando você vai pro mundo real, você vê o quanto é arcaico o pensamento e a forma como as pessoas se comportam.

No discurso de Beto, existe a recorrência da ideia de uma bolha social na qual ele está inserido e que se refere ao seu ambiente de trabalho. Esse lugar no qual ele entra, sai, vê e percebe as coisas se refere à ideia de normatividade sexual que, apesar de ser uma realidade concreta em todas as instâncias sociais, parece estar mais evidente para ele desde que passou a trabalhar com um número maior de pessoas heterossexuais. De certo modo, a ideia de proteção que ele desenvolveu enquanto convivia com mais pessoas LGBTQIA+ durante a faculdade, antes de ingressar no mercado de trabalho, parece tê-lo protegido de outras realidades e por isso uma certa compreensão do que seria uma bolha social é constantemente presente no seu discurso.

De fato, aqui o homossexual se torna uma categoria específica de sujeito, como propõe Foucault (2019a). O homossexual é um homem que quase não é homem porque rejeitou sua masculinidade completa (ou rejeitou participar da hegemonia), que deveria ser hétero e viril. “Em uma sociedade androcêntrica como a nossa, os valores apreciados de forma especial são os masculinos; neste caso, sua ‘traição’ só pode desencadear as mais severas condenações.” (BORRILLO, 2016, p. 88). Sobre essa exclusão dos homossexuais, é importante considerar

³⁶ Segundo relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2019 foram registrados 329 homicídios motivados por LGBTfobia no Brasil. 52,89% (174 mortes) dos óbitos equivalem a quantidade de homens gays assassinados por crimes de ódio. Além desses números, a pesquisa também reportou dados da taxa de suicídio e de outras violências, não só contra homens gays, mas também contra a comunidade LGBT em geral. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>. Acesso em: 18 jun. de 2021.

algumas perspectivas teóricas que tratam das segregações sociais de grupos minoritários, em especial tratando-se de dissidentes sexuais e de gênero.

A primeira é a do homossexual como espécie (FOUCAULT 2019a), que trata das prática de sodomia; a segunda é o conceito de inadaptado de Mead (2015), essa tenta dar conta dos indivíduos que “por disposições inatas ou acidente de primeira educação, ou mediante as influências contraditórias de uma situação cultural heterogênea, foi culturalmente ‘cassado’”³⁷ (p. 277); por último, Connell (2005) trata como masculinidades subordinadas as masculinidades que vêm por último na hierarquia masculina de gênero. Assim como já discutido, o pensamento de Connell me parece um pouco universalizante ou generativo, não é do meu interesse comparar opressões, mas acredito ser um tanto fora do ideal pensar as masculinidades gay por último numa escala hierárquica, como se todos os gays experienciassem suas masculinidades da mesma forma.

Voltando à discussão sobre masculinidades e homossexualidade, Bento (2015) argumenta que “A homofobia é uma das forças motrizes da definição de masculinidade hegemônica.” (p. 102). Isso porque, na sua perspectiva, não é que os homens heterossexuais simplesmente repudiem a homossexualidade, mas eles também têm aversão à ideia de serem vistos como homossexuais, já que para eles os homossexuais se assemelham a mulheres e na cadeia de gênero binária a posição subordinada é a feminina. Numa perspectiva semelhante, Borrillo (2016) aponta que o heterossexismo, termo usado para designar o topo na relação de hierarquia entre as sexualidades, se assemelha ao sexismo, ordem sexual que ordena diferentes posições de gênero subordinando as mulheres aos homens.

Uma questão central para entender como se dão as ideologias homofóbicas é pensar que homens de alguma forma associados à feminilidade, seja por delicadeza, não-agressividade ou cooperatividade, não podem ser completamente entendidos como homens. Essa é uma concepção extremamente ultrapassada e profundamente baseada na divisão de papéis de gênero, teoria confrontada anteriormente neste próprio texto. A negação, ou até mesmo ódio à feminilidade é uma realidade brasileira que também afeta os homens bicha:

GABRIEL:

Eu acho que eu demorei mais pra me aceitar por conta das ridicularizações que eu via que outras bichas sofriam. O que eu acho que essas pessoas tinham em comum para acabarem sendo ridicularizadas é a questão da feminilidade e também questões financeiras, essa era uma questão mais grave: ser pobre e bicha.

³⁷ Aqui cabe destacar, novamente, que o texto de Mead foi escrito na primeira metade do século XX. Salienta-se isso porque, mesmo que seu texto tenha lapsos e problemáticas pelos termos usados, o conceito de *inadaptado* contribui, também, para entender a cultura da clínica psiquiátrica que se instalava à época que foi desenvolvido.

Como Mead (2015) propunha, as presunções que supõem papéis temperamentais como naturalmente “femininos” ou “masculinos” são fundamentalmente culturais. Sobre isso, Barreto Januário (2016, p. 79) comenta que “A feminilidade e a masculinidade são socialmente percebidas como uma construção feita a partir de modelos culturais que impõem um padrão normativo, sujeito à vigilância social”. Essa vigilância comentada pela autora pode ser pensada, também, como um processo que dura por toda a vida.

Em *Problemas de gênero*, Judith Butler argumenta que as categorias de gênero, sejam elas quais forem, são profundamente instáveis e impermanentes. É muito importante ter isso em mente ao estudar masculinidades, já que, examinando diferentes contextos históricos, é possível perceber que o gênero não se constitui de maneira coerente ou estável. Sendo assim, um incômodo constante na pesquisa foi o de entender de que maneira homossexuais participam da categoria homens, entendendo que, em alguma medida, eles se tornam um problema para a masculinidade hegemônica.

4.2 RECONTANDO A HISTÓRIA DAS MASCULINIDADES

Para responder ao incômodo que encerra a seção anterior, é importante recorrer novamente às obras de Barreto Januário (2016) e Connell (2005), já que cada uma à sua maneira, conta a história das masculinidades ocidentais. Acrescenta-se ao debate, a contribuição do trabalho de Gayle Rubin (2017) acerca das disputas em torno da sexualidade nas últimas décadas e séculos. O intuito da sessão que se inicia é o de propor, a partir das epistemologias de estudo das masculinidades abordadas anteriormente, um pensamento científico e crítico capaz de pensar de que maneira o masculino se construiu em meio a um processo não apenas biopolítico (FOUCAULT, 2019a), como também sexopolítico (PRECIADO, 2011) de imposição da heterossexualidade e, conseqüentemente, negação da homossexualidade. Como relatado pelos entrevistados da pesquisa, a “identidade homossexual” se torna uma marca para as suas masculinidades desde muito cedo. Isso parece mostrar não apenas o estigma contra os homossexuais, mas também que o sistema de sexo/gênero sempre se relaciona diretamente às normas da heterossexualidade compulsória. Isso foi elaborado por Gabriel da seguinte maneira:

GABRIEL:

As pessoas já falavam, porque as pessoas começam a falar da sua sexualidade antes mesmo de você entender o que é ser hétero, ou o que é ser gay, as pessoas já falam pra você o que é que você é. Acho isso no mínimo engraçado.

Barreto Januário (2016, p. 83) argumenta que os corpos são “materializados nas normas de gênero socialmente construídas”, e com essa proposição inicia seu projeto genealógico para entender o surgimento das identidades masculinas. À luz de produções como as de Alambert, Johnson e Saffioti³⁸, a autora propõe uma reconstrução da antiguidade para afirmar que naquela época não havia uma hierarquia de submissão e dominação dos gêneros baseada na diferença sexual. Afirma ainda que esse modelo durou até o momento em que a pecuária se desenvolveu e a força muscular dos corpos dos “homens”³⁹ os garantiu certo privilégio social. Trata ainda de temas que abordam a diferença sexual e o papel da família normativas até chegar ao século XVIII, no qual ainda predominava o “modelo de sexo único”, teoria biológica que compreendia que os corpos de mulheres eram como de homens que não se desenvolveram.

Kathleen Sterling (2014) contrapõe a noção de alguns autores sobre o período “pré-histórico”, popularmente difundida na cultura ocidental, argumentando que as narrativas que colocam o homem como caçador têm por muito tempo negado às mulheres o reconhecimento de sua participação como inovadoras e cocriadoras do mundo. A antropóloga ressalta ainda que a visão “moderna” acerca das sociedades caçadoras-coletoras é de que essas comunidades são formadas por “pessoas naturais”. Essa compreensão deixa de lado a enorme diversidade entre os povos que viviam, e ainda vivem, em sistemas de caça e coleta, e pensa a experiência de gênero sob uma lógica universalizante, como se todas as sociedades o transformassem da mesma maneira.⁴⁰

Mesmo que para a pesquisa de Barreto Januário (2016) seja importante abordar o período antigo, o mesmo está distante demais daquilo que Connell (2005) propõe como o surgimento das diferenças de gênero sobre as quais a sociedade ocidental se constituiu. A socióloga australiana propõe que 4 eventos históricos principais constituíram as diferenças de papéis sociais que hoje são conhecidos como gêneros. Connell começa apontando que as mudanças culturais vindas do Renascimento, juntamente com a Reforma Protestante proporcionaram, no contexto europeu, o enfraquecimento do catolicismo medieval. O casamento do monge Martinho Lutero com a freira Catarina de Bora fez os empreendimentos

³⁸ Ver Barreto Januário (2016, p. 80-94).

³⁹ O termo vai entre aspas já que, por se tratar de uma época pré-histórica na qual não havia necessariamente uma divisão social generificada, talvez *homens* não seja a palavra mais apropriada para usar, mas torna o ponto no qual o texto pretende chegar inteligível.

⁴⁰ Algumas etnografias demonstram como os esquemas de caça e coleta funcionam em diferentes sociedades: Mead (2015, p. 237-240) aponta que enquanto as “mulheres” Tchambuli se dedicam à pesca e à coleta de alimentos, os “homens” se preocupam com as artes; Clastres (2020, p. 99-100) relata que entre os Guayaki, comunidade indígena nômade da América do Sul, observou que os “homens” caçam e coletam, e as “mulheres” produzem cestos para carregar os alimentos durante os movimentos do grupo.

de controle da sexualidade se deslocarem da renúncia monástica para a estilização da vida conjugal e, nesse sentido, “A autoridade cultural da heterossexualidade compulsória claramente seguiu essa mudança”⁴¹ (CONNELL, 2005, p. 186).

Em seguida, as viagens de colonização e as grandes navegações produziram não só uma segregação de tarefas que seriam, necessariamente, masculinas por priorizarem a força física. Essa violência imperial de conquista de novas terras foi generificada desde sempre e, nesse sentido, o gênero é uma violência colonial. Assim, apesar da autora australiana não comentar sobre, é imprescindível levar em consideração também o papel da Igreja e das investidas homofóbicas no contexto da colonização⁴², portanto, esse tema volta com mais força adiante. O terceiro momento histórico de grande impacto para as diferenças nas relações de gênero trata do desenvolvimento de grandes cidades que funcionavam como centros comerciais e culturais, criando assim novas configurações de vida urbana. Aliada à Revolução Industrial, a cultura empreendedora acabou fundando uma nova forma de masculinidade ao legitimar uma novas ordens de gênero baseadas no trabalho e poder.

Por último, Raewyn Connell leva em consideração as guerras civis europeias entre os séculos XVI e XVII. A socióloga comenta que os embates baseados em premissas religiosas remexeram e transformaram a forma como o mundo ocidental pensa políticas e ordens de gênero. Aliando isso à teoria feminista marxista, Silvia Federici (2017) aponta que nesse mesmo período que Connell fala das guerras religiosas ocorreu a caça às bruxas, fato que na sua concepção é primordial para entender a divisão sexual do trabalho, já que consolidou não apenas uma nova articulação de dominação sob o corpo das mulheres, como também proporcionou o surgimento da acumulação primitiva do capital que além de ser marcada por divisões da classe trabalhadora. Nesse contexto, é criada uma ética de vida na qual o gênero é um dos fatores constitutivos da dominação de classe.

Um último evento histórico parece ser de suma importância para a divisão de gêneros da sociedade moderna: a instituição de primeiros pensamentos relacionados aos Direitos Humanos ocorrida com a Revolução Francesa e a Independência dos Estados Unidos. Lynn Hunt (2009) argumenta que a composição de declarações de Direitos Humanos acabou por abrir portas para o sexismo baseado na superioridade masculina, visto que não garantiam direitos políticos às mulheres, tratando-as como dependentes dos homens, além de biologicamente inferiores. Apesar de as declarações não tratarem de perspectivas de Direitos Humanos além

⁴¹ Tradução livre de “The cultural authority of compulsory heterosexuality clearly followed this shift.”.

⁴² Para uma análise histórica da violência homofóbica no contexto colonizatório, ver FERNANDES E ARISI (2017) e FEDERICI (2017).

das que diziam respeito aos homens burgueses da época, a sexualidade deveria ser entendida como um direito fundamentado na compreensão de liberdade dos indivíduos em torno de seus afetos. Em outras palavras: o direito à igualdade não deveria estar condicionado à orientação sexual do indivíduo, questão que as primeiras declarações de direitos não foram capazes de pautar.

Na verdade, o fato de a declaração dos Direitos Humanos não contemplar as questões sexuais só reforça alguns dos debates de Foucault que trabalhamos durante este capítulo: é justamente porque o poder produz apenas o saber da verdade de que se tem vontade. O poder produz verdade. E à época, não era verdade que outras existências que não a branca burguesa e masculina (normativa) fossem passíveis de serem consideradas humanas. Estamos pensando em novos regimes de verdade para os Direitos Humanos à medida em que os movimentos sociais de liberdade sexual, de gênero, de raça, entre outros possuem a chance de participar dos esquemas de poder que podem ter um assento à mesa na qual se (re)escreve a gramática dos Direitos Humanos, e esse movimento não é tão recente, mas ainda assim enfrenta um número sem fim de desafios para ser reconhecido.

Foucault (2019a) aponta que desde o final do século XIX diversas instituições (como a família, a Igreja, a clínica e o tribunal) têm transformado o corpo num objeto biopolítico sob o qual redes de poder tentam regular a sexualidade, de modo a torná-la mais útil para a reprodução, e conseqüentemente para o capitalismo. Esses discursos são baseados numa herança religiosa. Assim, o século XIX desenvolveu “uma biologia da reprodução desenvolvida continuamente segundo uma normatividade científica geral e uma medicina do sexo obediente a regras de origens inteiramente diversas.” (FOUCAULT, 2019a, p. 61).

Se Mead (2015), ao estudar tribos *Arapesh*, *Mundugumor* e *Tchambuli*, revela não haver, para essas sociedades, uma preocupação excessiva com o sexo, e por consequência, com o gênero e com a sexualidade, para a autora, na sociedade ocidental ainda “Persiste entretanto o problema da origem dessas diferenças socialmente padronizadas” (MEAD, 2015, p. 269). Connell (2005) consegue estabelecer uma linha de raciocínio mais promissora no que diz respeito à origem da dominação masculina. Para a australiana, a hegemonia dos homens nas sociedades ocidentais cresce aliada ao desenvolvimento e expansão do capitalismo, bem como com o fortalecimento de uma ética cristã que vai pensar diretamente questões relacionadas à gestão do casamento e da família nuclear, assim, “O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo” (FOUCAULT, 2019a, p. 7).

No ensaio *Pensando o sexo*, a antropóloga estadunidense Gayle Rubin (2017) propõe que uma das explicações para a origem dos conflitos contemporâneos acerca de tópicos como gênero e sexualidade, são as disputas religiosas de séculos anteriores. Ou seja, as marcas da moralidade nas práticas médicas e jurídicas (entre outras categorias), são, fundamentalmente, produtoras das campanhas antigay que se expressam não apenas a nível cultural, como também econômico e político. Assim como Butler, Rubin defende que a sexualidade é histórica e que é preciso analisar políticas de gênero como entidades culturais e não meramente biológicas. Essa cultura estaria baseada no sistema de sexo/gênero⁴³, conceito utilizado pela antropóloga para argumentar que as sociedades ocidentais classificam corpos em sexos e lhes atribuem papéis sociais, bem como distribuem-lhes e direcionam para onde devem apontar os seus desejos sexuais.

Rubin (2017) aponta ainda que o comportamento homossexual sempre esteve presente nas sociedades humanas, mas a depender de nuances culturais, temporais e políticas, eram incentivados ou tolhidos. Para a autora, as famílias exercem um papel fundamental no processo de conformação sexual. Ou seja, as pedagogias familiares são essenciais para a adequação dos sujeitos às normas heterossexistas. E, se estamos falando sobre famílias, relembro mais uma vez da recorrência da aparição desta instituição disciplinar na fala dos meus entrevistados.

A seguir, analisarei alguns dos resultados do impacto da invasão colonial para a produção de diferentes tipos de masculinidades na América Latina. Meu principal argumento é o de que os estudos latino-americanos de masculinidades, assim como os de gênero como um todo, não podem deixar de levar em consideração a invasão colonial como produtora de um novo sistema de organização das relações de gênero e das raças (SEGATO, 2021; VIGOYA, 2018).

O pensamento pós-colonial, enquanto uma perspectiva de preocupação com a identidade dos sujeitos, reconhece que os processos de invasão colonial possuem significância global, não por possuírem um caráter universal e uniforme, mas por serem deslocados de lugar a lugar (HALL, 2003). Em outras palavras: os efeitos da colonização não são homogêneos e iguais em diferentes sociedades e pontos geográficos, mas são sempre marcados por deslocamentos dos sujeitos e caracterizados por movimentos dinâmicos particulares que têm a capacidade assegurar a formação da estrutura capitalista do dito “mundo moderno”, sendo esse marcado pelo domínio da natureza pela ciência (MAIZZA, 2017a). Nesse sentido, a

⁴³ Segundo Hamlin (2011), a noção do sistema de sexo/gênero de Rubin (2017) é, de certa maneira, uma vinculação de comportamentos a anatomias específicas. Para a socióloga, Butler (2019b) faz um deslocamento dessa compreensão, considerando tanto o sexo quanto o gênero artificiais.

“modernidade” refere-se àquelas ideias associadas à laicidade e à racionalidade (QUIJANO, 2005). Levando em consideração o processo colonial nas Américas, a ideia de modernidade descreve não apenas o indivíduo em sua subjetividade racional, mas um modo de produção material que inaugura as divisões sociais em termos de raça, classe, gênero e sexualidade que foram importadas da Europa.

O pós-colonial seria então, na perspectiva de Stuart Hall (2003), uma ferramenta fundamental para descrever a mudança que ocorre nas relações globais a partir da transição histórica que o autor localiza como o fim da “era dos impérios”. O termo “pós-colonial” se refere ao fim do grande período das colonizações (século XVI a XVIII), momento em que, assim como em seu início, é marcado por diversas mudanças tanto para colonizador, quanto para colonizado. De certo, a pergunta “qual a origem do sujeito?” leva à descoberta de um mundo ferido pela invasão colonial, colonizador e colonizado possuem um problema de identidade, questão que tem como consequência a ocorrência de uma crise dos seus modos particulares de compreensão de mundo.

O surgimento da crítica pós-colonial está ligado à emergência e ao fortalecimento dos discursos de minorias marginalizadas nos contextos geopolíticos do chamado “Terceiro Mundo”, rejeitando a estrutura binária que coloca esse em relação de dependência com o “Primeiro Mundo” (BHABHA, 1998). O papel dessa crítica é o de dar voz às reivindicações das pessoas subalternizadas em prol da produção do conhecimento aliada à perspectiva dos que mais sofrem através da denúncia das contingências históricas daquilo que o crítico se refere como sendo uma “história hegemônica”, sendo essa substituída pelos discursos da diferença cultural. A pós-colonialidade se propõe pensar as identidades culturais e políticas como um conjunto constituído em, e a partir de, processos de alteridade.

A crítica de Ramón Grosfoguel (2008) à chamada pós-colonialidade envolve o não reconhecimento que o autor tem de uma perspectiva que seja completamente o “pós” do sistema colonial, visto que este ainda se mostra presente, perpetuando suas violências. Para o pensador, o que chegou às américas não foi apenas o sistema capitalista, mas uma estrutura de poder com ordenamentos complexos de raça, gênero, sexualidade e classe. Nesse sentido, o autor propõe que a perspectiva “descolonial” poderia ser mais promissora, já que em sua proposta encontra-se um cânone de estudos e teorias mais amplo que os focados no Ocidente, e feitos a partir dele.

A perspectiva da decolonialidade (SEGATO, 2021) entende o mundo como um “local” pluriversal por fazer conexões complexas entre diferentes culturas, histórias e contextos políticos e econômicos. Por isso, reconhece que chamada decolonialidade também parece ser um pouco ingênua em relação ao poder colonial, visto que assim como o pós-colonial, parece

querer deixar para fora, ou se desapegar (prefixo -des) dos efeitos do poder colonial. Diante disso, na esteira de feministas latinoamericanas, esse trabalho se orienta a partir da perspectiva da decolonialidade, noção que parece mais assertiva e ampla na tentativa de achar brechas nas estruturas coloniais para se opor à colonialidade do poder que ainda opera.

Por outro lado, cabe fazer notar que o conceito de pós-colonialidade seria uma maneira de pensar a fundamental mudança que as relações estabelecidas durante o colonial trouxeram para as sociedades colonizadas e para as colonizadoras. É importante salientar que não é uma maneira de “perceber” o processo colonial como finalizado, como se o “pós” fizesse menção ao fim de uma era que se encerrou sem consequências. Mas trata justamente da leitura da colonização como um processo global e pretende reescrever, de maneira diaspórica, as narrativas colonizadoras. De certo, a intrusão colonial afetou as masculinidades brasileiras assim como veremos adiante, mas como houve a mudança e a distinta relação entre colonizadores e colonizados, especialmente se tratando dos homens envolvidos nesse processo?

Desde Oyèwùmí (2021), entendemos que além de material, o gênero como uma invasão linguística, hierarquia que Grosfoguel (2008) estabelece como inescapável no sistema colonial. Na perspectiva da teórica transfeminista Viviane Simakawa (2020), a linguagem ocupa uma posição central nas relações de saber e poder, e portanto, o papel das perspectivas decoloniais seria o de transformar os engendramentos linguísticos, para assumir assim, um caráter político indispensável. A autora concebe o gênero como uma categoria analítica, na qual as identidades de gênero se sedimentam nas “fronteiras e nos processos subjetivos que envolvem a autopercepção e performatividade do corpo” (SIMAKAWA, 2020, p. 461) e destaca ainda que questões materiais “trazem elementos e demandas políticas específicas e inseridas nesses marcos 'civilizatórios' contemporâneos” (SIMAKAWA, 2020, p. 461).

Simakawa questiona a dicotomia natureza/cultura, por considerá-la um instrumento colonial, já que o ocidente se considera iluminado culturalmente, se afastando na “natureza” de povos orientais. É imprescindível “compreender como a própria constituição desses termos [natureza e cultura] é instrumentalizada para 'naturalizar', para invisibilizar e justificar as brutalidades das expropriações colonialistas” (SIMAKAWA, 2020, p. 462). No centro do debate decolonial sobre as estruturas de gênero está a crítica às estruturas patriarcais importadas do colonizador.

O patriarcado, ao modo como muitas autoras feministas do Norte têm colocado há algumas décadas, parece ser, pelo menos: 1) um conceito teórico para se referir a uma estrutura histórica e não-universal de dominação que precisa ser analisada a partir da sua própria contingência (BUTLER, 2019b); 2) uma política que cria as condições econômicas, sociais e

culturais para que causa a dependência financeira e a exploração da própria força de trabalho das mulheres em relação aos homens (FEDERICI, 2017); 3) um termo para descrever a dominação masculina que resulta na subordinação feminina (SCOTT, 1995). Mesmo com diferentes abordagens teórico metodológicas, as três autoras parecem reconhecer, cada uma à sua própria maneira, que o patriarcado é fundamentalmente uma situação histórica.

Pensando com autoras da América Latina, é possível entender que, apesar de uma situação histórica e contingencial, as relações de gênero são profundamente alteradas pela intrusão colonial. Desse modo, o patriarcado invasor se afirma a partir da criação de Outros, ou seja, por processos de alteridade (BHABHA, 1998).

Rita Laura Segato (2012, p. 106) relata a importância de procurar “onde estão sendo abertas as fissuras que avançam, hoje, desarticulando a colonialidade do poder”. Indo mais a fundo, a autora provoca a pensar o papel que as relações de gênero exercem nesse processo de invasão colonial. Tendo em mente que as relações de gênero são processos constituídos de maneira histórica e, inevitavelmente, transformados, modificados e igualmente invadidos pelo(s) processo(s) de intrusão colonial, é preciso analisar de que maneira o mundo-Estado (SEGATO, 2021) e suas instituições ainda cristalizam continuamente disparidades binárias entre os gêneros.

A antropóloga argentina propõe que o pânico moral que assola a América Latina em torno da chamada ideologia de gênero, e a profunda ênfase na defesa da família tradicional, fazem parte de um projeto histórico e político no qual o(s) gênero(s) é(são) uma categoria central para pensar os ordenamentos ideológicos que atuam na articulação do mandamento do patriarcado. Assim, “longe de ser residual, minoritária e marginal, a questão do gênero — a ordem patriarcal — é a pedra angular e o centro de gravidade do edifício de todos os poderes”⁴⁴ (SEGATO, 2018, p. 212). Trocando em miúdos, o patriarcado, no sentido trabalhado por autoras feministas decoloniais latinoamericanas como Rita Segato, é como um “sistema de subordinação das mulheres baseado nas relações econômicas” (VIGOYA, 2018, p. 40).

E esse é um ponto de salto fundamental para pensar o que estou chamando de masculinidade bicha a partir do material que foi coletado para o corpus desta pesquisa: é uma forma de masculinidade que é, fundamentalmente, oposta ao sistema de patriarcado apresentado para os próprios sujeitos em questão. Isso não significa que os sujeitos entrevistados não participem de sistemas patriarcais, mas que eles estão invertendo a própria lógica da

⁴⁴ Tradução livre de “lejos de ser residual, minoritaria y marginal, la cuestión de género - el orden patriarcal - es la piedra angular y centro de gravedad del edificio de todos los poderes”.

patriarcalidade que lhes foi imposta ao deslocarem suas auto imagens do sistema de sexo/gênero masculino apresentado a esses sujeitos primordialmente pela instituição disciplinar da família, protagonizada pela figura do pai.

O projeto da marcha descolonial seria construído a partir da interpelação de sujeitos que agora possuem a possibilidade de existir como plenamente históricos (SEGATO, 2012). A proposta de leitura da modernidade pós-colonial feita por Segato é através dos estudos das relações de gênero. Essa incursão epistemológica pretende fazer notar que as diferenças observadas nos arranjos de gênero entre o mundo invadido/colonizado e o mundo invasor/colonizador revelam “o contraste entre seus respectivos padrões de vida em geral, em todos os âmbitos e não somente no âmbito do gênero” (SEGATO, 2012, p. 115).

Este caminho teórico não está preocupado em simplesmente falar da relevância do gênero nos processos colonizatórios, mas em encarar o gênero a partir de uma perspectiva que pode revelá-lo como uma categoria central nos processos de transformação proporcionados pela invasão colonizatória. Isso porque a invasão colonial produziu uma ilusão de continuidade em tais relações de gênero, quando na verdade transformou seus significados a partir da intrusão.

Considere-se ainda que “tanto a raça como o gênero, apesar de haverem sido instalados por rupturas epistêmicas que fundaram novos tempos — o da colonialidade para a raça e o da espécie para o gênero” (SEGATO, 2012, p. 116). De maneira similar, Oliveira (2018) aponta que raça e sexualidade se entrecruzam para produzir justificativas de vigilância para os corpos das bichas.

Para entender os esquemas pelos quais opera o patriarcado⁴⁵, adiciono uma chave central, que pude começar a reconhecer a partir da leitura de Joan Scott (1995). Na revisão que a historiadora estadunidense faz de algumas teóricas feministas, o patriarcado dominador funciona, pelo menos, de duas formas.

A primeira seria a partir da subordinação compulsória das mulheres, em grande parte explorando-as através do controle do seu trabalho reprodutivo, e nessa linha de pensamento, “a libertação viria das transformações na tecnologia da reprodução que poderiam, num futuro não

⁴⁵ O que entendo como teoria tradicional do patriarcado são as propostas de análise feitas a partir de uma perspectiva feminista branca que, como descreveu Lugones (2007, p. 187) analisam o patriarcado como uma “formação de gênero binária, hierárquica e opressiva que se apoia na supremacia masculina sem um claro entendimento dos mecanismos pelos quais não é possível entender a heterossexualidade, o capitalismo e a classificação racial de maneira separada” (tradução livre). Em termos mais sucintos, é uma interpretação do patriarcado por uma compreensão universalista das relações de gênero. Lugones (2007, p. 190) tenta destacar, portanto, a materialidade histórica das relações de gênero para além de chaves de leitura superficiais e universalizantes: “arranjos de gênero não precisam ser heterossexuais ou patriarcais. Eles precisam ser, de fato, uma questão de história” (tradução livre). Como questão de história, tais arranjos estão implicados em relações políticas, culturais e econômicas.

demasiadamente longínquo, eliminar a necessidade dos corpos femininos como agentes da reprodução da espécie” (SCOTT, 1995, p. 77). A segunda forma seria a partir do controle do prazer sexual, perspectiva que diz respeito à constante objetificação dos corpos femininos. As duas lentes para a situação patriarcal operam em conjunto: o patriarcado baseia grande parte de sua força na ordenação de usos da sexualidade, seja tratando da reprodução, seja da liberdade sexual.

Segato (2012, p. 122) propõe que “O gênero, assim regulado, constitui no mundo-aldeia uma dualidade hierárquica, na qual ambos os termos que a compõem, apesar de sua desigualdade, têm plenitude ontológica e política”. Nesse sentido, a autora faz ainda uma importante distinção entre dualidade e binarismo, sendo o último um conceito-chave para os feminismos e para a teoria queer: “Enquanto na dualidade a relação é de complementaridade, a relação binária é suplementar, um termo suplementa o outro, e não o complementa” (SEGATO, 2012, p. 122). O lógica binária destaca a constante diferença e suplementação de figuras: hétero e não hétero, branco e não branco, colono e colonizado, homem e bicha, etc.

Em tempo: “A estrutura dual é uma estrutura de dois, enquanto a estrutura binária é uma matriz de “um” e seus outros” (SEGATO, 2021, p. 108). Tal binarismo é lido por Lugones (2007) como fundamental para sustentação da colonialidade. Com a intervenção histórica da colonialidade surgem, como propôs Oyěwùmí (2021), dois tipos específicos de sujeitos surgem: o colono e o colonizado. Com a leitura de María Lugones, podemos argumentar que, mais do que isto, a colonialidade cria uma concepção específica de humanidade. Assim, as massas populacionais passam a ser divididas em grupos binários e suplementares: “superior e inferior, racional e irracional, primitivo⁴⁶ e civilizado, tradicional e moderno” (LUGONES, 2007, p. 192).

Uma importante característica das relações de gênero pós-invasão colonial é levantada por Lugones (2007). Para a socióloga, o gênero pós-invasão não é uma estrutura copiada da Europa, mas uma condição nova, ou um novo sistema de gênero novos não apenas para os povos colonizados, mas também para os brancos colonizadores. Assim, com a invasão colonial, o gênero não apenas se converte em muitos gêneros, como se torna um marcador capaz de estruturar o “novo mundo” em termos de sexualidade, raça e classe, impactando as sociedades pré-invasão e plantando as raízes de uma masculinidade destrutiva, explorativista e dominadora.

⁴⁶ Aqui, primitivo se refere a um contexto evolutivo das espécies. Mas, o termo ainda é utilizado nos dias atuais para se referir de forma racista a sociedades indígenas.

Nas palavras de Lugones (2007, p. 186) o gênero é “[um] modo de organização das relações de produção, relações de propriedade, das cosmologias e maneiras de saber⁴⁷”. Sendo assim, a análise das relações de gênero deve seguir um caráter histórico que compreenda o patriarcado heterossexista a partir da colonialidade do poder⁴⁸ (LUGONES, 2007). Ou seja, a heterossexualidade tem seu caráter expandido: mostra nunca ter sido apenas uma força normativa para ganhar um caráter perverso de protagonismo nos cis-temas coloniais de poder do gênero moderno.

Como proposto por Letícia Nascimento (2021, p.162), “as construções socioculturais no Brasil, na América Latina e no Caribe produziram uma série de hierarquizações sociais que traçaram uma linha entre o humano e o não humano”. Existe, portanto, a construção de uma diferenciação social (homem/mulher) baseada na distinção anatômica (biopênis/biovagina). Essa organização foi fundamental para o processo colonizador e se baseia na superioridade masculina em relação ao desprezo por tudo que é feminino (NASCIMENTO, 2021). Por fim, “A colonialidade de gênero também irá produzir efeitos sobre aquelas corporalidades que não encontram consonância com a ideia normativa de homem e mulher numa ótica binária de gênero” (NASCIMENTO, 2021, p. 163). Tais diferenças de corporalidade tornam as relações de gênero mais complexas; classe e raça são fundamentais para pensar a categoria bicha.

ARIEL:

confrontando uma bicha periférica com uma bicha de classe média, o que elas não gostam entre si, e eu sei sinto porque eu vejo o encontro [dessas realidades] anualmente no meu aniversário, a periférica, ao mesmo tempo que nunca se viu podada a performar sua masculinidade, mesmo vivenciando vários problemas pela força evangélica na periferia, ou muita dessas pessoas tenham sido expulsas de casa e não têm acesso à renda, a única coisa que elas podem se agarrar é às suas identidades. E eu acho que quando existe esse confronto, tem uma questão racial da parte das pessoas de classe média que não querem se aproximar das bichas pretas, por exemplo. Isso cria “síndrome de mariconas” na [bicha da] classe média porque ela busca performar uma feminilidade muito mais higienizada, pra que elas não se assemelhem às “bichas cabelo Rihanna”⁴⁹ porque aquelas ali as bichas de classe média não querem ser, já que elas [as bichas cabelo Rihanna] fazem parte de um grupo pobre, de um grupo preto.

⁴⁷ Tradução livre de “[a] mode of organization of relations of production, property relations, of cosmologies and ways of knowing”.

⁴⁸ A compreensão de colonialidade do poder de Lugones (2007) é feita a partir de sua leitura da obra de Aníbal Quijano. Isso significa que a socióloga entende que a colonialidade do poder é fruto da invenção da ideia de “raça” como um conceito biológico para justificar relações de poder que resultam na dominação dos povos brancos e consequente subordinação dos povos racializados. Esta é uma forma de compreender divisões sociais globais em termos de identidades geo-culturais e políticas. Contudo, cabe destacar que, na perspectiva da autora, *colonialidade* não se limita a classificações raciais. Antes, é um fenômeno que é “um dos eixos do sistema de poder e portanto permeia todo controle de acesso sexual, autoridade coletiva, trabalho, subjetividade/intersubjetividade e a produção de conhecimento que advém de tais relações intersubjetivas” (LUGONES, 2007, p. 191).

⁴⁹ Referência à franja lisa que a cantora Rihanna usava durante a divulgação do álbum *Rated R*.

A partir da fala de Ariel, é oportuno discutir algumas perspectivas de classe e retomar um debate já realizado sobre algumas cisões internas entre as próprias bichas. Como falei anteriormente existe uma anedota particularmente interessante que me foi relatada por Beto sobre o que seria uma bolha social em seu ambiente de trabalho, neste caso, a ideia se revelou presumidamente uma separação entre o que seriam *clusters* heterossexuais e sua perspectiva *outsider* enquanto homem, homossexual e bicha. Aqui, com Ariel, há uma apresentação de outra realidade: o racismo e o classismo entre as bichas – que obiamente são marcas da colonialidade. O fato de que as bichas brancas e de classe média, moradoras das zonas mais nobres da cidade sentem um desconforto ao se relacionar com outras bichas, desta vez pretas e periféricas, anualmente durante a festa de aniversário de Ariel nos mostra que a ideia de bolha nesse contexto se revela como uma divisão social muito bem demarcada em termos de classe, raça e até mesmo expressão de gênero.

Isso porque na fala aparece ainda a ideia de que a bicha de classe média, de alguma forma, higieniza a sua feminilidade, enquanto as periféricas podem assumir o seu “cabelo Rihanna”. Quando essa questão aparece no discurso, é possível mais uma vez retomar o debate que iniciei, a partir de relatos do próprio Ariel, sobre como as bichas de classes mais altas, por poderem acessar espaços de poder com mais facilidade, também podem aderir às mais diversas normatividades sem peso na consciência. Outrora, essa questão veio à tona quando debatemos sobre o mercado de trabalho e certos pudores que os sujeitos bicha precisavam ter para acessar determinadas posições; nesse momento, a questão volta a partir de um exemplo de “choque de classes” testemunhado por uma pessoa que, de alguma forma, é espectador desses “dois mundos”.

A consolidação dos esquemas de gênero, sexualidade e raça europeus como normas sociais se deu, em grande parte, pela sua fantasia de “naturalidade”. Em outras palavras: o empreendimento colonial de gênero, sexualidade e raça trata como “natural”, “dado”, “inevitável”, aquilo que na verdade é histórico, cultural e contingente. Dessa forma aconteceu com as masculinidades na América Latina: a hegemonia se construiu de tal forma, e se não fosse assim, não seria considerado hegemônico, que ocorreu um processo de naturalização das masculinidades. “Parecer natural e não construído” seria um possível *slogan* desse projeto histórico.

As teorias latinoamericanas que abordam o grande tema das masculinidades devem levar em consideração o seguinte processo: homens (e em menor grau, mulheres) europeus vieram para a colônia e não apenas importaram seus modelos de relação de gênero, mas criaram

um novo sistema relacional que se baseia na dominação de grupos abjetos. Assim, pessoas não-brancas e dissidentes do sistema normatizador de gênero e sexualidade se tornaram párias de um projeto de extermínio.

Penso que, enquanto pesquisador, não posso tomar “homem” como um fato dado e universal ou como uma posição fixa, trata-se de uma performance que pode ser reificada de outras formas que não a hegemônica. Não é possível pensar em uma masculinidade hegemônica brasileira sem levar em consideração: 1) as relações de dominação que tais homens mantêm com as mulheres, incluindo os diferentes processos de racialização que este grande grupo contém⁵⁰; 2) as relações de violência que tais homens mantêm com outros homens de diferentes raças (negros, indígenas, entre outros); as relações de brutalidade que envolvem dissidências sexuais e de gênero de modo geral⁵¹; 3) as relações entre os homens dominantes e homens homossexuais que ocupam posições subalternas⁵², como é o caso da bicha; 4) as relações complexas entre os próprios homens homossexuais:

ARIEL:

enquanto uma pessoa de classe média, sei que eu e as pessoas que compartilham da minha realidade, estamos tentando chegar perto de “aceitação”, essas outras pessoas estão lutando pelo acesso ao ensino superior, a empregos formais, enfim. Pelo menos essa era a curva de ascensão econômica do país. Acho que psicologicamente falando quem sofre mais é essa bicha da periferia, porque ela é colocada em segundo plano mais vezes pela sociedade. Acho que inclusive a bicha de classe média pode ser racista e classista.

Na fala, apesar de Ariel reconhecer que acredita que, dentre as bichas, quem mais sofre é a preta, em um outro momento do seu discurso, relata que na periferia ocorre mais permissão para ser afeminado. De qualquer forma, em todo seu discurso coletado para o corpus, percebemos o lugar de extrema contradição ocupado pela própria experiência de ser bicha, especialmente quando considerarmos que estamos tratando de ideias deslocadas: enquanto sociedade, ansiamos pela ideia do que pode ser moderno, mas não resolvemos os fantasmas remanescentes da experiência colonial. Disso resulta que a experiência bicha é,

⁵⁰ Longe de um pretensão universalismo, aprendemos desde Oyěwùmí (2021), Segato (2018 e 2021) e Lugones (2007) e de forma geral, do feminismo *queer* e negro de terceira onda, que é problemático considerar *mulher* o sujeito político das políticas de liberação feministas. Isto acontece porque tal significante, quando não atravessado por outros marcadores da diferença, deixa de considerar outras posições marcadas pela subalternidade.

⁵¹ Coloco aqui, “dissidências sexuais e de gênero” como um termo guarda-chuva para dar conta de questões que hoje englobamos na sigla LGBTQIA+. Desenvolvo mais a fundo as questões do recorte específico desta pesquisa, a homossexualidade masculina.

⁵² Utilizo a questão da subalternidade aqui em referência ao que Connell (2005) chama de masculinidade subalterna, mas durante a pesquisa, faço reflexões mais aprofundadas sobre a maneira como os estudos das masculinidades podem fornecer uma rede epistêmica de entendimento das diferentes relações dos homens (gays ou não) em relação à identidade homossexual.

fundamentalmente, difusa e complicada de se apreender em termos simplistas. Ao passo que as vivências comuns pareciam ser notáveis no início da pesquisa (homossexualidade, performance de feminilidades, etc), ao chegarmos mais perto dos aprendizados finais, é possível compreender que a própria formação das ideias de masculinidades no Brasil criou tantas contradições especialmente em termos de classe, raça, idade, regionalidade, sexualidade (entre outros), que para apreender todas essas categorizações, é necessário continuar (ou começar) a fomentar pesquisas na área.

As masculinidades na América Latina são marcadas por experiências distintas, criadas em consequência da cor da pele ou da classe social, além das relações com gênero e sexualidade com os quais o indivíduo masculino desenvolve. A constante marcação e criação de Outros promoveu ao longo dos séculos um amplo sistema de dominação sexual e racista, além de formar homens caçadores das dissidências de gênero e sexualidade.

A chegada do esquema colonial de gênero provocou uma profunda mudança nos sistemas de patriarcado já existentes na América do Sul. Assim, uma ficção que busca trazer à existência “homens” e “mulheres” começou a ser implantada. Esses atos, antes mesmo de serem performativos, são originados na violência que provocou a expropriação dos povos originários e a perda da sua jurisdição. Federici (2017) analisa que a chegada dos cristãos às Américas provocou uma profunda mudança nos costumes das populações indígenas, inclusive pela introdução de conceitos como “poligamia” e “homossexualidade” (à época, “sodomia”), que não faziam parte do vocabulário dessas populações.

A filósofa ainda chama atenção para o fato de que com a intrusão colonial, “colocou-se em marcha uma máquina ideológica que, complementando a máquina militar, retratava os colonizados como seres “imundos” e demoníacos” (FEDERICI, 2017, p. 386). Alguns dos argumentos para se referir à “imundície” dos povos nativos davam conta de noções relativas ao “incesto”, ao chamado “travestismo” e à já comentada sodomia.

Os movimentos feministas vêm perturbar essa inquestionabilidade da categoria “gênero”, mas é só no feminismo do Sul, no feminismo negro, no feminismo decolonial e no feminismo *queer* que encontramos em evidência uma análise do gênero como uma ficção. Como um produto turvo, que é vendido como real e assimilado como verdadeiro, e portanto continua a ser produzido de novo e de novo, de maneira quase que automática até que encontra suas próprias fissuras nas dissidências, ou em sociedades para as quais o gênero não é algo relevante.

Com a chegada dessas relações de gênero no Brasil e, mais do que isso, com a chegada do modelo europeu de masculinidade a partir dos homens que vieram para cá, abriu-se uma

fissura pelo inevitável confronto racial e sexual. A importação de um ideal masculino para a sociedade brasileira à maneira como a reprodução da masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005) é mobilizada não foi possível. Assim, outras masculinidades, como as de homens não-brancos, não-cis, não-héteros, não-ricos, foram relegadas a uma posição subalterna, marginalizada e explorada.

4.3 APRENDIZADOS

Durante o presente capítulo, explorei as principais ideias que resultam no mito da naturalidade do comportamento masculino, questão que muitas vezes se refere à ideia de masculinidade hegemônica ou normativa. Revisei algumas correntes teóricas que buscam recompor uma história do que significa ser homem para o nosso mundo ocidental. Na empreitada, exploramos alguns acontecimentos historiográficos que remontam a nossa compreensão de gênero desde meados do século XVI até os dias atuais, fazendo uma análise mais complexa do momento das invasões colonizadoras nas Américas e discutindo de que modo estas impactaram na formação das ideias que temos de masculinidade, especialmente quando essa categoria se relaciona com outras, como raça ou classe social. Dentre os principais aprendizados deste último capítulo teórico e analítico da dissertação, destaco dois: os debates feitos sobre a família como instituição disciplinar (especialmente a partir da figura paterna) e as discussões sobre classe social.

Foi recorrente perceber nas falas dos entrevistados o entendimento de que a família ocupa um papel central nas identificações de masculinidade reguladora que estes vêm a ter e que a ideia de paternidade possui um protagonismo particular e muito interessante nessa compreensão. O pai é, para os entrevistados, o primeiro homem das suas vidas e isso parece ter um impacto fundamental não apenas na ideia que eles vêm a desenvolver, ao longo dos anos, do que significa ser homem, como também aponta para a forma como buscam se afastar dessa ideia, visto que ela lhes foi apresentada de maneira particularmente violenta, especialmente no quesito da repressão às suas expressões de gênero dissidentes e também às suas sexualidades marginalizadas.

Nesse sentido, a figura do pai aparece como aquilo que os entrevistados não querem ser enquanto homens, e por isso tem total desinteresse em reproduzir as normas de masculinidade que lhes foram impostas ao longo das suas vidas a partir dessa figura. A família é o primeiro organismo de uma sociedade e o primeiro espaço de socialização de um indivíduo; sendo assim, é a instituição disciplinar que ensina à criança o que significa fazer gênero. Não à toa, as

políticas familiaristas e heterossexistas são alguns dos maiores enfrentamentos morais para o avanço das pautas LGBTQIA+.

O pai aparece, nos discursos coletados para o corpus, como uma figura violenta, e talvez essa seja a principal atribuição de masculinidade que os entrevistados reconhecem ao falar sobre suas experiências. Longe de ser sublimado, esse trauma parece ainda operar em suas vidas quando, em espaços majoritariamente frequentados por heterossexuais, esses sujeitos relatam ter de se conter mais do que em outros locais.

A classe também é um marcador central para a análise da masculinidade bicha porque, juntamente com a raça, pulveriza a ideia de que poderíamos fazer uma análise desses sujeitos sem levar em consideração estes dois fatores fundamentais que estruturam a sociedade brasileira. O encontro de classes em ambientes específicos se revelou uma grande questão, relatada a partir dos desconfortos que gera e a ideia de que ser uma bicha higienizada, ou seja, menos feminina, pode levar determinadas pessoas a alcançar posições de trabalho mais valorizadas no mercado tradicional, revelam que diversos traumas da invasão colonial ainda são palpáveis e possuem uma materialidade latente nas relações construídas (ou não) em nossa sociedade.

5 CONCLUSÃO: Sobre pensamentos monstruosos

Sintetizo agora os aprendizados coletados (até o momento) do trabalho e logo após adiciono as minhas reflexões pessoais sobre o processo de escrita da dissertação, seus desafios e potencialidades futuras. Foi recorrente perceber nas falas dos entrevistados o entendimento de que a família ocupa um papel central nas identificações de masculinidade reguladora que estes vêm a ter e que a ideia de paternidade possui um protagonismo particular e muito interessante nessa compreensão. Destaco, para esses aprendizados fundamentais, as três principais instituições disciplinares que surgiram nos discursos-bicha: a escola, a família e o trabalho.

Existe uma centralidade nos relatos de que a experiência escolar ocasionou a insurgência de um trauma nas bichas em questão. Isso porque práticas de bullying foram recorrentes, visto que os sujeitos entrevistados relatam possuir traços de feminilidade desde crianças e isso lhes ocasionou alguns problemas com outros meninos que viam nas bichas a oportunidade de extravasar o ódio às feminilidades ou à homossexualidade que aprenderam em outros ambientes.

A figura paterna foi fundamental para compreender o modo como os sujeitos que entrevistei podem compor uma imagem de si a partir do que entendem como masculinidade. O pai foi o primeiro homem que conheceram e pude concluir que isso é de suma importância para eles. Em primeiro lugar porque lhes apresenta a ideia do que pode significar ser homem, assim como aponta a forma como estes indivíduos buscam recompor sua compreensão de masculinidade de outras formas.

Por último, aponto que a classe também é um marcador central para a análise da realizada porque nos ajuda a localizar as diferenças sociais possíveis dentro de um espectro que, a partir das primeiras ideias do trabalho, parecia ter mais semelhanças que diferenças. Desse modo, classe, raça e mobilidade de classe adicionam variáveis fundamentais para entender as diferenças nas particularidades dos homens bichas brasileiros. Um local narrativo no qual o trabalho se revelou central para a análise da masculinidade bicha é quando os sujeitos revelam precisar se conter para obter mais aceitação.

O “fim” do trabalho começa, então, pelo seu início: a(s) masculinidade(s) bicha. Ou seja, a capacidade que homens homossexuais brasileiros têm de expressar, performar e materializar feminilidades sem deixar pertencer a uma identidade masculina, masculinidades representando uma rota de fuga decolonial à ordem hegemônica do masculino. Destaco alguns pontos fundamentais da investigação: a masculinidade bicha 1) não se compromete de maneira

normativa e/ou exclusiva com o masculino hegemônico; 2) trata de homens homossexuais que se identificam como bichas; 3) não é uma identidade de gênero, mas uma forma de descrever e analisar as negociações que homens homossexuais femininos estabelecem com as normas de gênero e das masculinidades dentro do contexto brasileiro; 4) é uma prática sociodiscursiva na qual ocorre uma desestabilização de sujeitos masculinos que, desinteressados em participar da ordem hegemônica que os expulsa, realizam um jogo identitário e adotam uma nova posição no discurso; 5) dá conta de homens que produzem suas masculinidades ao se reconhecerem no espectro da bicha, uma figura que, como o próprio nome no feminino sugere, exercita uma posição masculina em diálogo com elementos não hegemônicos.

Esses entendimentos me permitem analisar, mais uma vez, o feminino (e por consequência, o masculino) como atributos, e não como essência. Diferencio as duas questões começando pela segunda: a essência diz respeito às suspeitas que determinadas suposições me levantam acerca da naturalidade de comportamentos inscritos em contextos históricos, sociais e culturais específicos. Essência é aquilo que é central na composição de um sujeito, ou uma determinada qualidade sua. O atributo é gradualmente adquirido e pode ser utilizado de diferentes formas, em diferentes contextos. Na análise que realizei, pude discutir que gênero não é essência — central e natural; mas um atributo em atividade, pulsão e constante transição que adquire significados diferentes quando deslocados os sujeitos e contextos de análise.

As masculinidades bicha confundem as fronteiras tradicionais do masculino a partir das quais a ideia de ser homem é territorializada sob uma performance e uma materialidade específicas que dizem respeito a um ideal normativo, hegemônico e universal. A partir dessa compreensão, é possível, em estudos futuros, também, apostar que processos de desidentificação com a norma abram os caminhos para o mundo utópico e sem gênero (ou que este tenha uma importância normativa, jurídica e psiquiátrica reduzida) com o qual Donna Haraway sonhou em seu texto ciborgue.

Acerca de “conclusões” sobre o campo teórico trabalhado: ao longo da imersão no campo de estudos das masculinidades percebi, com notável ênfase desde a evidência do trabalho de Raewyn Connell, que as diversas negociações que o masculino estabelece, em suas mais distintas características e atores podem ser enquadradas em diferentes posições, sob diferentes termos (hegemônica, marginalizada, subalterna, cúmplice...). É notável o pioneirismo de Connell e o seu protagonismo no campo de estudos da masculinidade, mas essa área do conhecimento ainda não possui tanta notoriedade, mesmo dentro dos estudos de gênero, quanto poderia ter.

O próprio livro *Masculinities*, obra seminal para os estudos dos homens ainda não possui uma edição brasileira, mesmo já tendo se passado 3 décadas desde o seu lançamento. Justamente pela falta de investimento (financeiro, institucional e intelectual) no campo, durante o processo de levantamento e seleção bibliográfica a parte mais delicada foi a de achar referências atualizadas, pertinentes e contemporâneas sobre os estudos das masculinidades. Posso dizer, inclusive, que essa foi uma das conclusões e pesquisa: existem poucos materiais sobre o estudo das masculinidades e já existe um atraso latente na produção de mais investigações para esse campo do conhecimento, especialmente com foco no contexto brasileiro. A falta de produção notada não trata apenas da inexistência de tradução de textos importantes, mas também da ausência de estímulo a produções que tratam das questões das masculinas.

Mesmo quando é possível encontrar pesquisas sobre o tema, de alguma forma ainda há um foco excessivo nas relações de dominação, e especialmente no papel do dominador. Não acredito que isso seja necessariamente um problema, apenas aponto que é possível escrever e relatar vivências subalternas e marginalizadas dando protagonismo e voz para pessoas que estão apenas esperando a oportunidade de contar suas histórias. Nesse sentido, durante a presente pesquisa, procurei perguntar de que maneira as feminilidades masculinas brasileiras, ou seja, aquelas que se colocam numa posição contra normativa, às quais me referi por meio do termo masculinidade(s) bicha, estabelecem relações com outros atores masculinos e com o sistema de gênero brasileiro. Acredito que seja importante deslocar os estudos das masculinidades da lógica da dominação. Obviamente homens dominam, violentam, trucidam, mas eles também fazem isso com outros homens e seria interessante pensar novas produções de conhecimento a partir do ponto de vista subalterno.

A realização desta investigação no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos foi fundamental para levar a cabo as ideias que eu tinha. Dispensando falar sobre a obviedade do meu tema de pesquisa tratar de pessoas marginalizadas e figuras subalternas na sociedade brasileira, cito três razões principais pelas quais acredito ter realizado a pesquisa no programa ideal.

Em primeiro lugar, trata-se de um trabalho comprometido em identificar os processos identitários de figuras abjetas, como é o caso da bicha. Durante a empreitada, pude me deparar com uma variedade de informações sobre o assunto, como a etnografia de Green (2019) que revelava que a palavra bicha não havia surgido como uma injúria direcionada à comunidade LGBTQIA+, mas como uma palavra positiva, o que foi uma grande descoberta pessoal e acadêmica para mim. Como citei, essa compreensão foi corrompida, mas a ideia de que certos

indivíduos podem assumir uma identidade subalterna e criar a partir dela uma comunidade segura para sujeitos marginalizados fomenta um debate fundamental para as discussões de direitos humanos no Brasil e no mundo.

Em segundo lugar, trabalhei com algumas relações específicas de alteridade e diferença ao longo da pesquisa e isso me permitiu analisar algumas injúrias homofóbicas como a possibilidade que homens hegemônicos/normativos (ou cúmplices) têm de reiterar suas masculinidades truculentas a partir da feminilização do outro. Esse movimento só é possível porque numa sociedade misógina, racista e homofóbica, como é o caso da brasileira, o feminino sempre é visto como menor e degradado. Portanto, homens femininos não são necessariamente um problema para a lógica masculinistas, eles são, na verdade, usados como párias dos homens truculentos para reafirmar suas masculinidades. De certa forma, cabe dizer que a marginalização que homens bicha sofrem, não apenas demonstra o desejo de eliminação das suas feminilidades, mas também o de validação e reafirmação das masculinidades normativas. Esses homens cishétero e/ou normativos não parecem esperar que as bichas mudem seu comportamento, mas usam a dissidência da bicha para afirmar seu *eu* enquanto homens.

Um último ponto interessante de ser analisado pelo viés dos direitos humanos é o movimento social implicado nas relações que as bichas e a comunidade LGBTQIA+ criam entre si. Nesse cenário, é criada uma rede de proteção e empoderamento capaz de tecer afetos de segurança entre os indivíduos envolvidos em processos de marginalização para que, com o apoio mútuo, eles possam criar articulações políticas complexas visando a proteção e a promoção da dignidade humana. Um entendimento central do trabalho foi o de compreender que a ética política da bicha, se assim posso chamar a articulação do próprio grupo, opera em sistemas de reconhecimento mútuo para o fortalecimento da comunidade, seja das próprias bichas, ou de pessoas LGBTQIA+, a fim de que cada indivíduo possa proporcionar um ao outro o afeto, o cuidado e o senso de pertencimento que lhes foram negados pela família, pela escola, pela sociedade, etc.

A construção desse sentido de solidariedade comunitária garante às bichas, em primeira instância, um espaço seguro para que elas possam se expressar de maneiras que não seriam possíveis em outros espaços, e em seguida para garantir o fortalecimento de um reconhecimento de valor pessoal negado por outros órgãos e instituições da sociedade. Diante das limitações envolvidas no desenvolvimento da presente pesquisa, o que pude observar é que a entrada na universidade durante o início da vida adulta é uma virada de chave fundamental para a saída do armário das bichas, e portanto reconheço a necessidade de realizar outras pesquisas para entender como se torna possível para bichas que não tiveram acesso à universidade, enquanto

esse espaço de encontro de mundos e diversidade, ou tiveram esse acesso tardiamente, construíram seu próprio senso de reconhecimento. Minha aposta é que sempre há um sentido coletivo para a bicha, seja com outras bichas, ou com a comunidade LGBTQIA+ em geral.

Isso porque pude observar que a reapropriação do ser bicha está intimamente ligada com o sentido coletivo que a comunidade LGBTQIA+ atribui à palavra, sendo assim uma identidade pessoal e coletiva desde sempre. Em seus mais variados sentidos, a bicha pertence à comunidade sexodiversa, é esse mesmo grupo que fortalece os indivíduos e cria para os mesmos afinidades afetivas nas quais é possível (e seguro) se afirmar enquanto bicha. Meus próprios entrevistados relatam que foi na descoberta de novos grupos sociais e na criação de novos círculos de amizade que foi possível não apenas se afirmar, mas se sentir seguro para isso. O espaço afetivo da comunidade também é um espaço de autorizações mútuas e de acolhimentos para que esses sujeitos possam entender os processos traumáticos aos quais foram submetidos desde muito cedo.

A infância, assim como a entrada na vida adulta, é uma fase da vida de muita importância para entender as relações que a bicha estabelece. Mas, diferentemente da segunda, a infância é o momento em que a bicha se apresenta para os sujeitos de maneira injuriosa, marginalizada e fantasiada de horror. Eu vivi o trauma da bicha durante a infância na escola, na família, na igreja, assim como meus entrevistados também viveram. Foi interessante perceber que, para eles, a figura do pai foi central não apenas para o estabelecimento de uma ideia de masculinidade normativa, como também, infelizmente, ocupa o protagonismo das primeiras experiências de violência homofóbica ainda na infância. A família é central nessa ideia de oposição à homossexualidade, mas a escola não fica pra trás. Enquanto primeiro espaço de socialização infantil, o ambiente escolar se mostra extremamente hostil e perigoso para pessoas sexodissidentes. Isso me leva a pensar novamente em direitos humanos e como a pauta da diversidade poderia ter avançado com o projeto Escola Sem Homofobia.

Aqui, aproveito o espaço para inserir uma das questões que acredito que sejam inconclusivas na pesquisa: a diferença das experiências bicha quando variada a idade dos interlocutores. Como falei na introdução, a amostra dos voluntários foi retirada de pessoas próximas do meu círculo social, isso porque conversava com amigos sobre meu tema de pesquisa a fim de traçar os planos teóricos, metodológicos e políticos iniciais, o que acabou por facilitar o encontro dos voluntários. Porém, algumas questões me parecem promissoras para futuras pesquisas e algumas perguntas começam a se articular a partir disso: em outras gerações, que não a dos nascidos nos anos 1990, como a questão da bicha é abordada? Como as pessoas

que já estão nas casas dos 40, 50, 60 anos articulam essa identidade? E junto a essa equação: será que a bicha se apresentou e foi recuperada do mesmo jeito para esses sujeitos?

Acho fundamental pensar também pensar nas relações de raça e classe que são estabelecidas para, e a partir, da bicha. Houve diversidade racial na seleção e coleta das entrevistas e apesar de os voluntários reconhecerem que marcadores da diferença como raça e classe podem criar experiências diversas das masculinidades, e consequentemente da experiência bicha, nenhum deles recuperou uma história pessoal acerca do assunto, o que surgiram foram percepções mais gerais sobre o tema.

Acredito ser promissor pensar a partir de outras vozes as questões em outras oportunidades de investigação. Sei também que uma das principais características do processo de colonização das Américas é o surgimento das hierarquias exacerbadas de gênero, assim como já propuseram algumas teóricas decoloniais que citei no Capítulo 4. Dessa forma, as dissidências sexuais e de gênero se configuram no Brasil como tipos específicos de alteridade marcados pela degeneração. Tratar o gênero como exclusivamente performativo (linguístico, subjetivo), ou até mesmo destacar as características prostéticas do gênero se torna insuficiente para analisar as materialidades produzidas em diferentes corpos na América Latina e por isso citei algumas questões que a investigação não conseguiu desenvolver por diversas limitações pessoais, de tempo e de maturidade de pesquisa.

Escrever essa dissertação de maneira ética, responsável e acessível como eu esperava exigiu muito de mim. Não apenas porque o processo de fato é difícil, mas porque eu parecia estar mexendo nas feridas ainda abertas dos pedaços que cortaram de mim. Tratei de um problema ao longo do curso da pesquisa que em muito diz respeito a mim, e também por isso, escrevi o texto todo em primeira pessoa desde o início. Me inscrevo assim enquanto, mais do que autor, sujeito da pesquisa. Acredito, na verdade, que todo autor é um pouco (ou muito) sujeito da própria pesquisa, mas talvez essa seja uma discussão para outro momento. O que importa agora, na intenção de fazer os apontamentos finais da dissertação, é mencionar que escrevê-la foi uma maneira de me redescobrir.

A capacidade de produzir um texto sob meus próprios termos e vontades, acompanhando meus sonhos pessoais, foi, no final das contas, a possibilidade de me curar e de aprender a resistir de acordo com o que a própria palavra diz: existir novamente (re-existir). Como diria a própria Donna Haraway (2009, p. 88), “A escrita é, preeminentemente, a tecnologia dos ciborgues”, e eu usei dessa tecnologia para contar histórias que eu acredito que precisavam ser contadas. A escrita também foi, nesses últimos anos assombrados e assustadores, um espaço seguro para expressar minhas raivas, angústias e tristezas. Escrever foi

como traçar um campo imaginário e seguro, frente ao mundo caindo aos pedaços devido ao coronavírus e produzir conhecimento e ciência foi uma forma de resistir às investidas neoliberais e neoconservadoras que têm se espalhado no Brasil e no mundo cerceando a viabilidade da produção de pesquisas científicas, em especial no campo dos estudos de gênero. Foi como deixar estrelas brilharem no céu obscuro.

E nesse campo minado de tentar produzir conhecimento sobre masculinidades marginalizadas eu tive três companhias fundamentais, Beto, Ariel e Gabriel, sem os quais eu nunca teria conseguido fazer esse trabalho, e para os quais eu gostaria de dedicá-lo, mas acabei optando por dedicar essa dissertação a duas das forças femininas que me moldaram e me mudaram, minhas avós Jacira e Elina, a quem devo tudo que tenho e sou. Para minhas bichas companheiras, que me permitiram entregar esse trabalho ao PPGDH, minha eterna gratidão. Assim como vocês, eu estou lutando contra o código perfeito, hegemônico e normativo das masculinidades e fazendo algo novo das feridas que essa maneira ilusória de vivenciar o ser homem me proporcionou.

Trabalhar com entrevistas foi mais desafiador do que eu achava que seria, mas me deu um resultado ímpar para a pesquisa. Acredito, sim, que utilizar um número maior de entrevistados poderia me proporcionar um resultado diferente, mas dadas as limitações pessoais e a profundidade que eu queria dar para cada fala, estou satisfeito com o resultado que realizar 3 entrevistas me proporcionou. Falando em pesquisa, sinto que o processo de me “desapegar” da dissertação está sendo difícil. Continuo a escrever porque ainda tenho que falar e adiar o término do texto me dá mais tempo para passar tempo com ele. Porém, sei que é importante e fundamental encerrar o mestrado, mas a investigação continua. Escrevo essas últimas páginas já com uma saudade enorme de toda a caminhada que me trouxe até aqui.

De forma rebelde e comprometidamente contraditória, ousou dizer que não existem conclusões totais para esse trabalho. Isso porque nunca aspirei escrever uma investigação tão ousada e prepotente ao ponto de ter resultados estanques e inquestionáveis. Também não acredito que esse trabalho se encerra em si mesmo, mas me provoca a querer pensar novas coisas, explorar outros paradigmas, me aprofundar em outros temas. Espero que este também possa ser um efeito que o texto tenha sobre quem porventura se aventurar a lê-lo. Acompanho Haraway (2009, p. 98) mais uma vez: “Não existe nenhum impulso nos ciborgues para a produção de uma teoria total; o que existe é uma experiência íntima sobre fronteiras — sobre sua construção e desconstrução”. Mas, com o propósito de encerrar o ciclo de pesquisa do mestrado, acredito poder destacar alguns dos principais resultados que obtive com a

investigação e outras (muitas) questões que podem me ajudar (e ajudar a outros) a levar as masculinidades bicha a outros lugares que não foram possíveis de alcançar com esta dissertação.

Masculinidade(s) bicha é um termo que utilizei para dar conta das relações de sujeitos que se reconhecem dentro do masculino, mas utilizam de artifícios que flutuam entre os gêneros, sem se comprometer exclusivamente com aquilo que significa (ou aparenta) ser masculino. Ou seja, independente da identificação enquanto homens, esses indivíduos podem, ou não, se referir um ao outro no feminino sem utilizar da ironia, utilizar maquiagem, atuar como drag queens, entre outras possibilidades. Com a bicha, podemos pensar as possibilidades existentes para o masculino fora das inscrições hegemônicas que criam os sujeitos *outsiders* que inventam modos de resistência através dos quais se tornam capazes de resistir à normatização das identidades. Quando um homem também é bicha o que ele comunica ao mundo é que a masculinidade dele, a relação que ele estabelece com outros homens (bichas ou não) e o contexto sócio histórico em que esse indivíduo se localiza, interrompe as normas na medida em que se liberta delas.

Encontrar a possibilidade de construir e exercer uma masculinidade a partir de referências de feminilidades é o maior potencial da bicha. Os homens bicha marcam uma existência masculina contra hegemônica e também decolonial. Abrir esse universo em uma pesquisa de mestrado (que tem como base diversas análises já realizadas previamente por pesquisadores e pesquisadoras consagrados) foi, em primeira medida, uma tentativa de expandir os estudos sobre masculinidades no Brasil, e em segunda instância, a realização de uma análise sobre algumas fissuras abertas nas relações de gênero dos sujeitos entrevistados. Um fator importante para a pesquisa foi a preocupação em dar voz e escutar o que os sujeitos em questão contam sobre si e sobre suas vivências. Chega de um saber universal.

A Universidade precisa, cada vez mais, saber escutar o que pessoas subalternizadas têm a dizer. Nesse sentido, pesquisas sobre masculinidades diversas, travestilidades e transgeneridades, gênero e raça, subversões sexuais marginalizadas, entre tantas outras áreas possíveis precisam de investimento não apenas financeiro, como a concessão de bolsas dignas, como também intelectual. Precisamos de professores e professoras atentos ao que seus orientandos querem escrever e aos problemas que a sociedade precisa encarar.

Tenho trabalhado com o tema das masculinidades há pelo menos 7 anos, desde que conheci a professora Soraya Barreto Januário em uma aula de Comunicação e Gênero em 2016, ainda durante a graduação. Mesmo já tendo trabalhado com diversidade e masculinidades em oportunidades anteriores, essa dissertação me levou a lugares de investigação que eu não poderia imaginar. Comecei a me questionar: sou mesmo homem? O que significa ser homem

pra mim? Quem me ensinou, como aprendi e será que correspondo à ideia de ser homem? Na aventura dessa dissertação, tenho certeza de que o caminho se revelou mais precioso do que a chegada e isso não teria sido possível se não tivessem havido companheiros como Beto, Ariel e Gabriel, a orientação exemplar de Soraya e Carol, além das trocas com Leo Mozdzenski e Izadora Xavier.

Encerro este trabalho não como quem acorda de um sonho, mas como quem começa a sonhar mais uma vez. São novos tempos. A esperança parece voar no ar como gotas de chuva. As vidas voltaram a ser valiosas e a empatia, coisa óbvia. Para essas pessoas que me acompanharam e para todas as bichas, monstros e ciborgues do mundo, penso que assim como as salamandras de Haraway, não precisamos renascer, apenas deixar que as partes feridas de nós cresçam novamente, e isso tem um quê de monstruosidade por si só. Acredito firmemente que os pedaços que cortaram de mim estão se regenerando. E esse trabalho é apenas um deles.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Jairo Enrique Suárez. Epistemologia dos direitos humanos: Abordagem da Ciência Policial. **Revista Brasileira de Ciências Policiais**, Brasília, Brasil, v. 13, n. 8, p. 179–222, 2022. DOI: 10.31412/rbcp.v13i8.941. Disponível em: <https://periodicos.pf.gov.br/index.php/RBCP/article/view/941>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya Maria. **Masculinidades em (re)construção: Gênero, Corpo e Publicidade**. Covilhã: LabCom, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 5. ed, vol. 2. Rio de Janeiro: Fronteira, 2019.
- BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2015.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, jan. 2006.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.
- _____. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.42, n.1, p. 249-274, jan-jun, 2014.
- _____. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Chão da Feira: Caderno de Leituras**. n.78, p. 1-16, jun, 2018.
- _____. **Corpos que importam**. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019a.
- _____. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021a.
- _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019b.
- _____. Sex and Gender in Simone de Beauvoir's *Second Sex*. **Yale French Studies**, n. 72, p. 35-49, 1986.
- CARRIGAN, Tim; CONNELL, Raewyn; LEE, John. Toward a New Sociology of Masculinity. **Theory and Society**, Vol. 14, No. 5 (Sep., 1985), pp. 551-604.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

COLEMAN, James Samuel. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Human Organization**. v. 17, 1958. p. 28-36.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2005.

_____. Uma trajetória pessoal e acadêmica: entrevista com Raewyn Connell. [Entrevista concedida a] ADELMAN, Miriam; RIAL, Carmen. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

CONNELL, Raewyn; HEARN, Jeff; KIMMEL, Michael. Introduction. In: CONNELL, Raewyn; HEARN, Jeff; KIMMEL, Michael. **Handbook of studies on men and masculinities**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005. p. 1-12.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, 241-282, janeiro-abril/2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/significado/cultura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

CZARNIAWSKA, Barbara. **Narratives in Social Science Research**. London: SAGE Publications, 2004.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos**. Monografia (Bacharelado em Estatística) - Departamento de Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 53, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDES, Estevão e ARISI, Barbara M. **Gay Indians in Brazil: Untold Stories of the Colonization of Indigenous**. Cham: Springer International Publishing, 2017

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2014a.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

_____. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

_____. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019c.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014b.

FROIS, Erica Silva. A construção da expressão de gênero na infância: do gesto à palavra. **Revista Pesquisas E Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 2), p. 1–15. 2020.

- GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- GROSFOGUEL, Aníbal Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, março 2008, 119-147.
- HALBERSTAM, Jack. **Female Masculinity**. Durham: Duke University Press, 1998.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HAMLIN, Cynthia. CORPOS-TEXTO: a Colonização do Sexo pelo Gênero na obra de Judith Butler. in: FERREIRA, Jonatas; SCRIBANO, Adrián. **Corpos em concerto: diferenças, desigualdades, desconformidades**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. p. 319-332.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.
- _____. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. in: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.
- HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- JOVCHELOVITCH, Sandra e BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. p. 90-114. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo**. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, n. 9, 2008, p. 73-101.
- _____. Heterosexuality and the Colonial/Modern Gender System. **Hypatia**, v. 22, n. 1, 2007, p. 186-209.
- MAIZZA, Fabiana. As sete meninas: reflexões sobre mulheres, experiência e efeitos jarawara. **Cadernos Pagu**, n. 49, 2017a.
- _____. De mulheres e outras ficções: contrapontos em antropologia e feminismo. **Ilha: Revista de Antropologia**, v.19, n.1, jun, 2017b.
- MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**, vol. 23, n. 1, fev, 2019.
- MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

- MELO ALBUQUERQUE, Mateus. **Gênero, militância e internet: como a publicidade tem repensado a(s) masculinidade(s)**. Monografia Graduação em Comunicação Social Publicidade e Propaganda: Recife, 2019.
- MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**. v. 8, n. 11, 2015.
- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- OLIVEIRA, Megg Rayara. seguindo os passos “delicados” de gays afeminados, viados e bichas pretas no Brasil. in: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 127-145.
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos 'anormais'. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan/abr, 2011.
- PRECIADO, Paul. **Testo Junkie**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- PRECIADO, Paul. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo, org. **A colonialidade do saber: eurocentrismo y ciências sociais: Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. p. 107-130.
- RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES**, n. 18, v. 1, p. 106-131, 2012.
- SEGATO, Rita Laura. Manifiesto en cuatro temas. **Critical Times**, n. 1, v.1, p. 212-225, 2018.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. Considerações transfeministas sobre linguagem, imaginação e decolonialidade: a identidade de gênero como categoria analítica. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 452-471, dez, 2020.

STERLING, Kathleen. Man the hunter, woman the gatherer? The impact of gender studies on hunter-gatherer research (a retrospective). in: CUMMINGS, Vicki, JORDAN, Peter e VELEBIL, Marek (orgs.). **The Oxford handbook of the archaeology and anthropology of hunter-gatherers**. Oxford: Oxford University Press, 2014 (p.152-174).

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. **A conduta universal: O governo de si e as políticas de gênero na Igreja Universal**. 2019. 191 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva. 2018.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só: A crise do masculino**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ANEXO A - ENTREVISTA BETO

Meu nome é Roberto Branco [Beto], eu tenho 26 anos, sou aracajuano, publicitário e ilustrador. Eu me identifico enquanto homossexual, assexual e também enquanto bicha... eu acho que é importante isso [ser bicha]. É importante porque isso tem a ver com o tipo de coisa que eu gosto, com o tipo de conteúdo que eu consumo, com o tipo de conteúdo que eu produzo. Eu me entendi enquanto homossexual quando eu tava no espaço seguro da faculdade, foi quando eu comecei a me permitir. E foi quando pela primeira vez eu senti uma atração sexual e romântica por outro homem e pude admitir isso sem me culpar. Era uma outra pessoa que também era homossexual, então poderia haver uma reciprocidade. Foi aí que eu me permiti pensar no assunto, porque antes eu nem queria pensar sobre isso. Eu tinha 18 anos, eu acho que foi um marco muito forte que mudou tudo na minha vida. Depois de um tempo eu fui começando a entender o que seria “ser bicha” fazendo uma regressão pra perceber algumas questões da minha infância e fazendo o processo de ressignificar. Na maioria das minhas experiências, a bicha se apresentou pra mim como xingamento, na escola mesmo. Eu aprendi bem rápido que se eu me empolgasse demais, ou se eu me expressasse demais, alguém ia trazer “bicha” ou alguma variação disso porque teriam trejeitos meus. Eu era uma criança, bem “criança viada”, então essa palavra [bicha], e ser chamado disso, foi o que me levou a tentar me esconder, tentar não me expressar, tentar não expressar muitas emoções, porque eu sabia que se eu expressasse emoções demais iria pra um caminho “não masculino”, se eu falasse demais ou me expressasse demais, deixaria de estar numa performance masculina. A bicha chegou pra mim logo cedo, eu acho que, como muitas crianças que têm o comportamento fora do padrão, eu fui chamado disso, antes mesmo de saber o que é. Então você é chamado de bicha, você é chamado de gay, antes de você saber o que é. Antes de você entender o que são desejos sexuais, antes você ter desejos e vontades, você já recebe isso como um xingamento. Então chega como uma coisa negativa, que você nem sabe o que é, mas que, pela forma como falam com você, você interpreta como uma coisa negativa. Então comigo também foi assim: na escola falavam, me chamavam de bicha. Eu lembro que era uma coisa que acontecia, era uma situação. Então por muito tempo é uma coisa que eu rejeitei, que eu tentei não ser, e que eu achava que era ruim, pela forma como me apresentavam. E demorou muito tempo até eu chegar na fase adulta, pra eu conseguir reivindicar e ressignificar o que esse termo significava pra mim porque ele veio com um peso externo muito negativo. Eu mesmo não chegava a achar que era errado, feio, ser bicha, mas ao mesmo tempo eu não queria ser porque era uma coisa que eu sabia que as pessoas viam como errado. Acho que nem todo homossexual é bicha. A bicha seria meio que

um sub grupo, e não necessariamente ser bicha significa ser homossexual. Eu acho que existe a possibilidade de você se identificar enquanto bicha e você ser panssexual, por exemplo. Você ser uma travesti, que se identifica enquanto bicha ainda. Mas, também existe a homossexualidade sem se identificar enquanto bicha, porque vai da experiência de cada um. E também existe dentro da comunidade gay um “culto ao masculino”, talvez por pessoas procurarem aquilo que não tem, ou procurarem de alguma forma de um contexto heteronormativo. E também existe uma marginalização das bichas dentro da comunidade LGBT, e dentro da comunidade gay, principalmente. E muito disso é pelo fato de as bichas abdicarem um pouco da masculinidade e não terem medo de não ser masculinas. Já tive contato com gays normativos, na família por exemplo. Aquela pessoa que falam “Ah, nem parece que é!” e que tem um comportamento que se assemelha muito ao da heteronormatividade, tanto na forma de agir, quanto no que consome, tanto nas companhias, que são com pessoas heterossexuais mais do que com pessoas LGBT. E são emoções mistas, por você questionar por que suas experiências não parecem com a dessa pessoa e de você questionar como essa pessoa prefere estar tendo contato com pessoas que não passam pelos mesmos traumas que elas. É talvez um pouco de rancor pela forma como essas pessoas conseguem passar pela vida e ter um pouco menos de dificuldade por se encaixarem no padrão que você não consegue se encaixar, não quer se encaixar, mas sofre as consequências por isso. Minha percepção sobre o “ser bicha” mudou justamente quando eu entrei na faculdade, na Federal de Sergipe. E foi o primeiro momento que eu tive um espaço que era 100% seguro. Porque na família não era, no ensino médio e na escola, menos ainda. Então eu não me sentia confortável nem pra questionar minha sexualidade, questionar meu comportamento. Eu só tentava esconder e suprimir o máximo possível. Então bastou 2 ou 3 meses dentro de um ambiente que eu achava que era seguro, um ambiente que eu convivia com outras pessoas que eram LGBT, com outras bichas, pra eu aceitar e realmente me ver enquanto bicha. Também acho que foi um momento de extravasar, de ir do 0 pro 80, ir do 0 pro 100, em um espaço curto de tempo. Foi um momento de liberdade mesmo. Um momento de me libertar o máximo possível. E foi quando eu percebi que ser bicha não era uma coisa ruim, e que eu era [bicha]. Foi um momento de ir pra festas. Conversar sobre o assunto e poder explorar a minha sexualidade. E também no dia a dia, eu não tinha mais medo de falar alguma coisa, de me divertir, não ter medo de fazer a piada que eu queria fazer, não ter medo de tocar no assunto que queria tocar, não ter medo de estar 100% na conversa sem se preocupar em como você tá se comportando, com a imagem que você tá passando, só estar no momento, e ser natural, eu acho que foi esse o processo. Talvez não fosse nem uma questão de *extravasar*. Mas é que eu tava tão reprimido que fazer o *mínimo*, era uma extravasar pra mim.

Naquele momento, conseguir ser eu mesmo, era uma grande revolução. A questão de me aceitar enquanto ace [assexual] veio muito depois, e só foi aos 25 anos. E muito disso tem a ver com o tempo que demorei pra me aceitar como homossexual, como bicha e o quanto isso mudou minha personalidade. De alguma forma, eu tinha medo de algumas coisas porque eu não me encaixava na parte romântica e na vida romântica, como outros homossexuais e outras bichas próximos a mim. Eu tinha experiências, mas não eram como as deles, e eu achava que eu estava errado porque eu não estava agindo igual aos outros. Eu achava que por me aceitar enquanto ace, eu estaria traindo minha trajetória enquanto homossexual, minha história enquanto bicha. Então eu demorei muito tempo pra aceitar que essas coisas poderiam coexistir. E que por eu ser uma coisa [ace], isso não desmerece minha experiência em relação às outras [homossexual e bicha]. Me aceitar enquanto ace foi um processo em que ouvi muitas pessoas perguntando “mas o que muda na sua vida?”, “qual diferença isso faz?”, e o que mudou foi eu entender porque eu tenho limites diferentes dos outros, porque eu me relaciono de formas diferentes e aí eu parei de me cobrar pra tentar me relacionar igual aos outros. Daí eu pude entender algumas barreiras e limites de entender que por quanto, eu só vou estar confortável de chegar até “tal” ponto [romântica e sexualmente]. É assim que eu funciono, e não quer dizer que eu tô errado. Eu fiquei muito tempo preso em tentar ter experiências, em tentar passar pela vida como as outras pessoas da comunidade. E foi só quando eu entendi que eu poderia ter experiências diferentes desse coletivo que eu faço parte, e ainda assim pertencer a ele, que eu consegui aceitar a minha sexualidade completamente. Eu também acho que minha sexualidade e pertencer à comunidade que eu pertenço, se interligam muito às coisas que eu consumo. Eu consumo muito de cultura pop. E a cultura pop e a comunidade LGBT estão juntas, atreladas historicamente por vários motivos. Isso vem de décadas e as pessoas LGBT se identificam com as histórias das cantoras pop, com as histórias de superação das músicas e o glamour dos cliques. E as pessoas LGBT por serem historicamente marginalizadas, viam essas narrativas e tinham interesse em reproduzir essas histórias. Fora que a música pop era a que tocava nas boates, então foi-se criando essa relação e a cultura pop é produzida pensando na comunidade LGBT. Eu consumo *muito* cultura pop, desde muito novo, desde os 16, 17 anos, eu já era fã de Britney Spears, eu já era fã de High School Musical. Eu assistia todos os filmes de Lindsay Lohan, e foi indo... Então a cultura pop tá muito atrelada à minha identidade, porque o que você gosta, o que você consome, é o que você é. E também minha produção artísticas, minhas ilustrações sempre tem referências à cultura pop. Então a cultura pop tá muito atrelada à minha identidade. Algumas referências pra mim, com certeza são Britney, Madonna. De brasileiras, nem sei se encaixa muito como cultura pop, mas Heloísa Périsse e Ingrid Guimarães, desde cedo eu assistia à peça delas, “Cócegas”, e

isso moldou minha personalidade. Joan Rivers! Também é muito importante. O “ser homem” apareceu pra mim como uma obrigação e como a imposição de um ideal de como eu devia me comportar, de como eu devia agir, de como eu devia falar, de *tudo*. Então eu acho que sempre foi imposto um “seja homem”, “seja macho”, “fale como homem”, “fale como macho”. E crescer com isso, sabendo que eu não conseguiria chegar nesse ponto, mas ele tava sendo imposto e eu tentava o máximo possível me adaptar a ele, fez com que depois que eu chegasse na vida adulta e entendesse que eu não precisava chegar nesse padrão, eu tivesse uma relação de rejeição com o “ser homem” e com aspecto de coisas masculinas. Então eu passei a tentar me distanciar de coisas masculinas em vários aspectos da minha vida. Eu acho que, hoje, o “ser bicha” permite que eu veja outras formas de masculinidade, outras formas de “ser homem”. Na verdade, eu acho que permite que você se desvincule um pouco dos ideais de gênero do que é “ser homem”, do que é “ser mulher”. E permite que você entenda que existem nuances, que existem meio termos, e que você vai ter aspectos de um lado e do outro do espectro [masculino ou feminino]. E quando você não tá preso em tentar estar no extremo de um espectro, você se dá a liberdade de transitar por ele. Eu percebi que eu tinha espectros de masculinidade que eu poderia trazer pra minha vida sem que de alguma forma eu estivesse chegando naquele ideal de ser homem que eu tinha tanto medo de não conseguir chegar. Eu acredito que eu possuo espectros de feminilidade. Acredito que, como na maioria das coisas na vida, nada é tão branco ou preto, nada é tão “sim” ou “não”. Então existem espectros e eu acredito que eu transito por eles. E minha identidade enquanto bicha tem a ver com transitar por eles, e de ter espectros de masculinidade e de feminilidade. Eu só tento viver sem me prender ao que é masculino ou feminino, porque isso são convenções sociais. Então, eu acredito que você deve fazer o que quer, sem ligar pro que é masculino ou feminino. Eu tento seguir nesse pensamento, até pra me desprender dos traumas e das ideias que me foram impostas sobre o “ser homem”. Nós, enquanto nordestinos, temos um personagem muito forte para as masculinidades que é o “cabra macho”, e como eu vim de Aracaju, que é uma cidade bem menor do que Recife, e uma cidade com a mentalidade um pouco mais regredida do que Recife, eu cresci com essa ideia de masculinidade atrelada à força, ao controle. Eu acho que estamos caminhando pra um momento de discussão sobre isso [o tema da masculinidade], mas não o suficiente, acho que ainda existe um ideal muito grande [do “ser homem”]. E também acho que estamos muito presos na bolha da gente, e quando a gente sai dela, a gente percebe como a masculinidade ainda é pesada, e o quanto ela é frágil. O quanto o maior medo do homem que luta por sua masculinidade é perdê-la de alguma forma. E você vê isso no humor, no comportamento... Tendo, no momento, contato com homens heterossexuais, depois de muito tempo sem contato com uma quantidade

grande de homens heterossexuais, dá pra perceber o quanto a masculinidade deles é frágil, o quanto todas as piadas têm um tom de machismo e de homofobia, porque a pior coisa que pode acontecer a eles é a perda da masculinidade, é a perda do controle, da força. Então, por mais que a gente esteja caminhando pra lugares importantes, com discussões na mídia e nas redes sociais, eu ainda acho que é muito preso numa bolha, quando você vai pro mundo real, você vê o quanto é arcaico o pensamento e a forma como as pessoas se comportam. A masculinidade frágil aí é um medo de ser menos homem, um medo, passado de geração, de não cumprir determinado papel. Porque provavelmente os pais, e os pais dos pais, sempre disseram “você tem que ser macho”, “você tem que ser forte”, “você não pode demonstrar suas emoções”, “você tem que pegar todas as meninas, ser o pegador, e depois ser o homem de respeito da casa e botar ordem, botar medo nos seus filhos porque você tem que ser uma figura de autoridade”, “você tem que ser uma pessoa que pede respeito”. Deixar de querer ser o homem ideal foi um processo de permissão, de deixar de ter medo de admitir publicamente que eu gostava de cantora pop, que eu gostava de Lady Gaga, Madonna, Beyoncé e não ter a vergonha a que isso tava atrelado. Foi um processo de sair do lugar, de vergonha e de esconder, para um lugar de ter orgulho disso [gostos pessoais]; de passar a usar as roupas que eu queria usar, e não as que eu achava que deveria usar; de passar a não tentar controlar o que eu falava, ou a forma que eu gesticulava. Foi um processo de permissão, porque mesmo quando eu tinha o ideal de “ser homem”, eu tinha a noção de que não conseguiria chegar nele. Então, para mim era menos um processo de “tentar ser homem”, e mais um aspecto de me prender e não deixar que os outros aspectos da minha personalidade viessem à tona. Era mais um processo de repressão do que um processo de tentar me adequar. Eu também percebo mudanças nas masculinidades, existe um movimento sim, e a gente tem contato com muitas pessoas e é palpável e é real a desconstrução da masculinidade e o quanto as novas gerações estão se permitindo desconstruir esse ideal. É um fato, a desconstrução da masculinidade, não só dentro da comunidade LGBT, não só entre as bichas, mas entre os homens cis, héteros e homens bis também, existe um movimento de desconstrução da masculinidade e de se permitir ter sentimentos, se permitir ser vulnerável. Minha vida inteira, enquanto criança e adolescente na escola, eu só tinha contato com mulheres. Porque eu não tinha contato com outros gays, ou outras bichas. E também quando eu entrei na minha primeira faculdade, a maioria dos meus contatos eram mulheres. Eu tinha contato com outros gays, mas que eram um pouco mais normativos, pelo menos os que eram mais próximos. Então a primeira vez que eu tive mais contato com bichas foi quando eu cheguei em Recife, entrei na faculdade, e tanto meu grupo de amizade, Matheus e Júlio, quando eu tive contato com Marcos e Daniel, amigos do trabalho que são duas pessoas que também se identificam enquanto bichas. Foi um

novo momento, pela primeira vez as minhas amigades compartilhavam as mesmas experiências que eu. Não eram pessoas que eram apenas simpáticas, mas que tinham vivido aquelas experiências. Então conversar e sentir a relação entre os traumas, e as experiências em comum, traz afinidade. Enquanto antes, eu via que minhas amigas tinham entre elas experiências comuns [por serem mulheres], pela primeira vez eu tive a oportunidade de compartilhar esse nível de experiência com pessoas, para além da amizade normal. Eu acho que existe um aspecto coletivo pra bicha, obviamente cada um vai experienciar da sua própria forma o “ser bicha”, mas existe um coletivo, existe uma grande quantidade de pessoas que passaram por essa mesma experiência. As experiências que eu tô falando aqui não são únicas, muitas pessoas passaram por experiências semelhantes. Acho que é uma experiência muito específica que aproxima as pessoas em comunidades junto com outros que passaram por traumas similares.

ANEXO B - ENTREVISTA ARIEL

Sou Ariel, sou cientista político, eu trabalho com assessoria de comunicação e políticas públicas tem alguns meses, e eu sou cientista de dados também, trabalho com tecnologia. Tenho 24 anos, sou de Recife. Estou num momento de muito cansaço na minha vida [risos], tô vivendo quando dá, mas eu acho que o principal, talvez, hoje, que me defina seja calma, zen, plenitude [mais risos]. Eu tive uma criação muito mediana do Brasil, digamos assim. Eu tive um pai muito machista, com uma ideia de masculinidade super pesada e que, no momento em que ele viu que eu estava desviando aquele normativo, foi o caos. Ele tentou a começar a me puxar pra um lado mais padrão hétero, especialmente ao ver as diferenças que eu tinha em relação aos meus amigos. Tipo, “Ah, tá vendo fulaninho? Tá vendo como ele é?”. Então foi muito complicado no começo da minha infância. E eu acho que foi melhorando e eu fui criando o meu próprio referencial depois que eu fui expandindo mais as minhas amizades porque o ponto que eu acho que é de inflexão total é a faculdade. Você começa a ver pessoas que viveram de um jeito muito diferente de você, porque eu acho que escola nem é muito esse ambiente, pelo menos não foi pra mim. Eu estudei numa escola muito da classe média alta, então todo mundo era muito padrão, sabe? Até meus amigos que eu amo e sou muito próximo até hoje, eram próximos do padrão do meu pai. Então, foi muito diferente quando eu cheguei na universidade porque eu tive um contato muito mais abrangente com a noção de viver masculinidades que não eram aquelas que foram apresentadas pra mim na infância. E eu acho que tem um marco temporal muito importante nessa história, que foi ter ficado com um menino pela primeira vez, então obviamente isso me mudou muito porque eu vi que não era mais uma coisa sobre mim, sobre quem especificamente eu queria ser, mas sobre o que eu quero enquanto afetividade. E se isso engloba poder me aceitar mais, ótimo. É como se fosse um presente duplo, então tem isso [a primeira experiência de beijar outro homem], mas acho que o principal é que eu entrei na universidade sendo uma pessoa muito vidrada em trabalhar e estudar, até me anulei por muito tempo. Então eu acho que quando cheguei na universidade, eu fiquei pensando “Aqui eu vou bombar, aqui eu vou focar muito, vou estudar pra caralho”, e aí eu vi que tinha uma coisa muito maior, que era me identificar porque tinham outras pessoas que estavam vivendo e que estavam a tipo anos-luz em relação a essa noção de afetividade e de identidade. Na minha sala tinham três [bichas] icônicas, três das maiores, eu fiquei “Caralho, eu sou muito merda. Eu não tô aproveitando a oportunidade de me aproximar dessas pessoas pra me conhecer melhor”. E eu acho que muito do que eu vivi foi isso: ver pessoas que estavam num outro lugar mental de aceitação e conseguir caminhar junto delas. Então foi mais ou menos isso que eu consegui fazer

no começo, mas depois eu me distanciei também porque eu acho que o problema é que quando você se vê enquanto bicha, aí você vai se referenciar nas outras bichas e você vê que não é igual a elas, mesmo nesse espectro de feminilidade. Ou você é mais, ou você é menos, ou você não se comporta de um jeito, ou você não gosta das mesmas músicas, ou você não gosta do mesmo tipo de boy, então o tato ele muda muito, ele vai diferenciar muito, e daí, acho que foi um processo de aproximação e ao mesmo tempo de distanciamento. Eu me aproximei pra me auto afirmar, mas eu também me distanciei pra me auto afirmar e me reconhecer como algo diferente do coletivo. Então esse começo de faculdade foi um movimento de vai e vem. No primeiro ano eu me aproximei muito mais pra me conhecer melhor, e aí eu fui me distanciando porque eu cheguei a me conhecer muito bem. Mas eu acho que o acolhimento que eu recebi veio muito do lugar de “Mona, se toca, tu é bicha!” [outras pessoas aconselhando Ariel] no começo foi assim comigo. E foi muito menos uma coisa *afetiva*, tipo melosa, carinhosa e romântica, e muito mais um confronto, um confronto consigo. E foi bom ser desse jeito, porque eu acho que quando você é bicha, você se sente mais pronta pra levar algumas coices, porque você já leva tanto. E aí é bom que o coice também venha dos seus, porque aí vira uma coisa de “Reage rápido!”, sabe?. É difícil falar de identidade sem falar de incômodo, quando você tá incomodado com uma coisa, você não quer que ela se solucione devagar, que seja um processo meio psiquiátrico. Você quer que aquilo ali se resolva e tem até um amigo meu que diz: “Gente, eu me incomodava com Ariel no começo da faculdade”, porque eu era muito *maquiado*, muito distante de quem é a pessoa de verdade. Então eu acho que faz muito sentido o fato de que existiu esse incômodo dos outros em relação a mim e esse lugar de aceitação mútua, ou de acolhimento, pra mim não veio em um lugar romântica, mas como um balde de água fria. Mas foi um confronto que foi ótimo pra mim. O “ser bicha” chegou como o inverso proporcional. Ao mesmo tempo que eu era muito reforçado por um lado de expressar uma masculinidade que eu não queria, eu via demonstrações de feminilidade como algo muito horrível. Tipo “Meu Deus, não quero ser o Crô [da novela Fina Estampa]”, esse comportamento de ser bicha foi algo que eu me afastei muito e que eu criei meio que uma aversão. E aí eu acho que esse pensamento mudou muito, primeiro quando eu não conseguia mais segurar o fato de eu ser uma pessoa afeminada. Então isso [o pensamento de ser bicha] foi entrando meio que de um jeito muito natural, e eu acho que eu fui me aproximando mais do que era algo que eu entendia que não queria estar próximo porque aquilo era apresentado pra mim como chacota. Esse comportamento, essa forma de se identificar era algo muito tipo assim, “Vamos rir disso, ao invés de rir com isso”, sabe? Então disso eu não queria estar próximo, porque não queria que ninguém risse *de* mim. Eu queria que as pessoas rissem *comigo*. Eu acho que depois que as coisas foram ficando mais claras pra mim

sobre identidade, eu me senti muito mais confortável pra dizer “Gente, sou bicha mesmo, acabou, não tem outra”. Mas isso foi muito recente, acho que nos últimos, sei lá, cinco anos. Já a família foi um ambiente muito mais difícil, porque foi um ambiente onde a ideia de masculinidade foi passada pra mim como algo muito normativo. Já na escola, ao mesmo tempo em que as pessoas estavam “nem aí” se eu era bicha ou não, eu convivía com poucas pessoas LGBT, eu até tinha amigas LGBT no colégio, mas era um lugar onde todo mundo era colocado em segundo plano e o primeiro plano era a ideia de aprender muito, conseguir ter uma nota foda no ENEM, ser muito inteligente. Então todo mundo era anulado, independente de ser bicha ou não. Todo mundo ali se anulou muito, e só veio “virar gente” depois. E acho que a faculdade veio como um “kamehameha”⁵³, porque ao mesmo tempo que eu vi que precisava deixar de me anular pra começar a viver *eu* e esquecer que esse momento do vestibular passou, eu também me expandi muito culturalmente, conheci pessoas muito diferentes de mim, porque na escola eu andava com pessoas parecidas comigo, mesmo que elas não fossem pessoas LGBT, ou não fossem bichas super afeminadas, eram pessoas que estavam num lugar social muito parecido, tinham histórias muito parecidas, e na faculdade não. Lá, eu consegui fazer uma “abertura de viseira” e interagir com mais gente. Na família, acho que, tirando meu pai, que é uma pessoa que eu me afastei muito, mesmo antes de entrar na faculdade, não existia uma desautorização para o meu comportamento [feminino]. Vendo hoje, acho que ninguém tá nem aí, todo mundo tá tipo “Tá bom. Legal. Mais um gay no mundo!”. Então eu acho que não é como se o ambiente me fazia não estar confortável em expressar algo diferente do masculino, mas era algo tão reforçado pra mim em outros ambientes, outros lugares e outras situações que eu não poderia ser aquilo, se não eu ia virar piada, que eu preferia não arriscar. Tipo, “É melhor eu não tentar isso no meu *core*, que é a família, porque eu sei que se vier uma negação daqui, fudeu. O resto [do mundo] vai cair por terra”. Acho que houve muito a ideia de que se isso [o preconceito contra as bichas] é reforçado em todos os lugares, também seria reforçado aqui dentro [na família]. Tinham várias que me davam medo. Eu não queria estar perto do lugar bicha, porque era um lugar de chacota. E eu lembro muito claramente que meu pai tinha uma amiga que é uma mulher trans, que nada a ver com ser gay, mas como foi um processo que “deu certo”, porque virou uma pessoa que “a sociedade gosta”, por ser muito estudiosa, uma pessoa muito política, muito educada... Então eles gostavam de fazer as piadas porque ela desafiou o lugar de “quem deveria ser essa pessoa na sociedade”, mas ao mesmo tempo eles respeitam quando ela está por perto. Aquilo mexeu muito comigo, porque eu via acontecendo semanalmente.

⁵³ Técnica de combate fictícia do anime Dragon Ball Z.

Coisas muito agressivas, e rolava muita confusão. Eu morei com meu pai e a família dele na periferia [de Recife], e na periferia eu acho que tem um lugar de [certa permissão para] ser afeminado. Porque todo mundo ali vive numa situação econômica tão difícil, que não existe muito essa visão de classe média de “Ai, gente, vou estudar, trabalhar e depois eu vou ser eu”. Essa coisa meio calvinista de você trabalhar pra depois ser alguém e daí você pode ser você porque agora você se sustenta. Isso não existe na periferia, porque na periferia todo mundo tá fazendo tudo ao mesmo tempo, todo mundo tá se esforçando muito, então ninguém tem tempo pra isso. Eu via muita gente afeminada, eu via que aquilo ali era muito recorrente. Nomes múltiplos eram usados para essas pessoas e eu não queria ser parte disso, então eu acho que essa coisa [do medo] da chacota veio muito mais de observar adultos enquanto eu era criança. Mas eu acho que isso [o medo de ser feito de chacota] perdeu muito a força quando eu fui pra escola, porque era um lugar em que isso não era admitido, mas também não ficavam batendo palma pra viado. Mas também, os gays da minha escola eram acolhidos porque eram ricos, eram pessoas que tinham muita grana. E no Brasil, o capital social significa capital financeiro e intelectual também. Eles provavelmente vinham de famílias onde existiam conversas [sobre homofobia]. Eles eram acolhidos porque estavam num ambiente onde a renda era muito considerada. Ninguém podia fazer isso [xingar], inclusive teve um caso muito pesado que uma pessoa foi expulsa por ter xingado uma menina lésbica. Então era um lugar que isso [chacotas] não existia, e eu via outras bichas sendo acolhidas, sabe? Sem ser colocadas nesse lugar de chacota. Então o medo foi diminuindo pra mim. E aí quando eu cheguei na faculdade, acabou! Eu não via mais as coisas do jeito que me faziam ter medo. Porque as pessoas que eram e se permitiam ser afeminadas não entravam no lugar de piada, mas de celebração. Já na periferia, existe uma faca de dois gumes. Por um lado, existe a compreensão de que, por estar lá, você já faz parte de um grupo completamente desprivilegiado, a única coisa que não podem tirar de você é você, então as pessoas se acolhem ao que elas têm, que são elas mesmas. Então elas se permitem muito mais, eu acho. Têm crianças afeminadas na periferia de um jeito muito mais abrangente do que eu acho que tenha na classe média. E acho que isso acontece na periferia por não ter a noção cristã-judaica de performance do trabalho. Existe mais uma realidade em que todo mundo se esforça e todo mundo faz o seu máximo. Então é muito mais um lugar de possibilidades, talvez pra crianças de classe média isso não aconteça. Acho que na periferia existe muito mais isso porque não tem muito a noção de “viver por merecer”. Mas confrontando uma bicha periférica com uma bicha de classe média, o que elas não gostam entre si, e eu sei sinto porque eu vejo o encontro [dessas realidades] anualmente no meu aniversário, a periférica, ao mesmo tempo que nunca se viu podada a performar sua masculinidade, mesmo vivenciando

vários problemas pela força evangélica na periferia, ou muita dessas pessoas tenham sido expulsas de casa e não têm acesso à renda, a única coisa que elas podem se agarrar é às suas identidades. E eu acho que quando existe esse confronto, tem uma questão racial da parte das pessoas de classe média que não querem se aproximar das bichas pretas, por exemplo. Isso cria “síndrome de mariconas” na [bicha da] classe média porque ela busca performar uma feminilidade muito mais higienizada, pra que elas não se assemelhem às “bichas cabelo Rihanna”⁵⁴ porque aquelas ali as bichas de classe média não querem ser, já que elas [as bichas cabelo Rihanna] fazem parte de um grupo pobre, de um grupo preto. É um tipo de feminilidade que parece gerar afastamento [das bichas de classe média]. Tem essa dicotomia que eu acho que é muito clara. Acho que no fim, todo mundo vai convergir pra ser a mesma mariconas⁵⁵, mas o processo de chegar lá, pra essas duas pessoas é muito diferente. E eu, enquanto uma pessoa de classe média, sei que eu e as pessoas que compartilham da minha realidade, estamos tentando chegar perto de “aceitação”, essas outras pessoas estão lutando pelo acesso ao ensino superior, a empregos formais, enfim. Pelo menos essa era a curva de ascensão econômica do país. Acho que psicologicamente falando quem sofre mais é essa bicha da periferia, porque ela é colocada em segundo plano mais vezes pela sociedade. Acho que inclusive a bicha de classe média pode ser racista e classista. Eu tava agora numa viagem em um outro país onde as pessoas são mais “livres” e eu queria sair com um amigo pra um lugar que tivesse barzinho legal e gente bonita pra conversar e ficar tranquilo, e meu amigo falou que cada lugar era frequentado por um tipo diferente de bicha. E ao mesmo tempo que isso é interessante por mostrar a possibilidade de auto afirmação dessas pessoas, também dá pra ver um marcador social muito claro de que as pessoas não se misturam com os outros. Ao mesmo tempo em que a gente fala de um coletivo, existe uma série de marcadores que algumas pessoas tentam se colocar um pouco acima das outras. Por isso eu acho que nem todo gay é bicha, a bicha não é uma regra. Acho até que muitos gays passaram por processos de repressão por serem afeminados, eu passei por isso, mas isso faz com que a gente assuma que todo gay quer ser bicha. Mas eu acho que tem pessoas que colocaram outras coisas na sua identidade, e a feminilidade não foi uma delas. Eu tenho um amigo assim, a gente até brinca chamando ele de Padrão. Então não acho que todo gay é bicha, mas uma grande parte passa por esse confronto. Acho que hoje, ser bicha pra mim, particularmente, é sobre não se podar. Eu digo podar porque parece algo muito novo, imaturo. Mesmo dizendo “Ai gente não vou ficar fingindo nada!”, eu acho que a gente fica fingindo o

⁵⁴ Referência à franja lisa que a cantora Rihanna usava durante a divulgação do álbum *Rated R*.

⁵⁵ Gay mais velho.

tempo inteiro, mesmo quando a gente já tá mais velho. Mesmo quando a gente acha que já tá super livre, ainda tem alguns comportamentos que a gente fica tipo assim “Ai, não quero fazer. Não quero ir nesse lugar, é demais pra mim, eu não sustento!”. Por exemplo, eu e meus amigos tínhamos todos nos juntamos pra botar brinco, todo mundo pagou, fez o depósito, pra reservar o horário [do furo], e todo mundo botou [o brinco]. Tipo assim, oito pessoas colocaram e eu fui o único que não coloquei. Na minha cabeça, na terapia descobri isso, que eu fiquei dizendo “Depois eu boto”, “Tô sem tempo”, “Quando tiver um tempo, vou lá e vou colocar”. E aí depois eu vi que não era isso, eu tava afastando aquilo ali porque não era algo que eu queria fazer porque eu tava com medo de como as pessoas iam perceber, mesmo que hoje eu não deva nada pra ninguém. Eu tenho uma vida que, sei lá, todo mundo cagou [sic] se eu botei um brinco ou não. Então essas coisas de se aproximar desse pólo, que é um pólo de demonstração de feminilidade masculina, é uma coisa que eu acho que fica muito intrínseca e que você tá numa luta constante pra passar por cima disso, sabe? Ser bicha, pra mim, cria e não cria formas de reinterpretar as masculinidades. Não cria porque eu não acho que é necessário que eu tente rever a masculinidade. Se a masculinidade for isso [normativa], tudo certo, eu só não sou. Mas ao mesmo tempo sim, porque eu acho que o pertencimento de gênero, *ser homem*, precisa ser revisto, ou talvez ampliado. Mas ao mesmo tempo, se o normativo é tipo *ser masculino*, tudo bem, eu só não estou próximo disso. Então meio que cria e não cria. Não acho que tem a necessidade de só porque eu sou bicha, eu dizer que ser bicha também é ser masculino. Pode também não ser. Pode ser algo *in between* [entre o masculino e o não masculino]. Eu tenho muitos espectros de feminilidade, mas pra mim eu acho que é uma coisa muito sazonal, e que depende muito do ambiente em que eu estou circulando. Pra mim, não é algo que eu faço de maneira mecânica [proposita] na cabeça, tipo “Vou ser menos masculino, ou menos feminino” *ad hoc* [para determinado fim] aonde eu estiver. É muito mais sobre o quanto o ambiente me estimula a algo. Então é o contrário, não sou eu que estou estimulando o ambiente, o ambiente que me estimula muito, pelo menos eu sou assim. Eu sinto que quando eu estou entre as minhas bichinhas queridas, eu sou uma bichona total. Mas aí quando eu tô em algum ambiente muito heteronormativo, ou que eu tenho que, por exemplo, performar algo *profissional*, e ser bicha não é ser profissional, isso vem de um jeito voluntário, eu acabo transicionando pra um lugar mais contido. Um lugar menos eu, talvez. Isso é muito difícil porque eu trabalho com político, então o tempo inteiro eu me vejo num lugar onde ninguém me estimula a isso [ser bicha, livre], ninguém nunca falou nada. Eu trabalho numa empresa que caga [sic] pra isso. Tem um monte de bicha trabalhando lá e não é nem uma empresa brasileira, então eles nem têm essa ideia cristã de trabalho. Ao mesmo tempo, me podam o tempo todo, então é muito complicado porque não

necessariamente é um lugar onde eu tô “autorizado” a ser bicha. Eu entro muito num modo [de comportamento] diferente. Acho que eu nunca sofri homofobia e sou uma pessoa que me pode o tempo inteiro por conta disso. Acho que se sofri homofobia foi dentro de casa, mas sofrer homofobia vindo de uma pessoa contra quem eu estava completamente sem guarda, não. Então, de alguma forma eu via aquilo a bicha como algo que eu queria me distanciar, porque obviamente eu via como algo que as pessoas *riam de*. Mas depois eu entendi que não. Estudar cultura ajuda muito nessa coisa, você cria novos referenciais de sociedade quando você interage com *culturas*. E aí quando eu fui conhecendo novas formas de expressão a partir de algo que não era minha vida, era a vida de outro, tipo filme, literatura... eu vi que [a bicha] era algo que as pessoas estavam deixando de *rir de*, mas se apropriando enquanto uma forma de vivência. E aí eu fiquei muito mais confortável pra tipo assim, dizer: “Ah, talvez eu possa ser isso porque eu não vou necessariamente ser *apontado*, mas eu vou ser *identificado*”. E essa identificação pode ser algo bom, pra mim foi mais nesse sentido. Apontado, seria ser visto como um subgrupo, como um gueto, ser visto como algo separado da sociedade. É como se a sociedade fosse um círculo, e tem outro círculo que tá por fora que é apontado como algo distinto. Acho que entra muito na coisa da distinção, de separar, água e óleo. E acho que ser identificado é *fazer parte de*. Você estar dentro do círculo da sociedade, e as pessoas lhe enxergam como membro desse grupo. E pra mim, foi um pouco desse lugar, de me ver como pertencente, mas pertencente de um jeito diferente, junto com outras pessoas que também são outros guetos. Eu não tava muito preocupado se a bicha seria um xingamento ou não, porque eu acho que eu ia ser rechaçado de qualquer forma, então eu tive muito medo de como as pessoas iriam me perceber, mas eu acho que não tem o que fazer. Eu acho que se você chegar num lugar, e as pessoas de lá te xingarem, eu acho que não é um ambiente em que você tem que estar. Então eu sempre fui muito mais pra esse lugar, se é inevitável isso [ser apontado/identificado como bicha] acontecer, é melhor se distanciar [de quem é homofóbico]. Eu acho que a bicha é uma identidade coletiva. E nisso, trago muito o que tô passando atualmente. É muito interessante estar num ambiente onde você não está autorizado a ser bicha, não como regra, mas como cultura, então é colocado num lugar mais “polido”. E só tem outra bicha além de você, então você vê que vocês dois estão passando pela mesma situação. E o mais interessante agora foi que eu voltei de uma viagem de trabalho e tinha uma outra bicha que era o cliente que tava pagando a consultoria e era uma bichona, bichonassa, uma das maiores que já vi na minha vida e dentro de um ambiente aonde talvez ele fosse a pessoa que iria me podar. Então obviamente tem uma identificação, eu conversei com ele, a gente se aproximou muito, justamente porque eu acho que os dois entram no mesmo lugar [o da posição marginalizada]. Tipo, “Estamos no

lugar em que a gente não poderia ser a gente, mas agora a gente vai ser, tá bom? Relaxa aí, tamo junto, fica calmo!”.

ANEXO C - ENTREVISTA GABRIEL

Meu nome é Gabriel, tenho 27 anos, sou de Recife, me formei em Administração, moro com meus pais, com minha família na verdade porque minha irmã mora aqui também. Moro na Várzea, Zona Oeste de Recife. Eu acho que eu aprendi o que é essa ideia de ser homem com o meu pai, porque ele sempre tava me cobrando uma masculinidade que eu não tinha, não tenho, nunca tive e nunca apresentei. Também aprendi com a sociedade no geral, por exemplo, eu morava em um condomínio quando era pequeno e lá os meninos da minha idade na época percebiam que eu era diferente deles. Tanto eu, quanto outro amiguinho meu éramos diferentes. Então foi nesse momento, acredito que a partir dos meus 8 ou 9 anos, que eu comecei a perceber o que é que as pessoas esperam de um homem e que eu não era aquilo [risos]. Na família também foi bem ruim no começo, principalmente por parte do meu pai, que não aceitava desde muito pequeno. Tenho lembranças dele batendo com as sandálias nas minhas mãos porque eu “desmunhecava” e tinha todos os trejeitos, daí ele batia na minha mão por conta disso. Lembro do meu pai conseguir quebrar o sigilo de todas as minhas conversas do MSN⁵⁶. Ele imprimiu tudo e chegou em casa com um bolo enorme de conversa que dava pra perceber que eu era gay. Minha mãe nessa época só chorava e ficada calada, mas quando eu falei de fato [que era gay], quem reagiu pior foi minha mãe, meu pai reagiu até bem, e hoje em dia é tudo tranquilo, 100% paz. Eu acho que minhas memórias de primeira apresentação da bicha pra mim são possivelmente em algumas novelas que eu lembro de assistir. Também com alguns filmes, acho que foi aí que eu comecei a entender. As pessoas já falavam, porque as pessoas começam a falar da sua sexualidade antes mesmo de você entender o que é ser hétero, ou o que é ser gay, as pessoas já falam pra você o que é que você é. Acho isso no mínimo engraçado. Mas eu acho que eu comecei a ter os meus primeiros contatos com o que é ser bicha através de filmes, de novelas. Essas são minhas primeiras lembranças, eu lembro que quando eu era pequeno, com mais ou menos 10 anos, aqui em casa tinha TV por assinatura e tinha uma cena de uma série chamada Desperate Housewives, que o filho de uma das personagens beija outro cara. Eu lembro que isso passava no comercial da emissora, e sempre que passava eu ficava meio assustado olhando pra essa cena. Eu não entendia muito bem, mas eu gostava de assistir a essa cena. Então eu acho que os meus primeiros contatos foram assim. Inclusive, eu acho que quando se trata de produções brasileiras, a figura da bicha era muito ridicularizada. Eu acho que produções de fora já retratavam melhor. Não *tão* melhor, mas, pelo menos as que eu lembro,

⁵⁶ Antiga rede social de troca de mensagens.

retratavam um pouquinho melhor o que era ser bicha, o que era ser gay. Eu lembro da Lacreia, que não era nem gay, era uma mulher trans, mas naquela época, a mídia só falava que ela era gay. E era muito complicado quando eu era muito mais jovem porque eu sempre era comparado com personagens e pessoas da mídia aqui do Brasil que eram bichas. E isso era sempre num tom de ridicularização. Não tô dizendo que essas pessoas deviam ser diferentes, acho que elas deveriam ser como elas eram, mas na época a gente ser comparado, eu ser comparado com esses personagens, com essas personalidades da mídia, acho que isso prejudicou um pouco a questão da minha aceitação. Eu acho que eu demorei mais pra me aceitar por conta das ridicularizações que eu via que outras bichas sofriam. O que eu acho que essas pessoas tinham em comum para acabarem sendo ridicularizadas é a questão da feminilidade e também questões financeiras, essa era uma questão mais grave: ser pobre e bicha. E eu nem acho que todo gay é bicha, porque considerando que, pelo menos pra mim, a palavra bicha transmite a ideia de uma pessoa que não performa masculinidade e tem trejeitos femininos, acho que não são todos os gays que são bichas. Grande parte, sim. Mas não todos. Eu acho que, no geral, esses gays mais masculinos querem se distanciar da bicha, mas também seria problemático a gente esperar que todo homem gay tenha trejeitos femininos. Alguns só são do jeito que são [masculinos], outros você percebe pelo discurso que eles têm uma repulsa pela imagem da bicha e eles querem se distanciar dessa imagem. Existe uma hierarquia aí que começa pelo fato de que muitas bichas, muitos homens femininos quererem [afetiva e sexualmente] homens masculinos. Então isso dá uma posição de destaque para esses homens que são muito masculinos. Também tem a questão da repulsa ao feminino que ainda rola muito no Brasil, a gente vê pela própria política. Mas esses gays masculinos criam barreiras tanto afetivas, quanto sociais para não se relacionar com as bichas. Dá pra perceber que o mundo gay é muito dividido em grupos, como dizem [risos]. E geralmente esses gays que são muito mais masculinos, eles preferem andar com gays mais masculinos, se relacionar com gays mais masculinos. No mundo gay tem os *twinks*, que são os homens gays mais magros e mais jovens. A palavra se refere a isso, gays mais magros e jovens. Tem os *bears*, que são os caras mais peludos e gordos. Tem os gays mais femininos, que podem ser *bears* ou *twinks*, tem os caras mais masculinos, são vários atributos que podem se relacionar dentro dos grupos gays, mas a bicha pode ser comum a vários grupos. Acho que, de primeira vista, um cara que seja mais peludo, de barba, pode até aparentar ser mais masculino, mas com a convivência, dá pra perceber que não é assim. A bicha tá presente em todos esses grupos: fortes, magros, gordos, peludos, depilados. Inclusive é muito engraçado ver que hoje muitos gays gostam de assumir seus pelos, enquanto muitos héteros, masculinos, de academia se depilam. É engraçada essa

inversão que rolou: gays usando calças *mom jeans*, folgadas, héteros usando calças mais apertadas. Então essa história de que a bicha é “desse jeito” [como um estereótipo], não cola mais. Acho que a bicha tá presente em todos os grupos de gays. O que essas bichas de diferentes grupos têm em comum é a feminilidade, a questão da “afetação”, que o pessoal fala. É curioso isso da feminilidade porque eu sempre me identifiquei mais com mulheres do que com as próprias bichas. É como eu disse, as pessoas falam da sua sexualidade antes mesmo de você entender a sua sexualidade, e eu não me enxergava muito como a Lagraia, eu me identificava mais como a Sharpay⁵⁷ de *High School Musical*. Uma patricinha. Quando eu brincava com os meus amigos e a gente separava os papéis, eu sempre queria ser alguma patricinha de algum filme. Então, eu sempre me identificava mais com esses personagens femininos do que com personagens homossexuais, por assim dizer. E eu acho que isso ficou comigo [risos]. Eu sou uma pessoa extremamente feminina. Eu sou um homem gay extremamente feminino. Eu acho que no geral eu sou completamente feminino: minha voz, meus trejeitos... As coisas que as pessoas já esperam que eu vá vestir de roupa, meus looks... Por exemplo: eu gosto de comprar roupas no setor feminino, e isso já foi até mais frequente do que é hoje. Inclusive, recentemente eu comprei roupas na Shein⁵⁸, no setor feminino, acho que uma jaqueta. Acho que tudo isso remete muito mais a feminilidade do que a masculinidade. E eu gosto, eu me sinto muito bem vestindo essas coisas. Demorou muito até eu me aceitar do jeito que eu sou, mesmo que tenha sido menos do que pra outras pessoas. Eu comecei a me aceitar, de verdade, com 16 anos. E acho que comecei a aceitar a minha feminilidade mais ou menos com essa idade também, com 15 ou 16 anos. Muito disso aconteceu porque os meus amigos começaram a ter experiências homossexuais na época da escola e eu não queria ficar pra trás [risos]. Acho que os meus primeiros desejos vieram muito cedo, eu era bem jovem. Com 5 ou 6 anos, tinham alguns homens, personalidades da mídia, que eu achava muito bonitos, mas eu não entendia isso. Achava muito bonitos, muito fascinantes, mas eu não entendia esse desejo. Também rolou algum fascínio, para além de amizade, com alguns colegas de escola quando era mais novo, mas eu realmente comecei a me entender como homossexual com uns 12 anos, por volta disso. E com uns 13 ou 14 anos, na época do Orkut, tinha muitas comunidades que eu participava com perfil *fake* e eu conheci muitos casais, tipo de mulher com mulher e homem com homem. Foi aí que eu comecei a entender o que eu queria, mas eu ainda não aceitava muito bem. Só comecei a aceitar lá pros meus 16 anos. Eu lembro que eu comecei a andar com um grupo de meninos e

⁵⁷ Personagem do filme *High School Musical*. No enredo, é a loira, patricinha e rica, viciada em rosa que atua como antagonista da história.

⁵⁸ Loja chinesa online especializada em ultra fast fashion.

de meninas na escola que já eram “pra frentex” [desconstruídos], mais descolados e já tinham a coisa da sexualidade mais bem resolvida. Alguns já eram assumidos pros pais, tinha uma menina que andava de mãos dadas com uma outra menina da escola que era desse mesmo grupo. Então eu acho que começou a surgir um sentimento de “eu não posso ficar pra trás, eu também sou assim, eu também me sinto assim”. Então isso tudo acelerou e facilitou o processo. Estar em grupo acelerou o processo, sem sombra de dúvidas. Estar com eles me ajudou a perceber que eu não estava sozinho, então o grupo me ajudou bastante nesse processo ainda dentro da escola, durante o Ensino Médio. Apesar de que na escola nem sempre as coisas foram tão tranquilas assim, até a oitava série eu estudava em outro lugar e eu sofria *bastante* bullying, bastante. O Ensino Médio eu fiz num colégio diferente do que estudei até a oitava série, então no Ensino Médio, eu já entrei com outra mentalidade, entrei pensando “Eu não vou dar liberdade pras pessoas fazerem bullying comigo”. Então eu entrei com a mentalidade de que eu iria tentar me juntar com pessoas com que eu pudesse me sentir seguro, foi aí que eu me juntei com esse grupo de pessoas mais descoladas e mais pra frente no Ensino Médio. Em outros lugares eu também sentia uma repressão contra a minha sexualidade, tipo no condomínio que eu falei que morei, onde os meninos já percebiam a minha sexualidade. Acho que morei lá de 2003 até 2020, mas não foi o tempo todo que eu morei lá que sofri bullying. Deve ter sido mais ou menos de 2003 até, sei lá, 2011, que foi o ano que eu me assumi. Isso é engraçado, quando eu me assumi e comecei a demonstrar que não me importava mais com isso, as pessoas pararam de ter oportunidade de fazer bullying comigo, ou pelo menos tiveram menos [oportunidades]. Eu acho que esse processo todo me fez, sim, reinventar a minha masculinidade, me fez entender que ser homem pode ser algo diferente do que me ensinaram e pode ser algo não normativo. Passei muito por isso, não de caso pensado, foi tudo muito natural. Durante o processo eu não ficava pensando muito, mas aconteceu. Por exemplo, aquilo que falei sobre usar roupas femininas: se fosse há 15 anos atrás, eu jamais teria abertura, até mesmo aqui em casa, de comprar uma roupa no setor feminino porque “roupa feminina é feita para mulheres”. Mas eu fui desconstruindo essa ideia dentro de mim e até mesmo aqui em casa. Comprar uma roupa feminina não vai fazer de mim mulher ou uma pessoa trans. É só uma roupa. Então eu acho que desconstruí e ressignifiquei a ideia do que é ser homem, mesmo que não tenha sido de caso pensado. Acho que hoje pra mim a ideia de “ser homem” tem muito a ver com ser lido enquanto homem. Eu acho que ser homem é ter os privilégios que um homem tem, porque eu acredito que tem a ver com a forma como a gente se enxerga e como as outras pessoas nos enxergam. Eu acho que têm coisas que independem do indivíduo, dependem de como a sociedade o vê. Então eu acho que pra além do ser visto, eu tenho que me ver como homem também. E isso

envolve uma série de privilégios, ou não, pra diferentes pessoas. Mas acho que ser homem pra mim, não é mais aquela ideia engessada, tanto que hoje eu uso minhas roupas femininas tranquilamente. Eu curto e gosto bastante de ser um homem feminino. Hoje já naturalizei totalmente esse comportamento, eu até gosto de ser diferente. É uma sensação muito boa. É engraçado também ver o fascínio das pessoas, porque se antes elas demonstravam nojo, repulsa, hoje eu vejo muito um sentimento de curiosidade e eu *gosto* de atizar a curiosidade das pessoas. Então eu gosto, gosto de ser diferente. Gosto de verdade de ser assim do jeito que eu sou. Acho que algo que me ajudou muito foi ver amigos meus iniciando relacionamentos, tendo uma boa relação com os corpos deles, seus desejos, me ajudou bastante. Acho que o ser humano tem uma necessidade de pertencimento a grupos. Eu acho que ainda que a gente às vezes diga que não, todo mundo, lá no fundo, quer participar de algum grupo e sentir que pertence a algum grupo. Ver que as pessoas estavam felizes do jeito que elas eram, e o jeito que elas eram era bem parecido com o meu jeito, me fez mudar o meu pensamento. Hoje, tenho vários grupos de amigos com homens femininos, com mulheres, pessoas trans e acho que participar desses círculos me ajuda bastante porque eu me sinto mais... acolhido, acho que a palavra certa é essa. Me sinto mais forte também. Não me sinto sozinho. Então é bom saber que a gente existe enquanto um grupo que não é pequeno. Talvez a gente seja uma minoria em direitos, mas não em quantidade. Hoje eu acho que acolho mais do que sou acolhido, porque eu não preciso mais tanto disso [ser acolhido] por já estar numa posição de muito conforto no trabalho, na família, então eu não tô mais procurando tanto acolhimento hoje em dia. Daí tento acolher outros que ainda não têm a mesma liberdade que eu, que são mais “enrustidos”, que não têm a mesma abertura pra falar de sexualidade. Então acho que nos grupos que eu participo hoje em dia, eu estou muito mais para dar apoio, como um retorno do que recebi no passado, do que para ser apoiado. Eu procuro acolher escutando, dando conselhos, não tem muito o que eu possa fazer por outras pessoas, são vidas que independem de mim. Mas acho que estar sempre presente escutando, acolhendo e ajudando outros nesses processos de entendimento e aceitação. Porque eu acho que são dois processos diferentes. Primeiro você se entende e depois você se aceita. Acho que se eu pudesse falar algo pra um *eu* meu mais novo, eu falaria pra não perder as oportunidades, porque quando você tem medo, você perde muitas oportunidades. E se eu não perdesse elas, isso poderia me ajudar a me descobrir, me entender e me aceitar mais rápido como gay. E bicha. Eu acho que fugi muito no começo, e se eu pudesse voltar no tempo, talvez eu desse esse conselho pra um Gabriel mais novo: “Não tem medo, sabe? Só vai. Respira fundo, engole o medo e vai. Ninguém vai descobrir!”. E se descobrir, acontece, né? [risos].